

A teimosa guerra entre Irão e Iraque

Bombardeadas três cidades

Primeiro foi a cidade iraniana de Dezjul a ser bombardeada pelas forças do Iraque. Depois foi o Irão, em retaliação, a bombardear a cidade iraquiana de Basorá. Depois foi novamente o Iraque, em retaliação, a

bombardear a cidade iraniana de Abadan. Único balanço de guerra: 5 mortos e 70 feridos no ataque iraquiano à cidade iraniana de Dezjul. Por enquanto, sobre vítimas civis não há números. Os jomais da Arábia

Saudita pediam hoje às superpotências e à ONU que pusessem termo ao conflito Irão-Iraque, antes que a guerra alaste ao Golfo Pérsico.

Págs. centrais

Um conselho de ministros romântico

Quando se reconhece que a política neste «deserto azul» é obra de ficção, não surpreende que de Lisboa, desencantado, o Governo tivesse ido buscar à verdejante Sintra, cantada por poetas, enaltecida por prosadores, a frescura e a tranquilidade que meditadas decisões exigiam.

Para considerar até que ponto, em ano de desafios eleitorais, o Partido Socialista poderia ceder às exigências do Partido Social-Democrata, repetiu-se a fuga das personagens das ficções queirozianas a esta Lisboa agitada e perversa. Ali, na verde Sintra, de Lord Byron e de Ferreira de Castro, num hotel, o Governo refugiou-se durante dois dias para, cumprida a agenda na parte em que exigia algum isolamento, muita frescura de ideias e horas de convívio interministerial, regressar a Lisboa, ao mármore e granito, ao cimento e ao vidro da capital, e, em plenário, dar balanço e sequente publicidade às «importantes decisões» tomadas.

A nova directoria do PSD é o seu direito como parceiro da «coligação governamental», e é imperativo da manutenção da sua presença na direcção do partido, pretendeu levar o PS a cumprir o articulado do pacto político que serve de fundamento à aliança de Governo. Por seu lado, o PS pretende, a todo o custo, manter a continuidade governativa, pelo menos até ao momento de lançar, com alarde publicitário, a sua candidatura à Presidência da República. A reunião do Conselho de Ministros em Sintra terá sido condicionada por estes factores: o interesse da manutenção e consolidação da actual Comissão Política Nacional do Partido Social-Democrata; o interesse de manter o Governo em exercício pelo mais dilatado prazo. Ou seja: até que o Presidente da República não possa exercer a sua capacidade de dissolver a Assembleia da República.

Continua na pág. 2

DL

O processo foi «desenterrado» pelo «DL»

Alípio Dias manda Nabeiro pagar 400 mil contos

●Procurador do caso de Setúbal aposentado compulsivamente

Pág. 9

Portugal não cumpre acordo diplomático com Moçambique

Embaixador dorme na chancelaria

Contra um prédio moderno de 16 andares e uma moradia com piscina em Maputo, Portugal forneceu à representação diplomática moçambicana um edifício com deficientes instalações e uma residência oficial onde a chuva entra

Pág. 5



Sismo no Algarve: um «diabo» à mesma hora da TV

Tremeu a terra no Algarve, pouco tempo após muitos dos seus habitantes terem visto pela televisão a terra abalada por via de uma erupção vulcânica, no decurso do filme «O diabo às quatro horas». Não passou do susto, este abanão com epicentro a 160 quilómetros de Lisboa. Mas não faltou, entre os espectadores quem atribuisse a sugestão aquilo que na verdade acarara de sentir.

Pág. 8

Hoje
Maria Ondina Braga
no Ler/Escriver



Foto de Francisco Paísa

Rallye também mete «vira minhoto»

Biasion à frente

Inesperadamente o italiano Massimo Biasion mantém a liderança do Rali de Portugal no final da 1.ª etapa depois de disputadas 17 provas de classificação das quais venceu uma dezena. Pelas 14.30 horas de hoje as «máquinas» arrancam para a 2.ª etapa (Póvoa-Póvoa) que certamente irá provocar várias alterações na tabela geral. Será o começo da «guerra das estrelas»?

comunicação social



Cesário Borge, novo presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas, intervindo ontem, na tomada de posse dos novos corpos gerentes

SJ: posse dos corpos gerentes

«Instrumentalização ao serviço de projectos partidários e pessoais em 1985»

— prevê José Pedro Castanheira

O presidente da Direcção do Sindicato dos Jornalistas afirmou existir «sérios indícios» de em 1985 se verificar a «manipulação dos órgãos de informação», com a sua «instrumentalização ao serviço dos projectos partidários e pessoais».

Falando no acto da tomada de posse (ontem ocorrida) dos novos corpos gerentes do SJ, José Pedro Castanheira apelou aos jornalistas para que «não deixem de resistir», a todas as formas de ingerência no seu trabalho, evitando reeditar 1980, «ano de triste memória» para o jornalismo em que se realizaram as últimas eleições para a Presidência da República.

«Somos e queremos continuar a ser militantes do jornalismo», acrescentou, «o que é bem diferente de jornalistas militantes ou de militantes no jornalismo».

José Pedro Castanheira realçou também o estatuto de independência do SJ, consubstanciado no facto de representantes da CGTP e UGT terem assistido ao acto.

Durante a sua intervenção, apelou para a colaboração de todos os jornalistas com a nova Direcção do Sindicato e convidou o Fialho de Oliveira, candidato a presidente da Direcção da lista derrotada, a integrar a Comissão Organizadora do II Congresso dos jornalistas, que se deverá realizar ainda este ano.

Por seu turno, Cesário Borge, presidente da Direcção cessante e agora empossado no cargo de presidente da Assembleia Geral, congratulou-se pela passagem sem sobressaltos, da Direcção do Sindicato, para as mãos da nova geração de jornalistas.

Segundo Cesário Borge, o acontecimento «evidencia a frescura, a vida e a juventude desta instituição que completou há semanas 51 anos de idade».

As posses foram conferidas pelo presidente da Assembleia Geral cessante, jornalista Helena Marques.

António Read Henriques

— morreu o mais velho jornalista açoriano

António Gaspar Read Henriques, o mais velho jornalista açoriano faleceu ontem em Ponta Delgada com 90 anos.

Read Henriques foi director do matutino micalense «Correio dos Açores» e até há pouco tempo colaborou na Imprensa açoriana.

Notabilizou-se na defesa do regime autonómico dos Açores no período de 1920.

Era o último elemento vivo de um grupo de açorianos que nos anos vinte pugnou pela instituição da autonomia regional, e do qual faziam parte José Bruno Carreiro, Aristides Moreira da Mota e Luís Betteencourt.

António Gaspar Read Henriques foi um dos fundadores do Instituto Cultural de Ponta Delgada e era membro da Irmandade do Senhor Cristo dos Milagres.

Pésames do «DL».

Cabaço no Maputo

«O jornalista não pode ser neutro»

O ministro moçambicano da Informação, José Luís Cabaço, presidiu em Maputo à abertura solene do IV Curso da Escola Nacional de Jornalismo.

Aquele membro do Governo situou, na sua intervenção, a missão do jornalista no contexto de um país em guerra, aproveitando o momento para dirigir severas críticas «à mentalidade euro-ocidentalista» que não toma em conta as realidades africanas

que, segundo o governante, devem ser teorizadas a partir do solo moçambicano.

«O jornalista é um cidadão e, por isso, não pode cultivar a neutralidade. Este povo, que não outro, exige-lhe um compromisso» — acentuou.

Refira-se que o delegado da NP no Maputo, Augusto de Carvalho, cuja delegação se situa ao lado da Escola, é um dos professores da referida instituição.

Quem quer comprar a UPI?

A United Press Interacional (UPI) anunciou, em Washington, que despediu o seu presidente e está a tentar encontrar um comprador para a agência noticiosa.

A UPI disse que os principais proprietários da agência, Douglas Ruhe e William E. Geissler, estão a dar passos para «desistir do controlo» em ordem a assegurar a reorganização financeira da agência noticiosa «e garantir o seu futuro».

Fontes da agência disseram que se estava a tentar marcar para hoje uma reunião em Los Angeles com os seus principais accionistas e credores.

O anúncio feito pela UPI (procura de um comprador) surgiu sob a forma de uma notícia.

trabalho

Dívidas da EDP ascendem a 700 milhões de contos

— Reservas de ouro mal chegariam para as liquidar

As reservas de ouro portuguesas, avaliadas em oitocentos milhões de contos, quase não chegam para pagar a actual dívida da EDP, que ascende a 700 milhões de contos — revelaram os órgãos representativos dos trabalhadores da empresa.

«Apenas por efeito das variações cambiais, resultantes da desvalorização do escudo, a dívida externa da EDP (70 por cento da total) aumentou 144 milhões de contos entre 1980 e 1984», afirmou um elemento da comissão de trabalhadores da empresa.

As afirmações foram ontem feitas na conferência de imprensa de apresentação do primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores da EDP, que se realiza no sábado, em Lisboa, por iniciativa dos ORT's da empresa.

Os representantes dos trabalhadores acusaram o Estado de se estar a servir da EDP como «veículo de captação de divisas, forçando a empresa a contrair empréstimos no mercado externo sem contrapartidas para os riscos cambiais».

«A EDP recebe em escudos, mas paga em dólares, o que tem acarretado elevados prejuízos devido à constante valorização

da divisa norte-americana e a desvalorização da moeda portuguesa», frisou um elemento da comissão organizadora do encontro.

Por outro lado, as dívidas do Estado à empresa ultrapassam actualmente os 156 milhões de contos, dos quais 80 milhões são da responsabilidade das autarquias e 76 milhões do Fundo de Apoio Técnico (FAT), acrescentou.

A EDP é credora ainda dos sectores empresariais estatal e privado em cerca de 40 milhões de contos.

«O contínuo agravamento das dívidas do Estado e das empresas privadas retira à EDP importantes meios financeiros e obriga a empresa a contrair empréstimos em valores superiores aos que necessitaria em condições normais», salientou.

Um documento distribuído na conferência de imprensa indica que a EDP só consegue cobrar 70 por cento da energia que fornece anualmente e que em 1984 o aumento da facturação da empresa (estimado em cerca de 33 milhões de contos) foi muito inferior ao agravamento das dívidas.

Segundo o documento, es-

tima-se que os encargos financeiros cobriram, em 1984, 93 por cento da facturação da empresa, o que reduz qualquer possibilidade de auto-financiamento.

Assim, dado que as dotações governamentais para investimentos são praticamente inexistentes, as EDP financia o seu investimento quase exclusivamente com empréstimos bancários externos e internos, salienta o comunicado.

Falta de investimentos

Todavia apesar de ser o maior investidor nacional, a EDP tem vindo a investir o mínimo possível, valores abaixo dos quais ficaria, dentro de seis anos, comprometida a capacidade da empresa de responder às necessidades de consumo do País em electricidade, acrescenta.

No documento é salientado ainda que a produtividade média dos trabalhadores tem crescido nos últimos anos a um ritmo superior ao das despesas com pessoal.

Assim, a produtividade média do trabalho foi em 1984 de 5946 escudos, contra 3753 em 1983 e 2173 em 1982.

Os ORT's sublinharam também que a degradação da rede de distribuição de gás à cidade de Lisboa se deve ao facto de a EDP não ter feito, nos últimos dois anos, qualquer investimento no sector.

Um elemento da comissão de trabalhadores explicou que a administração da EDP «não mexe» na distribuição de gás porque há dois anos que o Governo pretende entregar aquele serviço a outra empresa.

Os representantes dos trabalhadores acusam ainda a administração de, por um lado, afirmar que a empresa tem pessoal a mais e, por outro, alinear parte da actividade da EDP e recorrer frequentemente ao aluguer de mão-de-obra.

Por todas estas razões, a comissão de trabalhadores e sete estruturas sindicais da empresa decidiram organizar o primeiro encontro nacional de trabalhadores da EDP.

Segundo a organização, pretende-se com o encontro «não só analisar criticamente, a gestão da empresa e a política preconizada pelo Governo, mas também apresentar as soluções de quem nela trabalha, sente a sua utilidade social e a defende como empresa única».

Sorefame incentiva saída de trabalhadores

Quatro trabalhadores da Sorefame candidataram-se já ao financiamento para a construção de novas empresas, segundo um projecto da administração de incentivo à redução de efectivos — refere uma informação colhida pela NP.

Entre as formas negociadas previstas naquele projecto, contam-se também a colocação noutras empresas, às quais a Sorefame se compromete a fazer um empréstimo de 600 contos por cada trabalhador admitido, fórmula para a qual se candidatou já um empregado.

No que diz respeito à constituição de novas pequenas em-

presas, a Sorefame prevê um apoio financeiro, no montante de 1400 contos por posto de trabalho suprimido na empresa e a conceder à nova sociedade a constituir.

Esse empréstimo deverá ser amortizado linearmente, a partir do terceiro ano e a efectuar em seis semestralidades. O período de duração do empréstimo é de cinco anos e as taxas de juro, que só começam a vigorar a partir do segundo ano (com cinco por cento) atingem os 10 por cento no último ano.

A Sorefame compromete-se ainda a fornecer apoio técnico na organização dos processos de

constituição, montagem completa dos serviços de contabilidade, organização da produção e na aquisição de bens ou serviços produzidos pela sociedade caso se situem no âmbito das aquisições habituais da empresa.

No caso das saídas negociadas com colocação em outras empresas, a administração da Sorefame prevê o direito de cada trabalhador receber um subsídio igual ao previsto nas saídas voluntárias — como forma de apoio directo ao trabalhador — e a atribuição de um empréstimo às empresas que venham a receber os elementos daquela empresa pública.

MDF declarada em situação económica difícil

A empresa do Tramagal Metalúrgica Duarte Ferreira (MDF) foi hoje declarada em situação económica difícil, por resolução do Conselho de Ministros publicada no «Diário da República».

A resolução do Conselho de Ministros implica a redução dos efectivos da empresa entre 400 e 600 trabalhadores, «no pressuposto de que por essavia e com a adopção das restantes medidas se alcançará a viabilização efectiva da empresa e se assegurará a manutenção dos postos de trabalho que permanecem».

A declaração em situação económica difícil da MDF terá a duração máxima de um ano, podendo ser prorrogada ou cessada por despacho conjunto dos ministros das Finanças e do Plano, da Indústria e Energia e do Trabalho e Segurança Social.

Entre eles, a resolução aponta, para além do despedimento de parte dos trabalhadores, que se deverá realizar «tanto quanto possível, por mútuo acordo»: antecipação reforma dos trabalhadores de idade superior a 55 anos, em moldes a definir por despacho do Ministério do Trabalho e Segurança Social; proibição da situação de pluriemprego; redução dos encargos «per capita» com o pessoal através de medidas que eliminam regalias como faltas justificadas, subsídio de doença e suspendem cláusulas do contrato colectivo de trabalho em vigor para o sector.

O pedido de declaração da MDF em situação económica difícil, salienta a resolução do Conselho de Ministros, foi solicitada pela própria administração da MDF, face à crise que se abateu desde há anos sobre a empresa.

Messa responsabiliza Governo

A Comissão de trabalhadores (CT) da Messa enviou um telex ao Primeiro-Ministro, Mário Soares, exigindo a resolução dos problemas da empresa, o pagamento dos salários e a garantia dos postos de trabalho — revelou a CT.

Um porta-voz da CT da Messa disse que o documento foi ontem

enviado para o Hotel de Sintra onde decorre a reunião do Conselho de Ministros depois de a Segurança do Governo se ter recusado a receber um exemplar que uma representação dos trabalhadores ali fora entregar.

O documento enviado responsabiliza o Governo pelos «três meses de salários em atraso, pela paralisação da empresa e

pela clara ameaça de despedimento que nos (aos trabalhadores) é feita».

A CT da Messa recorda que já foi várias vezes «protestar contra a situação de fome» junto à sede do Conselho de Ministros em Lisboa, afirmando que na passada quinta-feira «a resposta foi a prisão de 26 trabalhadores».

Um conselho de ministros romântico

Continuação da pag. 1

Ouvimos já dizer que o Conselho de Ministros de Sintra era «um recado para Eanes». Tê-lo-á sido. De recados, investidas e réplicas, se vai enriquecendo a obra de ficção que é a nossa política. Entre a sombra de D. Fernando príncipe-artista, a lembrança de D. Luís, tradutor de Shakespeare, e a recordação de D. Carlos, rei pintor e caçador, os ficcionistas da nossa política, fiéis aos doces costumes do Poder, construíram na areia das suas ansiedades soluções que são respostas a exigências partidárias, ou que tendo-as em conta, representam meras pre-

cauções eleitorais.

Da romântica reunião estava excluída a realidade portuguesa, a realidade urbana e a realidade rural. E de Sintra, última visão da terra quando os portugueses partiam da Europa para a aventura dos mares a arar, nem se descurtinava; das janelas do hotel onde o Governo reuniu, caminho para atingir o coração da Europa das Comunidades.

Nem se via a Espanha.

Nem a vista alcançava a África.

Nem, nos bosques românticos, a Primavera, inchando os brotos, anunciava Abril.

O que se passa na região transmontana?

António Modesto Navarro

A situação no Nordeste Transmontano continua a agravar-se, com forte incidência nas questões do poder local, no encerramento das vias férreas, no agravamento da vida dos agricultores e no estrangulamento de outras áreas importantes da vida regional.

Cansados de promessas e «projectos» que nada trazem de novo, os transmontanos interrogam-se, face ao poder central, que deixou de falar de regionalização, paralisa e inaugura as obras na chamada via rápida Porto-Bragança, tenta pagar a colheita de vinho de 1983 a preços mais baixos de que em relação a 1982, propõe, através da CP, o encerramento das vias do Tua, Corgo e Tâmega, depois de ter encerrado a do Sabor, dificuldade ainda mais a vida do poder local, com novos encargos e restrição de verbas, para completamente o Plano Siderúrgico, que teria como uma das bases fundamentais o aproveitamento dos ferros de Moncorvo, e prepara novas situações de destruição da vida do interior.

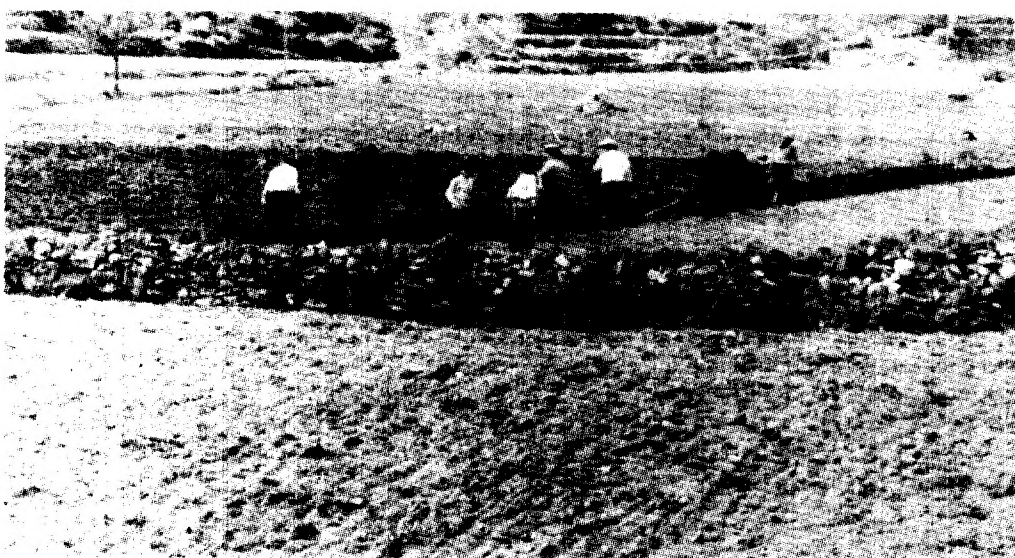
Para onde vamos?

Os escritores e jornalistas transmontanos que participaram recentemente no 3.º Encontro realizado no distrito de Bragança chegaram a conclusões que pela primeira vez ligam de forma clara o problema da defesa da cultura local e da informação ao desenvolvimento regional. Os resultados deste Encontro são mais efectivos de que as conclusões do 2.º Congresso de Escritores, realizado em Lisboa em 1982. E a explicação é fácil: os escritores e jornalistas que reuniram, no final de 1984, em Bragança, Miranda e Miranda do Douro, sentem na carne e na vida a situação de isolamento e destruição de Trás-os-Montes. Ouviram o ex-governador civil do distrito de Bragança falar da ne-

cessidade de «desenvolvimento regional» e viram-no logo depois demitido, como se defender o aproveitamento das potencialidades do Nordeste, numa perspectiva meramente capitalista, sem pôr na mesa questões de fundo, fosse crime grave para o governo a que Mota Pinto pertencia. Ouviram presidentes de Câmaras falar das carências e dos problemas dos concelhos já com alguma revolta, sem defenderem e aliviarem a carga e as culpas do governo central. Avaliaram eles próprios, em profundidade, a actual situação no que respeita às questões da defesa e projecção da cultura popular, desde o folclore ao artesanato. Tomaram conhecimento do projecto da CP e do governo, de encerramento das linhas férreas da região, previsto para 1985, como resultado de acordos firmados entre a CP, governo e autarquias locais dos distritos de Bragança e Vila Real. Informaram-se da situação na região demarcada do Douro, onde cerca de 2500 pequenos e médios produtores de vinho do Porto perdem os «benefícios» justos a que têm direito, a favor de multinacionais como a Cockburn e a Sandeman, que ocupam já muitas terras e produzem vinho do Porto como entendem. Ganham consciência da situação das aldeias da fronteira, abandonadas e remetidas a uma vida voltada para uma relação mais intensa com Espanha. Ficaram conhecedores da situação dos portugueses nas minas de Astúrias, sem escolas para os filhos nem apoio social, apesar de ter vindo de Espanha uma proposta feita à Secretaria de Estado da Emigração, com a oferta de instalações para uma escola que nem sequer foi aproveitada pelo governo para enviar um professor ou um assistente social português, pelo menos.

Maior estrangulamento

A situação dos autarcas é difícil. Uns contemporizam ainda



com o poder central e assinam protocolos e acordos de encerramento de vias férreas que irão estrangular violentamente a vida no Nordeste. Outros protestam, exigem e/ou ameaçam demitir-se. As populações vêem encerrar-se de dia para dia o horizonte da esperança e das sempre eternas promessas eleitorais. Os agricultores ficam sem comboios para receberem adubos e outros produtos necessários ao trabalho nos campos, com transporte assegurado a preços sociais, tal como acontece aos comerciantes, por exemplo, na sua área específica, para ficarem mais à mercê dos «operadores privados» e dos intermediários. Por outro lado, o escoamento já tão difícil da produção fica mais dificultado.

O garrote aperta-se em volta da vida, da cultura e do desenvolvimento socioeconómico do Nordeste Transmontano e de toda a região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Por isso os escritores e artistas presentes no 3.º Encontro aprovaram conclusões e moções que exigem melhores condições de trabalho e livre acesso das populações transmontanas à cultura e à informa-

ção, contra as leis de Segurança e dos Serviços de Informação; exigiram o arranque efectivo da regionalização; tomaram posição firme contra o degredo do Comissário Santinhos em Bragança e apoiaram a formação da Associação Sindical da PSP; denunciaram a «nova» lei dos Baldios e exigiram que a Assembleia da República considere os interesses das comunidades que há centenas de anos dirigem as terras que pertencem às aldeias e que respeite os direitos das populações ao usufruto pleno dos bens colectivos.

Contra os desígnios de quem está longe e apenas olha para Trás-os-Montes como fonte de energia e de votos, os escritores e jornalistas que participaram neste Encontro apresentaram comunicações e fizeram intervenções vivas, que significam já um levantamento sério dos problemas e potencialidades da cultura da região; alertaram os órgãos do poder e as populações para a necessidade de defesa correcta do artesanato, das danças, da música e de todas as áreas de criação cultural local, para que Trás-os-Montes não perca a sua identidade e vida

própria, perante essa realidade do entusiasmo «turístico» que começa a chegar a muitos portugueses, voltados para o interior e em especial para a região transmontana, desejosos de largarem (e sobretudo obrigados a isso, por dificuldades financeiras...) o hábito esvaziado de conteúdo cultural que é «ir passar férias ao Algarve».

A Trás-os-Montes não pode acontecer o que aconteceu à região algarvia, nomeadamente ao seu litoral. Temos que defender os nossos hábitos e cultura, temos que criar infra-estruturas culturais e condições de criação e difusão para que não fiquemos ainda mais longe do que fomos, do que somos e queremos ser no futuro.

Desenvolvimento regional

O turismo, correctamente orientado, é necessário para a região transmontana. Mas não pode substituir, como falsa e proclamada «indústria», um desenvolvimento coordenado, na agricultura e na industrialização tão necessária, no aproveitamento dos recursos hídricos, dos minérios e outras riquezas, que

favoreça as populações e nomeadamente a juventude, hoje sem empregos e perspectivas de saída.

Vale a pena conhecer as conclusões do 3.º Encontro de Escritores e Jornalistas transmontanos, realizado no distrito de Bragança. Ainda nenhuma outra região do país se pode orgulhar de reunir assim os seus ficcionistas, poetas, especialistas de cultura popular e jornalistas, numa perspectiva de reflexão conjunta, dentro da diversidade que os caracteriza, sobre as grandes potencialidades culturais e socioeconómicas que ainda restam e as dificuldades com que as populações se debatem, em todas as áreas da vida de Trás-os-Montes.

Como vale a pena estar atento ao processo de encerramento das linhas férreas da região (que já atinge a linha do Douro), à retirada de benefícios aos pequenos e médios produtores de vinho do Porto, à situação grave e generalizada da agricultura, ao estrangulamento do poder local e a outras tristes realidades que são afinal o resultado de sucessivas políticas de demagogia e eleitoralismo, quando o que se exige são medidas sérias de regionalização, de desenvolvimento coordenado e de conquista dos poderes local e regional pelas populações e seus legítimos representantes.

Enquanto não houver mais atitudes firmes, concretizadas na prática, de homens e mulheres responsáveis, de autarcas, escritores, jornalistas, trabalhadores e populações, em defesa da libertação efectiva e do desenvolvimento de Trás-os-Montes, o poder central continuará a exercer mal e a executar pior, através dos seus homens colocados na região e fora dela, de modo a restringir o pouco que foi conquistado desde 1974 e a apertar cada vez mais o cordão que já provoca hoje, na realidade, o estrangulamento e a morte lenta e dolorosa da região transmontana.

Terceiro Mundo

Mulher rural é garantia da alimentação da família

«A estabilidade alimentar da grande maioria das famílias camponesas do terceiro mundo assenta nas culturas secundárias produzidas pelas mulheres», afirma um estudo da universidade da capital holandesa.

O documento — elaborado por Luise Fresco, especialista em problemas de segurança alimentar do departamento de investigação agrícola da Universidade de Amsterdão — acrescenta que tal apreciação deveria ser incluída nos «planos de desenvolvimento agrícola preparados por organismos internacionais para fazer face à chamada segurança alimentar mundial».

Segundo o estudo, o facto de hoje se conhecer melhor que há dez anos a situação das mulheres nos diferentes países do terceiro mundo, constitui uma grande vantagem para deixar de pensar «nos problemas das mulheres rurais» como se fossem os mesmos, em todos os países e regiões.

Ter identificado «o papel fundamental desempenhado pelas camponesas africanas no cultivo das hortaliças», utilizadas sobretudo para preparar a confecção

da dieta-básica, «significa um passo em frente para evitar que a ajuda ao desenvolvimento se concentre nas sementeiras de arroz ou trigo, os grandes cultivos da revolução verde».

Neste sentido, segundo a especialista, as investigações e seminários internacionais que se realizam para detectar os problemas das mulheres «são um logro importante da década da mulher instituída pelas Nações Unidas».

Este estudo, que vai ser apresentado com outros, na conferência que no próximo mês de Agosto «fechará» em Nairobi, a década internacional da mulher, afirma que «não é certo, em termos absolutos, que hoje no mundo, incluindo as regiões mais afectadas de África, haja escassez de alimentos».

Afirma, a propósito, que existem sérios «problemas de distribuição, actividade esta que está directamente relacionada com a comercialização».

Nesse contexto, Luise Fresco considera que as organizações governamentais e não governamentais, cujas actividades as-

sentam exclusivamente no desenvolvimento rural, «devem mudar o próprio conceito de desenvolvimento».

«Não se trata de pôr em prática projectos 'para mulheres' e projectos 'para a população rural em geral'. As mulheres, afirma, são parte fundamental dessa 'população geral', e tão fundamental que, em 90 por cento dos casos, garantem a alimentação diária das famílias rurais».

«Elas devem estar presentes no 'espírito' com que são elaborados estes planos gerais».

Fazer projectos de desenvolvimento «especiais» para as mulheres, adverte Luise Fresco, «é insistir em marginalizar 50 por cento da população mundial».

A grave seca que, sobretudo nos últimos dois anos, assolou a região do Sahel, na África Central, «agravou os problemas das mulheres», nota Luise Fresco.

No entanto, acrescenta, «é importante que não haja confusões: os problemas estruturais das mulheres do campo da região do Sahel já existiam antes da seca».

Esta situação «climática e acidental», que não existe só em

África mas também em algumas regiões da Ásia, «serve para demonstrar os pontos fracos do sistema de produção, de aprovisionamento de alimentos às aldeias, e carência de infra-estruturas».

O documento sublinha que «é imprescindível que este conceito seja tido em conta, porque o desequilíbrio existe no sistema, e mesmo que as chuvas 'beneficiassem' agora estas regiões, os problemas manter-se-iam».

A seca, afirma Luise Fresco, «está a permitir-nos detectar com maior rapidez quais as maiores carências básicas e, neste sentido, salienta que na maioria dos países do terceiro mundo, as mulheres dominam todo o sector do comércio em pequena escala, o abastecimento das aldeias, o transporte e os pequenos mercados locais».

Regra geral, denuncia a especialista, os governos que não tomam em consideração a importância desta actividade, «oneram com impostos este tipo de actividade comercial».

Lucia Nieelssen — IPS

ponto a ponto



O ministro da Qualidade de Vida solicitou ao procurador-geral da República averiguação judicial «urgente dos factos que terão originado o envolvimento do seu nome no chamado «caso Dopa». Segundo o advogado de Sousa Tavares, esta averiguação judicial «é a forma mais cabal e completa de dar satisfação às exigências da opinião pública e da dignidade do cargo desempenhado pelo ministro da Qualidade de Vida».

A deputada dos «Verdes» alemães federais ao Parlamento Europeu, Brigitte Heinrich, encontra-se em Portugal, para avaliar sobre a possível instalação de uma base de rastreio de satélites em Almodôvar. Brigitte Heinrich inquiriu recentemente o Parlamento Europeu sobre se este órgão tinha conhecimento e aprovava a existência de um acordo bilateral entre os governos português e norte-americano para a utilização de uma base de rastreio de satélites, a instalar em Pico de Mu, Almodôvar, no Baixo Alentejo.

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, representará o estado português no próximo dia 15 em Brasília, na cerimónia de investidura de Tancredo Neves como presidente da República do Brasil, disse uma fonte oficial. Soares parte no dia 11, para regressar no dia 19, fazendo parte da missão especial, e a convite de Tancredo Neves, o chefe do Executivo, sua mulher, Maria Barroso, e o representante cultural, Alçada Baptista.



O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, visita oficialmente o México, a convite do seu homólogo, de 16 a 22 deste mês. A acção diplomática portuguesa na situação da América Central, nomeadamente as relações do Governo de Lisboa e o Grupo de Contadora, de que o México faz parte, é um dos temas a debater com os responsáveis mexicanos. A presença do ministro Jaime Gama coincidirá com uma reunião no México dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Grupo de Contadora com os seus homólogos dos cinco países da América Central.

Machete, Salgueiro e Rebelo de Sousa visitam as Distritais...

Dos «dinheiros» de Viseu a Bragança, a «tranquila»

Manuel Anta

Na ronda do último fim-de-semana pelas Distritais do PSD, Machete, Salgueiro e Rebelo de Sousa deixaram para trás Coimbra e Aveiro, rumo a Viseu e Bragança, convencidos de que «o pior já passou». Não erraram no prognóstico: em Viseu, o debate foi calmo e incidiu essencialmente sobre os «dinheiros» que a nova direcção política do PSD está ou não disposta a outorgar à região, via máquina do Estado. Em Bragança, onde no próximo fim-de-semana se afrontam para a Distrital uma lista mota-pintista e outra afecta à actual direcção política dos sociais-democratas, a tranquilidade foi total. Machete e Salgueiro (Rebelo de Sousa regressara entretanto a Lisboa) jogaram em casa.

Viseu e Bragança confirmaram o «milagre» da linguagem comum. Tal como em Coimbra e Aveiro, Rui Machete, João Salgueiro e Marcelo Rebelo de Sousa ofereceram a imagem de uma equipa onde aparentemente não há falhas, onde cada um está apto a fazer o discurso dos outros dois sem nele introduzir notas dissonantes.

Embora com estilos diferentes — Rui Machete, a calma e a pedagogia; João Salgueiro, a frontalidade e o económico; Marcelo Rebelo de Sousa, o brilhante e a sociedade —, todos eles demonstraram uma coesão surpreendente de discurso e de princípios, quer no que toca a questões do partido e do Governo, quer no que se refere ao tema quente das Presidenciais deste ano.

Essa unidade (mais fictícia do que verdadeira) permitiu-lhes aceitar e de certo modo ultrapassar todos os desafios, críticas e indirectas que lhes foram lançadas durante a ronda pelas Distritais. A falta de melhor, não hesitaram em recorrer ao argumento de que a culpa é dos outros. Quer no que se relaciona com a situação interna do PSD (foi Mota Pinto e a anterior direcção...), quer no que toca ao Governo e ao Estado (foi Mota Pinto, é e foi o PS, é e foi o general Eanes, é e foi o Dr. Soares...).

«Legal, embora...»

Logo no início da reunião de Viseu, o «trio» Machete, Salgueiro e Rebelo de Sousa teve que se confrontar com as «indirectas» de Luís Martins, presidente da Distrital: «Pela primeira vez, uma Comissão Política do partido vem a Viseu sem ser convidada. Mesmo assim, e desde que não venham em campanha pré-congresso, sejam bem-vindos», disse Luís Martins, antes de acrescentar: «Esta direcção é legal, embora não tenha sido eleita pelas bases...».

Caso curioso o de Luís Martins: no Congresso de Braga fazia parte da lista de João Salgueiro; posteriormente, passou-se com armas e bagagens para o campo de Mota Pinto;

hoje, e ao que se diz, poderá estar em vias de mudar novamente de campo se o vento não correr de feição para as cores mota-pintistas.

«Obras vão continuar?...»

Esperava-se que a intervenção de Luís Martins fosse seguida de outras do mesmo cariz. Que não! Para espanto de alguns, as intervenções incidiram sobre... obras públicas! «As obras que estavam previstas ou que estavam a ser feitas na região vão continuar?...», foi questão levantada por vários oradores.

Um deles, o presidente da Câmara de Lamego. O mesmo que liderou a manifestação de desagravo a Mota Pinto, na sede nacional do PSD, e onde se proferiu a já célebre frase «Santanas igual a sacanas!».

Resumindo: Viseu interessou-se mais em saber se a obra de Eugénio Nobre, secretário de Estado das Obras Públicas recentemente exonerado do Governo, iria ser continuada do que propriamente pelas questões de âmbito partidário ou nacional.

Dai a pergunta/resposta de um apoiante da actual direcção política do PSD ao jornalista, no final da reunião: «Estivemos, hoje, perante mota-pintistas até às últimas consequências? É possível que sim e que não. A fidelidade política tem limites em pessoas sempre atentas aos caminhos que o Poder trilha. Depois de se saber para que lado sopra o vento, há máscaras de hipocrisia que, de repente, se podem transformar em máscaras de boafé...».

Eleições à porta?

Colocada na mesa a política de benesses de que certos autarcas necessitam como de pão para a boca para se manterem nos respectivos lugares, esperava-se uma resposta concreta da nova direcção política dos sociais-democratas. Desilusão! Nada de concreto foi dito... o «suspense» continua a vigorar em Viseu.

«Suspense» que não se estendeu à sessão. Para além de uma intervenção favorável à Comissão Política de um membro da JSD — «Esperamos que cumpram aquilo que outros promete-

ram e que nunca cumpriram...» — e de outra, já no final dos trabalhos, de Luís Martins a dar o seu apoio inequívoco a um candidato militar, nada contrariou o desenrolar morno da sessão.

Por parte da Comissão Política, também nada de relevante. Apenas, e pela voz de Rui Machete, o reafirmar de que os militantes sociais-democratas devem estar preparados para a eventualidade de «mais tarde ou mais cedo do que previsto» termos eleições legislativas antecipadas a bater-nos à porta.

«Vai haver boicote!»

Cumprida a etapa de Viseu, chegara a hora de Bragança. Ali, onde desde as últimas semanas reina uma grande tensão devido às eleições para a Distrital, e que colocam frente-a-frente uma lista mota-pintista e outra afecta à actual direcção política do PSD, tudo podia acontecer.

As hostes mota-pintistas tinham feito saber que a deslocação da Comissão Política do PSD a terras de Bragança seria considerada como uma «provação», «uma forma ilegítima de interferência», já que feita em vésperas de eleições. Mais: afirmavam que várias câmaras estavam a ser contactadas pela Direcção para se apurar «quais as suas dificuldades financeiras». Por outras palavras: a lista mota-pintista acusava a hierarquia do partido de estar a utilizar a mesma tática de benesses que, antes de ser Poder, tanto criticara. «Vai haver boicote!», ameaçavam.

Se houve, não se sentiu. A sala estava cheia (cerca de 120 pessoas) e poucas as ausências gritantes.

Não impede que o governador-civil não compareceu, como não compareceram os presidentes das Câmaras de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé.

Pires versus Nobre

Ausente não estava Casimiro Pires, o secretário de Estado das Obras Públicas que substituiu no Governo o seu colega de partido, Eugénio Nobre. «Tráfico de benesses? Veio aqui fazer exactamente aquilo que se acusava Eugénio Nobre de fazer?...», a pergunta era inevitável, mesmo que não formulada.

Casimiro Pires, talvez porque sentisse a pergunta no ar, pegava na palavra para declarar: «Nunca fiz promessas. Estive no Governo em 1980 e 1981 e nunca ninguém me viu ou ouviu fazer promessas. Estou aqui em viagem de estudo e devo salientar que comigo não há primeiras

pedras, sou daqueles que gosta de colocar a última pedra...».

A ovação de que foi alvo não se sabe muito bem se foi motivada pelas dúvidas que se esfumavam, no que respeita ao porquê da sua presença em Bragança, ou se provocada pela «indirecta» a Eugénio Nobre, homem sobre quem pesam acusações de «lançar a primeira pedra para depois não colocar mais pedra nenhuma».

«Caso» Eanes

Perante uma audiência pouco virada para a polémica, Machete e Salgueiro tiveram ocasião de se debruçar minuciosamente sobre a actualidade partidária e nacional.

Machete pegava na questão das Presidenciais e do candidato que o PSD deve apoiar. «Já não estamos a tempo de termos a óptima solução, temos pois que nos virar para a menos má. Um candidato próprio terá dificuldade em recolher votos fora do nosso eleitorado. Um candidato independente tem maiores possibilidades de ganhar mas a escolha implica riscos: enquanto um candidato militante do partido cumprirá radicalmente as regras do projecto social-democrata, um candidato independente pode sempre veja-se o caso do general Eanes, rasgar os compromissos que inicialmente assumiu connosco...», referiu.

Depois de afirmar que «eanisismo e soarismo estão contra a renovação da sociedade portuguesa» e de repetir «que poderá vir a haver justa e inequívoca causa para sairmos da coligação», Machete concluiu o «dossier» candidatura do PSD: «O nosso candidato tem hipóteses de ganhar, mas há dificuldades: o partido está dividido sobre a questão e temos pouco tempo para fazermos escolhas».

Salgueiro pega na deixa e denuncia: «Acusam-me de ter apresentado um candidato em Braga? Não nos iludamos. Há mais de dois anos que Soares prepara a sua candidatura e que soariza o País com a cumplicidade do PSD. Viaja, aparece diariamente na TV. Adiar serviu o jogo de Soares...».

Num ataque virulento contra o PS, João Salgueiro acusa-o de «quando está na Oposição não deixa fazer, quando está no Governo assume idêntica atitude». Salgueiro refere-se às «reformas que urge fazer na sociedade portuguesa» e que, se não forem implementadas, «conduzirão o País ao desastre».

Por último, e a concluir uma intervenção calorosamente aplaudida, João Salgueiro escolhe o Governo como alvo: «Numa evidente jogada eleitoralista, destinada a servir a candidatura de Mário Soares, e com a cumplicidade do PSD, criou-se um apertado demasiado em 1984 para abrir em 1985...».

De abalada para a Distrital de Viseu, única Distrital aonde o «DL» não se deslocou, o «duo» Machete-Salgueiro (Rebelo de Sousa aproveitara a etapa de Viseu para regressar a Lisboa, certo de que momentaneamente o seu discurso não seria alterado...) não esconde um sorriso de satisfação perante o sucesso da reunião.

Ha sempre uma Bragança nos caminhos de Coimbra.

assembleia da república

Debate da Lei das Rendas começa dia 13

A Lei das Rendas vai começar a ser debatida a partir do próximo dia 13. A decisão foi ontem tomada pela conferência de líderes parlamentares que agendou também para a terça-feira a apreciação do veto suspensivo utilizado pelo Presidente da República em relação ao Estatuto Remuneratório dos Titulares dos Cargos Políticos.

No mesmo dia, terça-feira, o PCP fará a apresentação do projecto de lei sobre a produção, recolha, concentração e abastecimento de leite.

O debate relativo à entrada de Portugal na CEE poderá ocorrer nos dias 27 e 28 de Março, segundo admitiu um dos participantes na conferência de líderes.

Entretanto, o ministro de Estado, Almeida Santos, e os secretários de Estado, Fernando Gomes (Habitação) e António Vitorino (Assuntos Parlamentares) reuniram-se ontem com o grupo de trabalho do PS e do PSD que tem estado a apreciar a proposta de lei de liberalização das rendas de casa.

A maioria vai apresentar propostas de alteração na especialidade ao diploma, mas o respectivo teor ainda não definitivamente fixado.

Depois do grupo de trabalho chegar a um entendimento sobre a matéria, cabe aos grupos parlamentares do PS e do PSD ratificar o consenso, após o que deverá realizar-se nova reunião do grupo de trabalho.

O diploma prevê dois tipos de actualização para as rendas de casa, uma das quais extraordinária, destinada às rendas com contratos anteriores a 1978, e outra para todas.

Ambas as actualizações serão feitas através de correcções anuais, dependentes do índice de preços ao consumidor.

Acordo PS-PSD

Também o grupo parlamentar do PS se reuniu ontem à tarde para preparar o debate sobre a Lei das Rendas. Na ocasião, foi reafirmada a necessidade de dar cumprimento às cláusulas do acordo PS-PSD, e nesse sentido os deputados socialistas decidi-

ram organizar as respectivas matérias e intensificar os trabalhos nas comissões especializadas.

Entretanto, Mário Soares e Ernâni Lopes tomaram parte ontem na reunião da Comissão Parlamentar de Integração Europeia, cujo objectivo foi acordar com o Governo a realização do debate no plenário do Parlamento sobre a adesão de Portugal à CEE.

Recorde-se que, na terça-feira, o deputado socialista Carlos Lage disse que este debate — várias vezes adiado desde Setembro — está agora previsto para o final do mês.

Ainda ontem, o Governo enviou à Assembleia da República, para ratificação, os protocolos dos acordos laborais e técnicos assinados entre Portugal e os Estados Unidos sobre a Base das Lajes, nos Açores.

Eleições no CDS

Nogueira de Brito é o cabeça da única lista que se apresenta para disputar, hoje, as eleições para a nova direcção do grupo parlamentar do CDS.

Além de Nogueira de Brito, que assim se recandidata à liderança da bancada, a lista inclui como vice-presidentes, Luís Beirão, Naraña Coissoró, Bagão Félix e Soares Cruz. Como secretário apresentam-se Jorge Gomes (líder da Juventude Centrista) e Horácio Marçal.

Uma outra eleição — a do Presidente da comissão parlamentar de inquérito sobre o «Caso de Camarate» — foi ontem realizada, tendo sido designado o deputado Montalvão Machado (PSD). Da mesa desta nova comissão de inquérito — a segunda — fazem parte ainda parte Reis Borges (PS) e João Lencastre (CDS).

Lino Lima (PCP), um deputado do PSD a designar, Horácio Marçal (CDS) e José Lello (PS) foram eleitos secretários da Comissão. Esta, uma das maiores da Assembleia visto que integra não só deputados mas também representantes das famílias das vítimas, tem a sua primeira reunião marcada para dia 14 do corrente.

Esta manhã, na Assembleia da República

Acordo parlamentar Portugal-Espanha

O presidente da Assembleia da República, Fernando do Amaral e o presidente das Cortes espanholas, Peces Barba, assinaram esta manhã, em Lisboa, no salão nobre de S. Bento, um acordo de cooperação entre os dois Parlamentos.

Peces Barba, que chefa uma delegação de 11 deputados espanhóis em visita oficial a Portugal, desloca-se hoje a Coimbra, onde proferirá uma conferência na Faculdade de Direito da Universidade Portuguesa o ano passado, chegaram a Lisboa terça-feira e abandonarão a capital portuguesa amanhã.

Novos caminhos

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, afirmou ontem que «a Comunidade Económica Europeia, de que Portugal e a Espanha em breve serão membros, oferecerá o quadro apropriado para a definição de novos caminhos no relacionamento entre os dois países».

Soares, que falava no almoço oferecido à delegação do Congresso das Cortes Espanholas,

presidida por Peces Barba, acrescentou que a integração na CEE «não implica a paralisação dos contactos bilaterais, mas deve ser motivo para a sua aplicação e alargamento».

«A restauração da democracia nos dois países não visou apenas o estabelecimento das liberdades políticas e dos direitos inalienáveis do homem, mas também o desenvolvimento económico e bem-estar das populações, donde resulta uma clarificação de posições de Portugal e Espanha no contexto internacional» — disse.

O Primeiro-Ministro acrescentou que «o nosso relacionamento bilateral não podia deixar de sofrer o choque salutífer de uma nova dinâmica criada e, por isso, temos de considerar com naturais algumas dificuldades encontradas na conciliação dos nossos interesses nacionais próprios».

Mário Soares adiantou que «esta circunstância obriga-nos a uma maior exigência na defesa das posições nacionais, mas não pode pôr em causa a nossa amizade nem o nosso desejo sincero de cooperação».



Casimiro Pires olhos postos em Eugénio Nobre: «Comigo não há primeiras pedras...»

Posição do MNE desagrada a embaixador

«Em Moçambique há o hábito de receber bem os hóspedes»

— lembra João Baptista Cosme

Existe no Ministério dos Negócios Estrangeiros, desde Maio do ano passado, uma proposta de acordo entre os Estados português e moçambicano sobre as respectivas instalações diplomáticas em cada um dos dois países. É uma proposta de reciprocidade que prevê a concessão de um edifício para chancelaria e de uma residência para o embaixador em termos de «usu-fruto gratuito». Apenas Portugal e a Tanzânia desfrutaram, desde 1975, desse raro privilégio inter-Estados. Moçambique considera, porém, não beneficiar ainda (dez anos depois!) das mesmas condições relativamente a Portugal. Será essa a razão por que a referida proposta continua, numa qualquer gaveta do Palácio das Necessidades, à espera de assinatura?

João Baptista Cosme, embaixador da República Popular de Moçambique em Lisboa, desde Setembro de 1983, não quer aceitar uma tal hipótese. É um diplomata e, naturalmente, cuidadoso. Só que a paciência e a discrição diplomáticas têm, por vezes, limites. Foi o que aconteceu, neste caso, quando veio a saber, através do «DL», e pelas declarações do porta-voz do MNE, que se quisesse uma residência nas devidas condições terá de mandar fazer as obras e pagá-las.

Mas não é só a residência (provisória) de Alvalade, cuja renda é paga pelo MNE, que precisa de obras. A própria chancelaria, onde pernoita há cerca de um mês, está longe, muito longe, de dispor das condições da que é utilizada pelo seu homólogo português no Maputo.

Do Maputo...

O senhor jornalista já esteve no Maputo? Conhece o edifício da Embaixada portuguesa? Viu a residência do embaixador?

Estamos no terceiro andar de um prédio da Avenida de Berna, adquirido em 1978 pelo Governo português para a chancelaria moçambicana. Não era essa a vocação original do edifício. Mas a obrigação, tardia já, de corres-

ponder à contrapartida de Maputo, fez decidir o MNE. Nos quatro anos seguintes, fizeram-se algumas (atamancadas) adaptações. Foi então comunicado ao representante da RPM, na altura João Ataíde (que mais tarde abandonou as funções), que o edifício estava pronto. Não estava. Mas a necessidade de mais espaço forçou a mudança, meses depois.

Nem estilo que, por vezes, faz lembrar Samora, a frase curta, sincopada e certa, João Baptista Cosme começou por nos mostrar as traseiras do prédio. **Repare bem, sr. jornalista**, diz-nos, apontando a disposição da escada exterior de serviço, o terraço do rés-do-chão e a facilidade de acesso pelos prédios vizinhos, como dados reveladores da inexistência de condições mínimas de segurança. Tal como o interior, pouco ou nada diferente de um malogrado prédio para venda por andares.

Recorda-nos o Governo de transição de Moçambique e os seus principais dirigentes, Vítor Crespo e Joaquim Chissano, **homens realistas e com visão do futuro**, que entendiam a independência do novo país não como um corte, mas antes como o «estabelecimento de relações privilegiadas entre dois países, sem complexos, com base na reciprocidade».

Por estarem convictos da justiça desse caminho, os dois responsáveis decidiram, sem qualquer acordo formal ou escrito, que os respectivos governos deveriam destinar um prédio para chancelaria e uma residência para o embaixador de cada um dos países, **com uso e fruição gratuitas na base da reciprocidade**.

Por via dessa decisão, Moçambique pôs à disposição de Portugal um magnífico prédio de 16 andares numa zona privilegiada de Maputo, a escassa distância do palácio presidencial, e uma vivenda próxima da chancelaria, na marginal, com vista para o mar e com piscina. Os dois edifícios foram entregues à partida em bom estado. **Em Moçambique** — acentua-nos o diplomata — **não temos o hábito de ter os nossos hóspedes em**

más condições.

Sobre as obras que o embaixador português mandou posteriormente fazer, o representante moçambicano admite-as mas com objectivos de «beneficência» e não de mera reparação ou conservação.

...A Lisboa

Refere-nos documentação e correspondência trocada entre a sua Embaixada e o MNE. Lembra que, em 1977, o Governo português apresentou quatro hipóteses, para escolha, de edifícios, um para chancelaria e três para residências. **Não estavam ocupados e permitiriam um começo imediato de obras indispensáveis a um custo total muito inferior ao dos edifícios cedidos no Maputo.** Nada foi feito. Armando Panguene e João Ataíde, seus antecessores, continuaram a viver na pequena e degradada residência de Alvalade. Apenas se avançou para o prédio da Avenida de Berna, «pronto» cinco anos depois!

Cita uma reunião, em Agosto passado, no MNE, com a presença do então secretário de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva. Falou-se das obras necessárias, foram apresentados orçamentos, Gaspar da Silva deu instruções aos serviços centrais do MNE para se avançar, e nunca alguém considerou que as obras deveriam ser pagas pelo Estado moçambicano. Daí o espanto do embaixador pelas declarações do citado porta-voz ao «DL».

Se há alguém que lamenta que o assunto seja ventilado pelos jornais é o embaixador. Não é norma nossa tratar as coisas desta maneira. Não foi correcta a atitude do Governo português ou desse porta-voz. Porque não disseram logo que tínhamos que ser nós a pagar. Isso, sim, era uma resposta clara.

Frisa que o seu governo não quer favores, nem tão-pouco exige prédios de 16 andares ou residências opulentas e com piscina.

Queremos apenas instalações dignas de uma Embaixada e de uma actividade com respon-

sabilidades de índole social e política.

Os secretários da Embaixada e outros funcionários habitam em casas alugadas e pagas pelo Estado moçambicano. Poderiam, caso a chancelaria tivesse condições (como a cedida a Portugal no Maputo, onde trabalham e habitam, em superiores condições, quatro secretários e adidos) evitar uma tal despesa. O Estado moçambicano não dispõe de meios avultados, tem escassas representações diplomáticas e o próprio estatuto dos seus funcionários diplomáticos permite, por isso, o alojamento nas chancelarias. **Esta — diz-nos, referindo-se ao prédio da Av. de Berna — nem cozinha tem. As refeições são feitas sempre fora...**

...A RENAMO

Pela amostra da «reciprocidade» diplomática facilmente se constata que a cooperação luso-moçambicana não corre melhor. Daí que o embaixador se tenha escusado a falar, em geral, dessa questão. Mas não deixou de destacar a facilidade com que um dos representantes da RENAMO em Lisboa (Paulo de Oliveira, foi, calmamente, há dias, à delegação da AIM (Agência de Informação Moçambicana) entregar um dos boletins que aquela organização publica entre nós. **Até perguntou se poderia vir aqui à chancelaria fazer o mesmo.**

No almoço oferecido segunda-feira passada pelo novo secretário de Estado da Cooperação, Eduardo Ambar, aos diplomatas africanos de expressão oficial portuguesa, João Baptista Cosme aproveitou para lhe fornecer um desses boletins, entregues na AIM, e que em grossas letras indicam a forma de contactar a RENAMO e apregoam que «a luta continua».

Em Agosto passado — conclui o embaixador — entreguei nomes, moradas e provas da actividade dessas pessoas que defendem o assassinato de portugueses que vivem e trabalham em Moçambique. Continuam por aí, à vontade...

EA



Aspecto de um dos tectos do interior da vivenda que revela a infiltração de águas



O embaixador de Moçambique: mais do que indignação, surpresa por uma situação estranha...

Jardim nas Canárias, disse...

As autonomias regionais foram o melhor da Revolução de Abril

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, disse, ontem, em Las Palmas, que o pouco de positivo que se pode encontrar desde o golpe militar de há onze anos em Portugal são os resultados concretos obtidos pelas autonomias regionais.

Jardim, que falava durante o jantar oficial de boas-vindas oferecido pelo governador regional das Canárias, sublinhou que «foram os regimes autonómicos que permitiram defender a instabilidade, do caos económico, das práticas políticas condenáveis em qualquer país civilizado, as regiões dos Açores e da Madeira».

O chefe do Executivo madeirense encontra-se desde ontem nas ilhas Canárias para uma visita oficial de quatro dias. É acompanhado pelo secretário regional do Plano, Miguel de Sousa, e reúne-se hoje com uma



delegação do executivo canariense, em Las Palmas.

Segundo o correspondente da ANOP, no Funchal, há a possibilidade de uma promoção conjunta dos dois arquipélagos no estrangeiro e de arranjar com programas de férias que abranjam os dois destinos considerados complementares. A nível económico os dois governos deverão discutir o problema da adesão à CEE, custos de insularidade, a possível venda de água

da Madeira às Canárias e o custos de transportes entre as ilhas e o continente.

No discurso político que proferiu na cerimónia de boas-vindas, Alberto João Jardim considerou que as experiências autonómicas verificadas nas ilhas «são a demonstração de que existem soluções adequadas para enfrentar a crise portuguesa, mas que infelizmente, os políticos de Portugal peninsular preferem esquecer ou hostilizar, porque a afirmação do nosso modelo em todo o território português não convém a muitos interesses organizados».

Autonomias políticas

Para Jardim, a prova da validade da experiência das autonomias políticas, quer nas Canárias, quer na Madeira, reside no facto de haver hoje algumas dificuldades no diálogo entre Madrid e Lisboa, a respeito das

afinidades políticas, entre Las Palmas e o Funchal as relações serem «cada vez mais estreitas, preocupando-se os dois Governos autónomos, acima de tudo, com os interesses das populações na interpretação e vivência séria do que devem ser as relações internacionais, sem se agarrarem a utopias ou debates estereis».

Criticando indirectamente alguns países que têm colocado dificuldades à entrada de Portugal e da Espanha no Mercado Comum, Jardim afirmou: «Foram a Espanha e Portugal que contribuíram decisivamente para fazer a Europa, até muito antes da existência de alguns países novos-ricos que agora, arrogantemente, nos recusam a mais elementar solidariedade». «A Europa sem a Espanha e Portugal, não é Europa, é, quanto muito, alguma diletância variada».

Fairbanks recebido no MNE

EUA não quer armas portuguesas no Irão

O embaixador especial norte-americano para o Médio-Oriente, Richard Fairbanks, terá pressionado o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, no sentido de que Portugal deixe de vender armas ao Irão.

Gama, que se avistou ontem, durante hora e meia, nas Necessidades com o responsável norte-americano, terá — segundo fontes diplomáticas citadas pela NP — sublinhado a posição de neutralidade portuguesa. Recordou-se que Portugal vende armas quer ao Irão quer ao Iraque, países em conflito desde 1980.

No encontro foi também abordado o reatamento das relações diplomáticas entre os EUA e o Iraque. A este propósito foi Fairbanks informado do recente encontro nos Açores entre o ministro iraquiano dos Negócios Es-

trangeiros, Tarik Aziz, e o adjunto do director-geral dos Negócios Políticos do MNE, Ribeiro de Menezes, também presente no encontro de ontem.

Ainda sobre os planos de paz para o Médio Oriente, foi tema também do encontro o plano recentemente proposto pela Jordânia e pela Palestina, tendo Jaime Gama informado Fairbanks dos contactos mantidos com o Rei da Arábia e com o dirigente palestino, Yasser Arafat, durante a sua recente visita àquela área.

Richard Fairbanks, cuja estada em Lisboa foi rodeada de grande discrição por parte das autoridades dos dois países, chegou terça-feira, vindo de Madrid, para concluir um périplo por vários países europeus. Deve regressar hoje a Washington.

Ainda e sempre as pescas

Novas negociações com a Espanha dentro de dez ou quinze dias

As delegações portuguesa e espanhola que terça-feira estiveram reunidas em Madrid, voltam a encontrar-se dentro de 10 ou quinze dias para prosseguir a discussão de questões bilaterais, disse o embaixador Sá Coutinho.

Em declarações à chegada a Lisboa da delegação portuguesa, o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros disse que a reunião de Madrid foi «apenas mais uma em que foram discutidas questões técnicas ligadas ao relacionamento entre Portugal e Espanha».

O chefe da delegação portuguesa disse, ainda, que outras reuniões se seguirão, desconfiando-se ainda se a próxima (dentro de 10 ou quinze dias) se

efectua em Lisboa ou novamente em Madrid.

Entretanto, o presidente da Comissão para a Integração Europeia, António Marta, disse que Portugal está disposto a negociar acordos de pesca com a Espanha relativos à zona compreendida entre as 12 e as 200 milhas.

Falando na Conferência Internacional sobre a Integração de Portugal na CEE, a decorrer desde segunda-feira na Gul-

Sá Coutinho

Abandono é pura mentira

O embaixador João de Sá Coutinho, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros e chefe da delegação portuguesa nos «contactos exploratórios» de Madrid para discussão da adesão à CEE, considerou como «pura mentira» as notícias veiculadas em certa imprensa sobre o abandono das conversa-

ções pelos funcionários portugueses.

Sá Coutinho classificou o trabalho desenvolvido em Madrid como tendo carácter técnico e disse que se trabalhou nos dossiers «até ao fim do período previsto» pelo que as referidas notícias «magoaram as duas delegações».

benkian, António Marta frisou que Portugal não permitirá apenas que embarcações espanholas capturem pescado no interior das 12 milhas.

Além das 12 milhas das águas territoriais respectivas, nem Portugal nem a Espanha «se recusaram alguma vez a negociar acordos de pesca», salientou.

António Marta sublinhou a necessidade de ser encontrado um relacionamento pesqueiro entre Portugal e a Espanha para vigorar depois da entrada dos dois países na Comunidade Económica Europeia.

Considerou, por outro lado, que, em termos de mercado, Portugal vai ganhar, com a adesão à CEE, pelo menos a liberdade efectiva das suas exportações.

Para construção de casa própria

CGD emprestou o ano passado mais 14 milhões que em 1983

A Caixa Geral de Depósitos emprestou o ano passado 35,6 milhões de contos para aquisição e construção de casa própria.

De acordo com números da instituição, do total de 90 milhões de contos de crédito concedido pela CGD em 1984, 28 milhões destinaram-se à actividade indus-

trial (mais 31,1 por cento que em 1983) e um milhão de contos à agricultura e pescas, acréscimo este de 1,1 por cento em relação ao ano anterior.

O montante total do crédito concedido em 1984 pela instituição (superior ao de 1983 em cerca de 19 por cento) não ultrapas-

sou, todavia, o «plafond» fixado pelo Governo.

Um informador da CGD disse ainda que o problema das dívidas do Estado à Caixa resultantes de bonificações não pagas, será resolvido este ano com a emissão de títulos de dívida pública a entregar pelo Governo à instituição. Em 1984, a instituição recebeu

depósitos no montante de 180 milhões de contos, o que equivale a um acréscimo de 33,2 por cento relativamente a 1983.

Para este aumento contribuíram, principalmente, os depósitos a prazo, que ascenderam a 142 milhões de contos — cerca de 80 por cento do total.

Revelado ontem em Lisboa

Deputados alemães intervêm em favor de Timor-Leste

Os deputados federais alemães de três partidos incitaram o governo indonésio a desmantelar o campo de internamento de Atauro, anunciou ontem em Lisboa a comissão de apoio aos direitos do povo maubere.

Deputados democratas-cristãos, sociais-democratas e liberais, que estiveram ainda há

pouco tempo em Timor-Leste, pediram às autoridades governamentais da Indonésia uma amnistia que ajude a resolver a situação naquele território da Oceânia. A delegação do Parlamento de Bona pediu também a Jacarta que abra Timor-Leste à Cruz Vermelha Internacional (que só tem podido actuar numa

parte do território) e que possibilite a visita de jornalistas, a fim de que a comunidade internacional saiba verdadeiramente o que ali se passa.

O deputado social-democrata Hans-Ulrich Klose declarou no seu regresso à Europa, ter encontrado na pequena ilha de

Atauro (na costa Norte de Timor-Leste) pessoas presas há mais de cinco anos sem recurso a qualquer auxílio jurídico. O mesmo deputado contou que o governador do território, Mário Carrascalão, admitiu que por vezes algumas pessoas têm sido executadas sem qualquer tipo de julgamento prévio.

Na data acordada

Setenave entregou navio a armador britânico

A Setenave entregou com quinze dias de antecedência em relação à data contratual prevista, um navio construído nos seus estaleiros e destinado a um armador inglês — anunciou ontem a empresa.

Segundo refere em comunicado, «tratou-se da primeira construção para o mercado britânico projectada e construída na Setenave e conseguida em concurso internacional».

Estão a decorrer os trabalhos de mais três construções, duas para a Finlândia e outra para a Noruega e deixou recentemente a doca de construção o segundo granelheiro destinado à frota nacional, encontrando-se já a flutuar no cais de aprestamento, prevendo-se a sua entrega ao armador na data prevista — refere a nota.

A Setenave afirma «estar totalmente apta para responder às solicitações do mercado, tanto no que respeita a requisitos técnicos como de prazos, e preparada para assumir as responsabilidades que lhe venham a ser confiadas em ordem ao reequipamento da frota nacional, de acordo com o programa de renovação da Marinha de Comércio, divulgado em Maio pelo ministro do Mar».

Para construir fábrica de motores

Renault rompe negociações com a União Soviética

O grupo francês «Renault» anunciou ontem em Paris ter decidido interromper as negociações com a União Soviética sobre a construção, perto de Moscovo, de uma fábrica de motores para a firma «Moskvitch».

Os responsáveis da «Renault» explicaram que renunciaram ao projecto, que representava um investimento da ordem dos seis mil a sete mil milhões de francos, porque existem «demasiadas imprecisões» quanto à adjudicação de contratos para a aquisição de bens de equipamento.

Em relação a essa situação, a «Renault» acusou os soviéticos de não terem adquirido material a firmas francesas, de acordo com o estipulado num primeiro protocolo, firmado em Novembro de 1983, para a concepção de um novo veículo de turismo.

Segundo os observadores políticos parisienses, a decisão da firma «Renault», que mereceu a contestação do Partido Comunista Francês e da «CGT», surge conotada com a progressiva deterioração das relações económicas e políticas entre a França e a União Soviética.

Lucros anuais de 1,3 milhões de contos

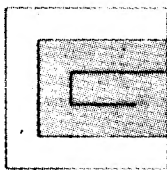
Português entre os maiores empresários do Brasil

A empresa proprietária do centro comercial, em São Paulo onde «Charlô», da telenovela «Guerra dos Sexos» possuía uma loja, obteve em 1984 um lucro líquido de 21 mil milhões de cruzeiros (cerca de 1,3 milhões de contos).

Trata-se da empresa «Eldorado, Comércio, Indústria e Importação», fundada pelo empresário português João Alves Veríssimo, cujo balanço e contas de 1984, agora publicados nos jornais de São Paulo, indica, ainda, uma receita de cerca de 500 milhões de cruzeiros (30 milhões de contos).

A empresa pertence a um grupo comercial liderado por João Alves Veríssimo, o qual possui quatro hiper-mercados e o mais luxuoso centro comercial de São Paulo e cerca de vinte grandes armazéns em todo o país, dedicando-se ainda a actividade agropecuária.

João Alves Veríssimo, que é da região de Castelo Branco e foi para o Brasil ainda adolescente, é actualmente um dos maiores empresários do Brasil no sector do comércio.



GC - GESTÃO E COORDENAÇÃO, SARL

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCAÇÃO

Ao abrigo do n.º 1 do art.º 20.º dos estatutos, convocam-se os accionistas desta Empresa para se reunirem em assembleia geral ordinária no dia 29 de Março de 1985, pelas 18 horas, na sede social — Rua Nova da Trindade, 1, 2.º Dt.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas apresentados pelo Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1984.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1985

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Inácio



JUNTA DE FREGUESIA
DE ODIVELAS

8 MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

SESSÃO EVOCATIVA NO
GINÁSIO DO INSTITUTO DE ODIVELAS
SEXTA-FEIRA DIA 8 de MARÇO 85
PELAS 21.30 Horas

ESPECTÁCULO COM:

MARIA GUINOT // SIMONE DE OLIVEIRA



ENTRADA LIVRE

FIGUEIRA DA FOZ

PRAÇA DE TOIROS

A COMPANHIA DO COLISEU FIGUEIRENSE recebe propostas até ao próximo dia 16 de Março, às 16 horas, para a concessão da exploração tauromáquica da sua **Praça de Toiros** no período de 1 de Junho a 31 de Outubro nos anos de 1985 e 1986.

As cartas das propostas são entregues no escritório da Companhia, no Largo do Coliseu, no dia e hora indicados, na presença de todos os concorrentes.

Figueira da Foz, 5/3/85

TEM PROBLEMAS COM A BEBIDA?

Precisa de ajuda? Venha falar connosco.
Venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª 4.ª 6.ª às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Indeferido recurso apresentado há três anos

Secretário de Estado do Orçamento mandou executar dívida de Nabeiro à Alfândega

• o processo refere-se a cerca de 400 mil contos de IT e estava «perdido» até o «DL» levantar a questão

O secretário de Estado do Orçamento ordenou na passada segunda-feira a execução de uma dívida de Rui Nabeiro ao Estado, a qual ascende a cerca de 400 mil contos e cujo processo se encontrava «perdido» na Direcção-Geral das Alfândegas há mais de três anos. O processo foi descoberto naquele mesmo dia, na sequência de um despacho assinado pelo director-geral das Alfândegas, depois de o «DL» ter feito uma investigação sobre o caso e ter levantado publicamente o problema do desaparecimento do processo. Nesse despacho, datado de 22 de Fevereiro, o dr. Nunes Barata dava cinco dias úteis aos seus serviços para fazerem o ponto da situação e localizarem a documentação cujo paradeiro então se igno-

Foi entre 1979 e 1981 que o industrial Manuel Rui Azinhais Nabeiro procedeu à importação irregular das volumosas partidas de café que estão na origem de todo o «imbroglio» alfandegário judicial, que se desencadeou a partir da descoberta de tais irregularidades, pela alfândega de Lisboa, em 1981. Desde então, vários processos foram organizados em ligação com este caso, mas apenas um chegou ao seu termo.

Trata-se do julgamento do despachante oficial de Rui Nabeiro, em 1982, foi condenado a cinco anos de prisão por «descaminho de documentos». Este era, de facto, o aspecto menos importante de todo o caso, e os verdadeiros processos que, eventualmente, envolvem a responsabilidade criminal do importador e presidente da Câmara de Campo Maior (PS) continuam a arrastar-se pelos tribunais.

Processos parados

Na origem do bloqueamento desses processos — um por descaminho de direitos e outro em que se equaciona a questão da existência ou não de abuso de confiança por parte do despachante em relação ao importador — está, como o «DL» tem notificado, o então delegado do Pro-

curador da República no Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa Cardoso Alves. Este magistrado, recorde-se, encontra-se igualmente implicado na rede de contrabando de Setúbal e por isso mesmo foi ontem aposentado compulsivamente pela Procuradoria Geral da República (ver notícia nesta página).

Os processos que ele teve o condão de «engavetar» no TIC de Lisboa ainda hoje por lá estão em fase de instrução preparatória, apesar da Procuradoria da República responsável por eles ter afirmado ao «DL» em meados de Dezembro, que o caso estaria no Tribunal da Boa Hora até ao fim da primeira quinzena de Janeiro...

Quanto à responsabilidade do importador Rui Nabeiro na reposição das quantias subtraídas ao Estado, graças às irregularidades detectadas nas importações, os processos respectivos também não andam com maior celeridade. Por um lado, a Alfândega de Lisboa mandou executar em 1981 uma dívida de 511 mil contos por fuga ao pagamento de uma taxa adicional de 90\$00 por quilo de café importado. O processo que então se iniciou encontra-se presente-mente no Supremo Tribunal

Administrativo depois de todas as outras instâncias terem negado provimento aos sucessivos recursos apresentados por Rui Nabeiro.

Processo perdido...

Por outro lado, a Alfândega de Lisboa pediu ao importador, ainda em 1981, o pagamento de uma outra verba de cerca de 355 mil contos, devidos pelo não pagamento do imposto de Transacções relativamente ao mesmo café. Segundo o «DL» apurou, o método utilizado para

recorreu para o Director da Alfândega de Lisboa argumentando que tinha oportunamente apresentado as declarações M-5, que permitem o pagamento do IT pelos clientes do grossista importador. Este recurso foi indeferido, uma vez que não foi feita prova cabal da entrega daquelas declarações e o processo seguiu para a Direcção Geral das Alfândegas onde Nabeiro apresentou novo recurso.

Passava-se isto em 1982, antes da entrada em funções dos actuais responsáveis pela DGA,

procurando saber o que se passava e onde estava o processo.

Finalmente, em 21 do mês passado, recebemos do dr. Nunes Barata, director geral das Alfândegas, a garantia de que «o processo nunca subiu aos seus serviços desde que está naquele cargo e de que tudo seria feito para esclarecer o assunto. Nesse mesmo dia, segundo soubemos junto de fontes da Alfândega de Lisboa, foi assinado um despacho dirigido aos directores dos serviços, dando-lhes 5 dias para localizarem o processo e fazerem o ponto da situação.

Ao que soubemos, o DGA e Alípio Dias são da opinião que «o processo deveria ter andado com maior celeridade» mas não constataram a existência de indícios de bloqueamentos deliberados do processo dentro da DGA.

Por isso mesmo não foi instaurado qualquer processo disciplinar, atribuindo-se o essencial da demora e mesmo o «desaparecimento» dos «dossiers» às condições em que trabalham os serviços jurídicos da DGA, «atafahados em papéis» e com milhares de casos a estudar. As nossas fontes confirmam porém que a importância deste processo, em termos monetários, e os antecedentes do infractor deveriam ter motivado uma atenção especial que não existiu.

Decreto não serve

Face a esta decisão de Alípio Dias, a repartição de Finanças de Campo Maior deverá iniciar dentro de dias o processo de execução fiscal desta dívida que neste momento — ronda os 400 mil contos. A conclusão do processo poderá demorar no entanto mais dois ou três anos, visto que Rui Nabeiro poderá recorrer sucessivamente, até ao Supremo Tribunal Administrativo.

Segundo apurámos também, esta dívida não poderá ser abrangida pelo decreto recentemente aprovado em Conselho de Ministros sobre o pagamento em prestações mensais, sem juros, ao longo de três anos, das «dívidas aduaneiras». Dos 400 mil contos em questão, apenas 14 mil poderão ser incluídos naquela categoria de dívidas. Os 511 mil contos de dívida da taxa adicional, esses, poderão todavia ser pagos de acordo com aquele diploma.

«Laços» com a rede de Setúbal

Cardoso Alves foi mandado aposentar compulsivamente

O magistrado envolvido como arguido no processo por contrabando em Setúbal foi aposentado compulsivamente — anunciou a Procuradoria-Geral da República.

Uma comunicação do Gabinete do Procurador refere não se terem confirmado as suspeitas levantadas relativamente à existência de corrupção, mas apurado «factos gravemente lesivos de deveres profissionais, que inviabilizam a manutenção do arguido nos quadros do Ministério Público».

Foi por esta última razão que a secção disciplinar do Conselho Superior do Ministério Público aplicou a referência pena a Cardoso Alves, que à data do processo disciplinar agora encerrado era Procurador da República interino na Câmara de Falcências de Lisboa.

O magistrado, que antes destas suas últimas funções prestava serviço na Polícia Judiciária de Lisboa, tornou-se suspeito por telefonemas que fez a um dos principais implicados no processo, ausente em Espanha, a dar-lhe conselhos sem saber que tinha o seu próprio telefone sob escuta autorizada.

escapar ao IT foi sempre o da falsa declaração de que mercadoria estava isenta daquele imposto.

Descoberta a artimanha — que contou com a negligência dos revalidadores alfandegários responsáveis pelo desalfandegamento do café — Rui Nabeiro

e o processo sumia-se algures sem que mais se falasse no caso. Passava assim, rapidamente, o tempo necessário para as dívidas prescrevessem e, sobretudo, caminhava-se para o esquecimento total do caso.

Em princípios deste ano, o «DL» iniciou diversas diligen-

Alípio Dias decide-se...

De acordo com as nossas fontes, o secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias, deu toda a cobertura a esta iniciativa e, no último dia do prazo, o processo apareceu! Estava há anos na Assessoria Jurídica da DGA, para emissão de um parecer em que se devia basear o despacho do director-geral sobre o recurso de Nabeiro...

Reencontrado o processo, e apesar de não estarem terminadas todas as diligências que competiam àquela assessoria, Nunes Barata inferiu o recurso e Alípio Dias ordenou imediatamente a execução da dívida «sem prejuízo do prosseguimento das averiguações».

Esta decisão terá sido tomada com base na convicção — partilhada pela Direcção-Geral das Contribuições e Impostos — de que as declarações não tinham sido apresentadas e, fundamentalmente, tendo em conta o aspecto escandaloso que poderia revestir o prosseguimento da decisão sobre o recurso.

São cada vez mais raros os jovens que frequentam bordéis

«Os adolescentes dos nossos dias têm do sexo uma concepção mais saudável do que os de épocas anteriores e a prova disso é que são raros os que frequentam bordéis», diz o psiquiatra Nuno Miguel.

Para Nuno Miguel, responsável por uma consulta psiquiátrica para os jovens no Hospital de Santa Maria, «o adolescente de hoje desvaloriza o sexo sem amor».

«De um modo geral, só homens com mais de 30 anos recorrem à prostituição», afirmou Nuno Miguel, num intervalo dos trabalhos do seminário sobre a educação sexual na pré-adolescência e adolescência, organizado pela Associação para o Planeamento da Família (APF).

O psiquiatra, baseado na sua experiência clínica com adolescentes, referiu que «são os rapazes que vivem a sexualidade na adolescência de modo mais problemático, pois são empurrados para ela e saltam os o medo de não serem capazes».

Em contrapartida, «os problemas sexuais das raparigas fazem-se sentir de modo menos agudo, menos circunscrito a uma época da vida, mas arrastam-se durante mais tempo: a sexualidade das raparigas é reprimida na adolescência, mas é-lhes exigida quando casa».

Nuno Miguel afirmou que «a separação entre afectividades e sexo se deve aos modelos sexuais masculinos e femininos

transmitidos implicitamente, mas não verbalizados: aos rapazes, aponta-se como modelo a sexualidade e às raparigas a afectividade».

O facto de não se falar de sexualidade aos jovens no aspecto formativo e informativo — só 10 por cento dos pais portugueses o fazem — e de os conhecimentos neste campo serem adquiridos por intermédio dos companheiros foram razões apontadas no seminário por Nuno Miguel para a introdução, nas escolas, da educação sexual.

O psiquiatra disse que «a escola é um local onde se ensinam diversas coisas e que não faz sentido que haja um assunto de que não se possa falar, tanto mais que a sexualidade está presente nas escolas e é visível nos escritos que surgem nas paredes, na pornografia que circula, etc».

Mas, para Nuno Miguel, «ninguém deve ser encarregado exclusivamente da educação sexual. Está deve ser ministrada por um conjunto de professores, devidamente preparados, actuando em conjunto, de forma organizada».

Nuno Miguel considera, no entanto, que «a educação sexual não resolve tudo e não deve ser apresentada como algo que permitirá a toda a gente ter o que se considera uma vida sexual normal. Há problemas profundos que não se resolvem com a aquisição de conhecimentos».

France Gilbert, do departa-

mento de sexologia da Universidade do Quebec, apresentou no seminário os resultados de um inquérito feito em 60 comunidades norte-americanas em cujas escolas secundárias é ministrada educação sexual há vários anos e afirmou que esta «não modificou os comportamentos sexuais típicos dos adolescentes».

«Os conhecimentos adquiridos tiveram no entanto uma consequência visível: os jovens passaram a demonstrar maior tolerância pelos diversos comportamentos sexuais», disse France Gilbert.

Durante a sessão da manhã, foram apresentadas experiências sobre educação sexual nas escolas preparatórias de Seiximbra e Lavradio e nas escolas secundárias de Santo André e Lagos.

Os promotores dessas experiências-piloto concluíram que havia grande receptividade por parte de alunos, professores e funcionários para o ensino da sexualidade e que este não deve ser dissociado da formação que o jovem recebe na família.

A Associação para o Planeamento da Família convidou a participarem no seminário os elementos de uma comissão, nomeada em Fevereiro pelo ministro da Educação, José Augusto Seabra, para implementar a lei número 3/84, que estabelece a educação sexual nas escolas.

Alternativas sociais e políticas em análise

Amigos da Terra organizam colóquio internacional

• Presentes Marco Panella e «verdes» alemães

Um colóquio-debate sobre as alternativas sociais e políticas, com a presença do deputado do Partido Radical, Marco Panella, e o presidente da União Internacional dos Consumidores, Anwar Fazal, a realizar amanhã à noite no Hotel Roma, foi ontem anunciado em conferência de imprensa pela Associação Portuguesa de Ecologistas — Amigos da Terra.

O encontro, presidido por Mário Baptista Coelho, responsável pelos dossiers sobre o Partido Radical italiano publicados pela revista «Raiz e Utopia», vai contar ainda com a presença de Ernst Klatte, secretário-geral do Secretariado Europeu do Meio Ambiente, e Frieder Wolf, deputado dos «Verdes» no Parlamento Europeu.

Este colóquio-debate aproveita parcialmente da presença em Portugal de alguns activistas internacionais do movimento ecologista, por iniciativa dos organizadores do Encontro Nacional de Ecologistas, a decorrer em Tróia de sexta-feira a domingo próximos.

Este ponto foi igualmente objecto de informação por parte de António Eloy, dos Amigos da Terra, que reafirmou o total em-

penhamento da Associação nos trabalhos de Tróia. Prevê-se a presença de cerca de uma centena de participantes, em representação de uma vintena de grupos ecologistas de todo o país.

No encontro com os jornalistas, aquele activista dos Amigos da Terra revelou algumas das iniciativas previstas ainda para o corrente ano, na sequência das decisões aprovadas na assembleia geral da Associação, no começo deste ano. Como pano de fundo, a decisão de organizar acções que deem corpo à adopção pelos Amigos da Terra da «objecção fiscal», na mesma linha de trabalho que têm na objecção de consciência a sua forma dominante. Os ecologistas vão propor a consagração legal daquela figura, que permite aos cidadãos manifestar a sua vontade em que a parte dos seus impostos canalizada para despesas militares, seja aplicada em fins sociais ou humanitários.

Uma «iniciativa inédita» dos Amigos da Terra irá ser desenvolvida no próximo dia 21 de Março, por ocasião do Equinócio da Primavera, e que consistirá «numa oferta, num tempo em que ninguém dá nada a ninguém», a realizar no Rossio. O

núcleo do Porto dos Amigos da Terra, por seu turno, irá realizar em Maio próximo um encontro galaico-duriense sobre problemas comuns, nomeadamente o rio Minho e a foz atlântica, a 700 quilómetros do cabo Finis-terra. Por outro lado, o 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, deverá igualmente ser pretexto para outras iniciativas. Finalmente, no final do ano, e se se concretizar um apoio financeiro do Ministério da Indústria e Energia, Lisboa será palco de um encontro internacional de energias alternativas, segundo foi anunciado esta manhã.

A conferência de imprensa constituiu ainda oportunidade para a divulgação das conclusões do primeiro Congresso Ecológico da Ria de Aveiro, realizado no passado fim-de-semana pela secção regional de Aveiro dos Amigos da Terra.

Os participantes, em número de 80, aprovaram diversas recomendações, nomeadamente a que aponta para a consideração do contexto ambiental na adopção de quaisquer medidas na Ria. O aprofundamento do estudo biológico e social do universo da Ria foi também recomendado.

de ontem para hoje

Faz do turista um amigo

A Secretaria Regional do Turismo e Cultura da Madeira iniciou ontem uma campanha de sensibilização turística junto da população, intitulada «Faz do Turista um Amigo». A campanha é realizada em diversos locais da Madeira e em particular nas escolas da região com o apoio dos professores. Esta acção de sensibilização surge na sequência de inquéritos realizados pelo gabinete de estudos e planeamento da Secretaria do Turismo e Cultura junto dos milhares de turistas que anualmente se deslocam à região.

Passagem desnivelada no Barreiro

A Câmara Municipal do Barreiro anunciou terça-feira o começo da construção de uma passagem desnivelada numa artéria daquela cidade. A passagem localizar-se-á na Rua Miguel Bombarda e corresponde a um projecto elaborado há já alguns anos. O adiamento da execução da obra teve razões financeiras que um compromisso agora assumido pelo Governo permitiu ultrapassar, segundo o município. A nova passagem desnivelada do Barreiro importará, de acordo com a informação camarária, em 140 mil contos, prevendo-se que esteja pronta no final de 1985.

Rotários visitam a GNR

Os sócios do Rotary Clube de Lisboa efectuaram ontem uma visita ao Comando da GNR no quartel do Carmo, onde foram recebidos pelo 2.º comandante-geral brigadiero Alves Ribeiro, na ausência do general comandante-geral, ausente no Brasil, onde se deslocou a convite da Polícia Militar brasileira. Os rotários apreciaram uma exposição sobre a corporação, visitaram o Grupo de Instrução de Cães e o Regimento de Cavalaria na Ajuda. Depois, e no tradicional almoço realizado num hotel da capital, ouviram uma palestra sobre a GNR pelo coronel Adelino Coelho.

Movimento no aeroporto do Faial

O aeroporto da ilha do Faial movimentou em Fevereiro 3150 passageiros e 62 toneladas de carga e correio — informou uma fonte aeroportuária. O aeroporto do Faial, localizada em Castelo Branco, é escalada diariamente pela transportadora regional, SATA, que efectuou em Fevereiro 116 voos para a ilha. A partir de Maio o aeroporto de Castelo Branco deverá passar a ser escalado semanalmente para a TAP/AIR Portugal numa ligação directa entre o Faial e Lisboa.

Zona franca nos Açores

O presidente da Câmara Municipal de Vila Porto, na ilha de Santa Maria, exigiu ontem do executivo açoriano «uma decisão rápida sobre a localização da futura zona franca do arquipélago». Em declarações publicadas em Angra do Heroísmo, o autarca, José Humberto Chaves, que reivindica o estabelecimento da zona franca em Santa Maria, afirmou-se «disposto a recorrer ao Governo da República para que esta questão seja resolvida de uma vez por todas». O autarca de Santa Maria acusou ainda o executivo açoriano de «estar à espera das eleições autárquicas para voltar com promessas sobre a zona franca». A localização desta zona está a ser estudada por uma comissão governamental que terminou terça-feira os seus trabalhos.

Igreja assaltada

Duas imagens e objectos religiosos antigos foram furtados através de arrombamento da Igreja de Sefins (Cantanhede) — disse uma fonte da GNR. As imagens e os objectos furtados estão avaliados em cerca de 550 contos. A GNR, de Cantanhede, que tomou conta da ocorrência, está a proceder a investigações procurando esclarecer o furto.

Mengele não morreu em Lisboa

Uma entidade judicial da Alemanha Federal desfez toda a especulação levantada à volta do suicídio de um holandês, no dia 7 de Fevereiro, na pensão Madeirense, à Rua da Glória em Lisboa. Um semanário lisboeta afirmava tratar-se de Josef Mengele, conhecido pelo «Anjo da Morte» por na qualidade de médico ter sido responsável pela morte de 400 mil judeus num campo de concentração durante a última guerra mundial, e ter feito experiências genéticas com os prisioneiros. O representante do procurador alemão veio a Portugal e verificou que as características físicas bem como outros elementos antropomórficos não correspondem ao de Mengele.

Hospital de Montargil faz 25 anos

Faz amanhã 25 anos que se inaugurou o hospital de Montargil, unidade de saúde que só foi possível devido à iniciativa do então provedor Manuel Falcão de Sousa, que o financiou da sua algebeira, com pequena ajuda do Estado e terrenos cedidos pela Casa Jordão. O novo hospital veio substituir o que havia sido construído em 1577 sob autorização do rei D. Sebastião. Várias cerimónias assinalarão amanhã a efeméride na simpática vila de Montargil.

Estação telefónica em Fátima

A rede telefónica de Fátima foi dotada de uma estação automática capaz de satisfazer as necessidades locais até ao ano 2000 — informou o Gabinete de Imprensa dos CTT. A instalação da estação, que orçou em cerca de 100 mil contos, irá traduzir-se num aumento da capacidade máxima do parque de 800 para, cerca de dois mil postos telefónicos. A nova central telefónica de Fátima permite ligações directas para cerca de 100 países.

Bombeiros aquecidos ao sol

O quartel dos Bombeiros Voluntários de São Brás de Alportel, parcialmente alimentado pelo sistema de painéis solares, tem a sua inauguração prevista para o dia 7 de Abril. O novo quartel importou em cerca de 50 mil contos, com participação do Estado em 80 por cento, ficando o restante a cargo da Câmara Municipal. O quartel comporta um salão principal de convívio, podendo ser utilizado para festas e aulas de ginástica e será alimentado, em parte, pelo sistema de painéis solares.

Julgamento do Regimento de Comandos da Amadora

Ataques contra Vasco Gonçalves na tentativa de afastar Jaime Neves

Durante a última sessão do julgamento, em Santa Clara, do processo em que são réus vinte ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora, foi afirmado, com base no libelo acusatório, que a tentativa de substituição, de 30 a 31 de Julho de 1975, do coronel Jaime Neves na chefia da unidade ficou a dever-se às posições que este terá tomado contra o general Vasco Gonçalves, então membro do Directório que incluía ainda os generais Costa Gomes e Otelo Saraiva de Carvalho. Ao que referiu o juiz-auditor do 2.º TMT, dr. Sidarte Capelo de Sousa, apoiando-se no mesmo libelo, terão circulado na altura na unidade «boatos de que o coronel Jaime Neves pretendia dar um golpe para depor, e até mesmo matar, o general Vasco Gonçalves».

Testemunhando, na qualidade de réu, o ex-alferes miliciano Rodrigues Fontinha, à data membro do Gabinete de Dinamização da unidade e já licenciado em Direito, disse serem conhecidas publicamente as dissidências políticas que Jaime Neves tinha para com o general Vasco Gonçalves. Acrescentando, no entanto, jamais ter ouvido da boca daquele militar as palavras «depor» ou «matar», pese embora a rudeza de linguagem que lhe era peculiar, levando-o a confessar, por exemplo, de viva voz, da sua intenção de «escaqueirar a televisão».

Para Rodrigues Fontinha, não houve qualquer tentativa de golpe no Regimento de Comandos da Amadora, mas apenas a



Jaime Neves e Vasco Gonçalves: duas concepções político-militares em confronto



intenção, no quadro legal em vigor, de substituir alguém que já não estava «em consonância com o ideário do MFA». Não tendo, por isso, havido «nada de secreto nessa movimentação, pautada por uma grande transparência».

Ao ser-lhe perguntado pelo juiz-auditor se, nas horas que antecederam a proibição de Jaime Neves de entrar na unidade, ele estivera na sede de algum partido, Rodrigues Fontinha respondeu com uma interrogação: «Mas qual partido?». Juiz-auditor: «O Partido Comunista Português!». Rodrigues Fontinha: «Não estive na sede desse nem de qualquer outro partido senhor doutor (...) e aproveitei a oportunidade para dizer que em todo o processo, de natureza exclusivamente política, me assumi sempre, exclusivamente, como

militante do MFA, uma instituição político-militar profundamente representada na unidade».

Representantes de todos os partidos

O réu expressou ainda a sua estranheza pelo facto do libelo se referir apenas, e «exaustivamente, à pequena actuação do PCP quando o Regimento de Comandos era, na altura, uma unidade em que estavam representantes de todos os partidos, desde o PCP ao CDS, passando pelo MRPP, UDP e pelo MES». «Mas o que existiam — frisou — eram contactos com esses partidos, dentro do acordo MFA/Partidos, e MFA/Povo pois o MFA foi sempre um movimento muito aberto... talvez demasiado aberto para seu mal».

Rodrigues Fontinha realçou ainda o facto de, em Junho de 1975, o conceito de comando, ou de comandante, estar bastante esvaziado, não tendo por exemplo o significado que tem agora, pois em cada unidade havia vários órgãos de consulta, pelo que era raro, também no Caso do Regimento de Comandos da Amadora, «Jaime Neves decidir sozinho sobre qualquer assunto importante».

Relativamente à intervenção de Otelo Saraiva de Carvalho na recondução de Jaime Neves, o réu, tal como já acontecera com o capitão José Patrocínio, disse que na madrugada do dia 31, o comandante do COPCON esteve à porta-de-armas da unidade, juntamente com Vasco Lourenço e Mário Tomé, não tendo tomado qualquer posição definitiva sobre o assunto. Desconhecendo, por outro lado, o que se passou posteriormente. Quanto a José Patrocínio e a instâncias do juiz-auditor, afirmou ter ouvido da boca de Otelo, a seguinte frase dirigida a Jaime Neves: «Jaiminho perdeste a confiança dos teus homens». E ao ser-lhe perguntado porque motivo ainda não tinha sido promovido a major, o capitão José Patrocínio respondeu: «Certamente, senhor doutor, pelo mesmo motivo porque o alferes Baptista, aqui também presente como réu, ainda é alferes». Dos vinte réus, apenas estes dois militares e o sargento Branca ainda continuam no activo.

Manuel Geraldo

Exumação de Rolão Macedo marcada para dia 11

O psiquiatra Rolão Macedo vai ser exumado entre as 14 e 30 e as 17 e 30 do próximo dia 11, anunciou a Câmara Municipal de Setúbal em edital que determina o encerramento do cemitério naquela data.

A exumação é feita a pedido da defesa do agente da Guarda Fiscal que alegadamente o matou a tiro em 18 de Janeiro perto da praia de Alportuche.

A exumação tem por objectivo nova autópsia, para se estudar a eventualidade de ter havido um outro atirador, e é feita por ordem do juiz de Instrução da Comarca de Setúbal.

Assassinado à martelada pela mulher e filha

A mulher e a filha de um homem de 39 anos, agredido à martelada, em Manteigadas, na terça-feira de Carnaval, e falecido na sexta-feira, foram as autoras do crime soube-se junto de responsável da Polícia Judiciária de Setúbal.

Foram as próprias que confes-

saram o acto à polícia embora os motivos alegados pelas agressoras se desconheçam por estarem em segredo de justiça.

O funeral da vítima, Hermenegildo Castro, realizou-se na terça-feira depois de ter estado durante dez dias em coma no

Hospital de São José, em Lisboa.

Hermenegildo Castro que estava a fazer uma vivenda em Manteigadas, a cinco quilómetros de Setúbal, fora emigrante durante 15 anos na Alemanha Federal, de onde regressou em Setembro do ano passado.

«Uma centena de artesãos faz das ruas de Lisboa...»

O texto que inserimos na nossa edição de ontem, dia 6, sob o título «Uma centena de artesãos faz das ruas de Lisboa o

palco da sua luta contra o desemprego» é da autoria da nossa colaboradora Elsa Andrade. A não assinatura do trabalho ficou

a dever-se a um lapso de que apresentamos desculpas a Elsa Andrade e aos nossos leitores.

APENAS 10 DIAS

OFERECEMOS MÓVEIS ESTOFOS

MAIS DE 50% DE DESCONTO PARA RENOVAÇÃO TOTAL DE «STOCKS»



INTERDECO

AV. ALMIRANTE REIS, 89-A — LISBOA

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul
Cacais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205



PARQUE

BOTHO STRAUSS

Encenação de
STEPHAN STROUX

SÓ ATÉ DOMINGO

Todos os dias às 21 h
Domingos às 16 h

Feira Nacional, entre 6 e 16 de Junho

Santarém quer orientar a agricultura

● CP volta a apoiar o certame concedendo 50% de desconto

Santarém quer liderar o processo de transformação da agricultura portuguesa e uma vez mais assumirá essa posição já em Junho, por ocasião da XXII Feira Nacional da Agricultura, XXXII do Ribatejo.

O certame foi ontem apresentado à Comunicação Social de uma forma original: numa composição adaptada da CP, entre Santa Apolónia e a estação de Santarém.

O intervalo entre as duas viagens (40 minutos para cada lado) serviu para que os jornalistas pudessem ver o «antigo mundo» CP, o Museu Ferroviário de Santarém, onde «repousam» uma máquina inglesa (da Beyer, Peacock e Manchester) vinda para Portugal em 1862 (mas construída quatro anos antes), que puxou a carruagem real de D. Luís; uma carruagem presidencial que Craveiro Lopes utilizou, e uma máquina de via estreita, do Norte, encaminhada para o museu há 28 anos.

A CP tem a ver com a Feira Nacional da Agricultura, como de resto já o ano passado aconteceu: entre os dias 6 e 16 de Ju-

nho, por ocasião do certame, todos os seus utentes que viajem para Santarém, adquirindo bilhete de ida e volta, terão a seu favor um desconto de 50 por cento. Isso foi salientado por José Manuel Casqueiro durante a viagem e corroborado por Francisco Carapinha, vice-presidente do Conselho de Gerência da empresa, que também realçou a importância dos nossos caminhos-de-ferro no apoio, diverso à agricultura, ao nível de transportes.

Voltando ao princípio para falar da Feira Nacional da Agricultura, de acordo com o pré-programa esboçado: palco das potencialidades agrícolas nacionais, é cada vez menos regional (embora continue a chamar-se Feira do Ribatejo) e cada vez mais internacional, sobretudo no aspecto agrícola. Este ano, acrescentou José Manuel Casqueiro, estará em causa e em discussão o projecto de desenvolvimento da nossa agricultura na perspectiva da Comunidade Económica Europeia e para os próximos anos. «E ele terá de ser aí explicado, dando satisfação às críticas que nesse aspecto os agricultores portugueses formulam ao Governo».

Bovinicultura rainha do certame

A agricultura será, pois, o eixo da 22.ª edição da Feira Nacional que o ano passado foi dedicada ao cavalo e este ano será dominada pelos bovinos. A «bovinicultura será rainha desta feira», disse o vogal da Comissão Executiva da Feira, José Manuel Andrade, aos jornalistas, adiantando que decorrerá em Santarém o I Concurso Nacional de Bovinos charolezes e que na feira se apresentarão também exemplares mirandeses e barrosões.

No que ao sector agro-pecuário diz respeito, a vinda a Santarém, entre 6 e 16 de Junho, de bovinos daquelas raças é a grande novidade, se tivermos em conta os problemas de transporte deste gado colocados pela peripneumonia. Mas, quer José Manuel Casqueiro quer o presidente da Feira, Ladislau Teles Botas (presidente da Câmara Municipal de Santarém), foram peremptórios: a doença está a ser erradicada (Casqueiro); ao certame só virão exemplares vacinados, em condições legais (Botas).

Para além disso, haverá provas de cavalos e corridas hípias, uma Feira do Vinho (dinamizada pela Casa do Ribatejo), desfile e provas de campinos e folclore. Os colóquios sobre temática agrícola, alguns com a participação de membros do Governo, das associações e de todos os interessados, e as exposições vivas de culturas nacionais diversas, desde o milho e a batata ao girassol (culturas de rega) conferirão a matiz agrícola a este crescente e interventivo certame agro-pecuário.

Os «Dias» da Feira

A Feira Nacional de Agricultura abre, todos os anos, em Junho, na primeira sexta-feira. Como este ano esse dia sucede ao feriado do Corpo de Deus (dia 6), a Comissão Executiva da FNA antecipa a sua inauguração. A Feira decorrerá durante onze dias e para os lisboetas — como sublinhou Teles Botas — haverá vários dias para a visitar, porque entre 6 e 16 teremos três feriados: além de 6, os de 10 e 13 (dia de Santo António, feriado do Município de Lisboa).

O ano passado foram 600 mil os visitantes registados pela Fei-

ra do Ribatejo. O número é importante, como disse José Manuel Casqueiro, mas o que a FNA pretende é contribuir para o desenvolvimento agrícola do País.

Este ano terá, como os teve em 1984 e ao longo dos últimos anos, os seus «Dias»: do Ribatejo, da Pecuária, do Campino, do Expositor, do Jovem Agricultor, do Ensino Agrícola, da Floresta, do Vitivinicultor, da Agricultura Portuguesa e do Cavalo. Duas novidades neste rol: «dias» do «agricultor europeu» e do «ensino agrícola».

Outras inovações comportará o certame, ainda não definitivamente elaborado por uma «equipa» a que preside, por inerência, Teles Botas (presidente da CM escalabitana) e de cuja Comissão Executiva fazem parte José Manuel Casqueiro e Hélio Ramalho (vice-presidentes), e os vogais José Manuel Andrade, Cândido de Azevedo, João Alberto Roque, Carlos Azmei e Hubo Barbosa.

O Primeiro-Ministro e os ministros das Finanças e da Agricultura estarão no encerramento da feira que, segundo Teles Botas, ficará assinalado pelo desfile de todos os expositores.

Algumas viam «O Diabo às 4 horas»

Sismo pregou susto às gentes de Portimão

O sismo que ontem à noite se fez sentir durante três/quatro segundos em Portimão e outras localidades algarvias, especialmente Lagos e Lagoa, foi de fraca intensidade, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia.

O epicentro localizou-se a cerca de 160 quilómetros a sudoeste de Lisboa, ainda de acordo com o INMG. O mesmo organismo admitiu que o sismo tenha sido sentido na extremidade sudoeste do Alentejo, facto que hoje não conseguimos apurar. Não há, pelo menos, quaisquer indicações de que o abalo tenha apoucado os habitantes da faixa da extremidade sudoeste do Alentejo.

O tremor de terra teve uma duração entre os três e os quatro segundos, levando algumas pessoas a abandonarem as suas casas. Mas nem todos o sentiram em Portimão, continuando a ver o filme «O Diabo às 4 horas».

com Spencer Tracy e Frank Sinatra nos principais papéis.

O sismo ocorreu cerca das 22 e 30, isto é, quando o filme ontem transmitido na «Noite de Cinema» da RTP mostrava aos portugueses a fuga dos habitantes de uma ilha cujo vulcão expelia lavas que em poucas horas reduziram Tajul a cinzas e a um montão de pedras por via dos sucessivos abalos de terra.

O sismo, especialmente sentido em Portimão, não causou danos de pânico, ficando-se pelo susto. Também em Lagos e Lagoa o tremor se fez sentir, segundo as PSP locais, mas sem problemas de maior. É claro que os Bombeiros Voluntários e a PSP daquelas três localidades foram «inundadas» de chamadas telefónicas.

Os Voluntários de Faro chegaram a estar de prevenção, ontem à noite, para «o caso de ser preciso ajudar alguém», disse à NP uma fonte da corporação.

Negócios com firma britânica

Administrador quer «correr» com o director financeiro dos Estaleiros Navais de Viana

O administrador dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, Luís Martins Lacerda, mandou instaurar um processo de despedimento, por justa causa, ao director financeiro da empresa, Carlos Matos, em resposta a acusações feitas por este gestor.

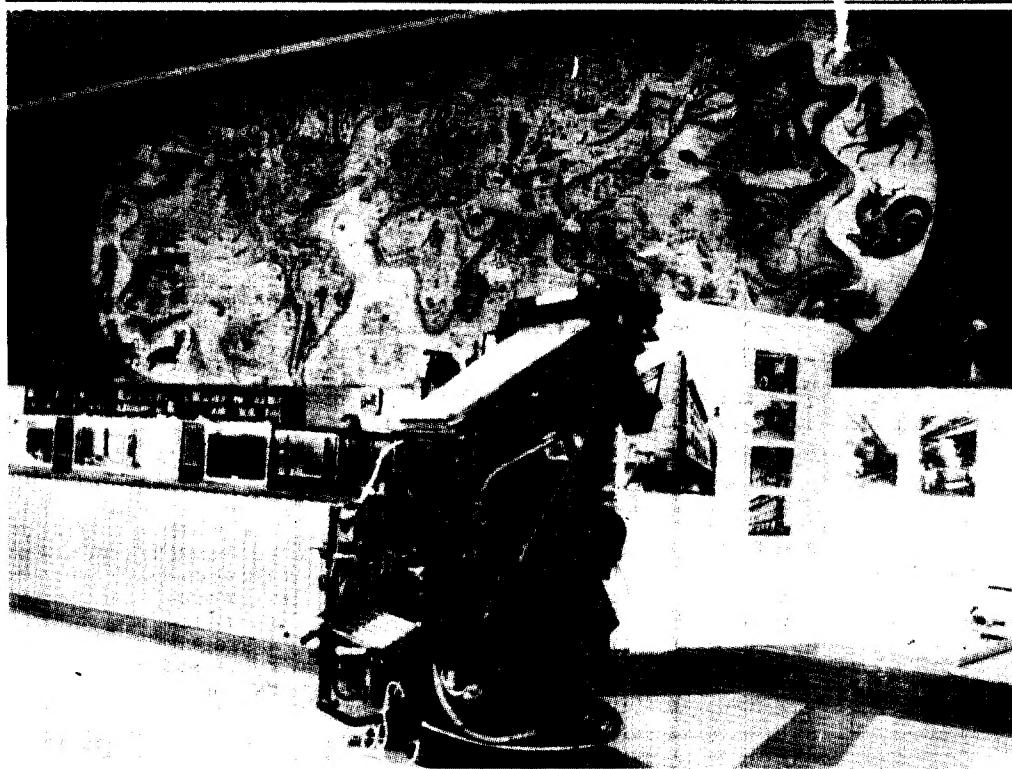
O director financeiro da empresa apresentou uma queixa-crime contra o presidente do Conselho de Gerência dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, confirmou ontem a Comissão de Trabalhadores da empresa.

A queixa foi apresentada ao Procurador da República junto do Tribunal Judicial de Viana, correndo rumores nesta cidade sobre alegados «actos de corrupção na empresa, segundo os quais a mesma teria sido lesada em cerca de cem mil contos», segundo a CT dos estaleiros.

A queixa-crime de Carlos Matos sobre Luís Martins La-

cerda surge na sequência do diferendo entre ambos, relacionado com verbas para o pagamento a uma firma inglesa do fornecimento de equipamentos (aços e materiais de construção naval). O director financeiro apresentou queixa-crime contra o administrador do Tribunal da comarca e este «respondeu» com a instauração de um processo disciplinar visando o seu despedimento.

Martins Lacerda disse entretanto haver um diferendo entre os Estaleiros e um fornecedor britânico de aços e materiais de construção naval, pois que, no apuramento final de contas a empresa portuguesa terá verificado que lhe eram pedidas mais 2300 libras do que devia. O diferendo vai passar a fase arbitral por iniciativa da firma britânica — acrescentou o mesmo administrador.



Painel de Almada Negreiros, no edifício do «DN», agora posto a salvo

Edifício do «Diário de Notícias» declarado de interesse público

O edifício onde funciona o «Diário de Notícias», na Avenida da Liberdade, foi declarado imóvel de interesse público pelo ministro da Cultura, sob proposta do Departamento Arqueológico do Instituto Português do Património Cultural.

A decisão, que responde também a uma solicitação formulada no mesmo sentido pela secção regional do Sul da Associação dos Arquitectos, fundamenta-se na originalidade formal de cons-

trução do imóvel, o primeiro a ser especificamente projectado para um jornal.

Por outro lado, o IPPC considerou que o edifício, Prémio Valmor em 1940, deveria ser conservado no plano morfológico da Avenida da Liberdade, por se enquadrar no período de Pardal Monteiro, autor do plano.

As linhas sóbrias e modernas que ainda hoje ostenta, devem-se acrescentar alguns elementos de decoração interior de enorme va-

lor. É o caso do painel de 54 metros quadrados de superfície da autoria de Almada Negreiros, que insere a simbologia dos Quatro Elementos e dos 12 signos do Zodíaco. Outro elemento visível no átrio do imóvel é o mapa de Portugal, também de mestre Almada, com figuras alusivas aos usos e costumes do Continente. Além destes elementos, em alegoria à própria actividade que no seu interior se desenvolve, Almada Negreiros pintou uma bela alegoria à Comunicação Social.

Segundo a PSP

Criminalidade no Porto: ligeiro agravamento

Durante o mês de Fevereiro a actividade delictiva na área do Comando da PSP do Porto processou-se dentro dos níveis verificados em períodos anteriores, no que respeita ao furto e roubo.

Houve um ligeiro aumento de acções em viaturas automóveis estacionadas na via pública bem como em habitações mas, por

outro lado deu-se um decréscimo nos atentados contra estabelecimentos e directamente em pessoas.

Registaram-se 399 casos de furto e roubo assim distribuídos: 176 furtos de objectos em viaturas automóveis, contra 151 em Janeiro; 100 furtos em estabelecimentos, contra 120 em Ja-

neiro; 58 furtos em habitações, contra 37 no mês anterior; 42 directamente a pessoas, contra 52 anteriores e 23 roubos a pessoas (subtracção com recurso a violência), contra 21 ocorridos em Janeiro.

Verificou-se assim um agravamento de 381 para 399 ocorrências.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



Dos dez milhões de pessoas que presentemente habitam em Portugal, garanto que nenhuma ficou tão admirada como eu quando disseram que eu estava nomeado ministro do Mar. Eu cá, de mar, o que mais sei são os palheiros da Costa Nova e ainda esses estão voltados para a ria! O Pacífico e o Índico só os conheço da quarta classe.

Em viagem por transatlântico meu percurso maior foi de Lisboa ao Ginjal. Em resumo: minha total ciência trágico-marítima vem de Fernando Pessoa, que disse e nunca ninguém o desdisse nem o disse como ele disse: **O Mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!**

Eu nem sei nadar! Certa vez, no Guincho, depois de ter perdido a cabeça, perdi o pé: acabei por ser salvo por um podengo que por ali andava brincando com as gaivotas. Resultado: por gratidão, fiz-me sócio da União Zoológica, mas, por vingança, poderão fazer-me ministro do Mar? O mais estranho de tudo é que sou, de profissão, arquitecto. Então ninguém imagina o que a minha imaginação tem funcionado!

Vejo-me a povoar o oceano de palácios grandiosos e de várias, agressivas, águas, com respeito aliás pelo meio ambiente: ficarão abertos enormes corredores por onde possam circular o plâncton e a frota pesqueira espanhola. Os materiais serão os das respectivas regiões: no grande Pacífico, as paredes serão de coral, enquanto no mar dos Açores as lazeiras funcionarão com os detritos atómicos ali despejados. Ao longo do Algarve, no seio do Atlântico, estou a ver grandes conjuntos cómodos... espaçosos... seguros... aptos a receber, sem perigo, os turistas ingleses.

Por sugestão do meu amigo Taveira, pugnaria pelo alargamento das 200 milhas para 400 milhas, a fim de poder construir sem quaisquer restrições.

Garanto que, desse modo, o problema habitacional português ficaria logo resolvido: ao escudo deslizante corresponderia a habitação flutuante... Meus Deus, aquilo que um arquitecto poderia fazer no mar! A ideia de uma arquitectura marítima, em que podíamos ser pioneiros, não passou, porém, de um sonho. Ou mais propriamente de um boato. Há sempre brincalhões que apreciam gozar com o Governo — como se o pobre já não tivesse preocupações bastantes...

Visita de Genscher à Polónia

Comentaristas falam de degelo

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros Hans-Dietrich Genscher esteve ontem em Varsóvia.

Genscher, que permaneceu apenas algumas horas na capital polaca, teve conversações com o seu homólogo Stefan Olszowski e o primeiro-ministro Wojciech Jaruzelski, estes contactos poderão abrir caminho para uma visita oficial de Genscher à Polónia ainda este ano, segundo observadores.

Segundo fontes alemães-federais, Genscher encontrou-se ainda com o primaz da Polónia, o arcebispo Josef Glemp, na sua primeira visita a Varsóvia desde a imposição da lei marcial em 1981.

A imprensa oficial polaca interpretou a presença do ministro de Bona como um degelo nas relações germano-polacas, abaladas pelos apelos de meios nazis alemães-federais revanchistas, quando se comemora a agonia e morte do nazismo.

A agência PAP disse que um clima favorável para as conversações de Genscher foi criado «pela viragem de Boa para o realismo e a aceitação das realidades estabelecidas durante os últimos 40 anos como consequências políticas da Segunda Guerra Mundial».

O governo polaco tem levado a cabo uma intensa campanha de propaganda contra o revanchismo dos meios conservadores de Bona, e o chanceler Helmut Kohl garantiu na semana passada que a RFA tem reivindicações territoriais em relação à Polónia.

O ministro de Bona deu no passado fim-de-semana as mesmas garantias ao seu homólogo soviético Andrei Gromyko, durante a sua visita a Moscovo.

A PAP acrescentou que uma condição importante para a



O primeiro-ministro polaco general Wojciech Jaruzelski recebe o ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher

visita de Genscher é o facto de entrarmos numa nova fase de relançamento das relações diplomáticas leste-Oeste».

As conversações «incidiram sobre a normalização das relações políticas, económicas e jurídicas», frisou a agência.

A melhoria das relações entre os dois países foi abalada em Novembro passado quando Genscher cancelou uma visita oficial à Polónia seis horas apenas antes da sua partida de Bona.

A sua decisão fora então motivada pela recusa das autoridades polacas em deixá-lo visitar o túmulo do padre Jerzy Popiełuszko, assassinado pela polícia política do regime.

Genscher ficará também irritado pela recusa de Varsóvia em deixá-lo depor uma coroa de flores no túmulo de um soldado alemão morto durante a guerra e a não acreditação pelas autori-

dades polacas de um jornalista alemão-federal.

Da Polónia para a Bulgária

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, chegou hoje a Sofia, procedente de Varsóvia, para conversações com os dirigentes búlgaros destinadas a intensificar as relações Leste-Oeste.

Genscher visitou já esta semana a União Soviética e a Polónia, onde garantiu que o seu país repudiava os apelos da direita à «restituição do território alemão 'perdido' durante a Segunda Guerra Mundial».

Durante a estada na Bulgária, Genscher conferenciará com o presidente e líder do Partido Comunista, Todor Zhivkov, que o ano passado cancelou uma visita a Bona após a denúncia de tentativas da Alemanha Federal para alterar as fronteiras da Europa do pós-guerra.

Cidades bombardeadas

Nova escalada na guerra entre o Irão e o Iraque

O Irão bombardeou hoje a cidade de Bassora, no Sul do Iraque, em retaliação por um ataque das forças de Bagdad contra a cidade iraniana de Dezful.

Cerca de 40 bombas explodiram em Bassora, matando pessoas e causando danos materiais — referiram jornalistas no local.

Foi o segundo ataque contra Bassora num espaço de 36 horas. O Irão denunciou que no ataque iraquiano contra Dezful, hoje de madrugada, morreram cinco pessoas.

A agência noticiosa iraniana «IRNA» indicou que Dezful foi atacada com oito mísseis terra-ar lançados pela aviação iraquiana, tendo morrido cinco pessoas, entre elas duas crianças, e ficado feridas 70.

Dezful é uma cidade locali-

zada a sueste de Teerão e a cerca de 90 quilómetros da fronteira com o Iraque.

Segundo a IRNA, o ataque iraquiano destruiu parcialmente um hospital e causou danos materiais avultados em duas escolas. Ultimamente, tem havido uma espiral de ataques contra centros de população civil no Irão e no Iraque, numa escalada da guerra que dura há 53 meses.

A agência «IRNA», citando um comunicado do exército, advertiu que o Irão «transformara o Iraque num inferno de fogo e devastação».

Acrescentou que ao atacar Dezful, o governo de Bagdad «provou uma vez mais que os seus desejos de paz e apelos a organizações internacionais são apenas um golpe de propaganda».

A recente série de ataques e contra-ataques contra áreas residenciais começou, segunda-feira passada, quando o Irão acusou o Iraque de ter bombardeado um complexo diserbúrgico em Ahwaz e uma central nuclear em Bushehr.

O Irão bombardeou Bassora durante duas horas, na terça-feira, e Dezful foi uma das 30 localidades iranianas que o Iraque ameaçou atacar em retaliação.

Os dois países prometeram não atacar centro civil, no âmbito de um acordo patrocinado pelos Estados Unidos, em Junho último, mas diplomatas em Teerão afirmaram que os recentes bombardeamentos poderão efectivamente acabar com aquele acordo.

Mineiros britânicos

Intranquilo fim de greve

Uma disputa sobre o destino dos mineiros despedidos ensegura o fim oficial da greve de 51 semanas dos mineiros britânicos, com piquetes de greve a impedir o regresso ao trabalho em algumas minas.

A Junta Nacional do Carvão disse que 85 por cento dos 186 000 mineiros do país tinham regressado ao trabalho na terça-feira, apesar das perturbações causadas por alguns grevistas que exigem a readmissão de cerca de 700 homens despedidos por «crimes» durante a greve.

O sindicato nacional dos mineiros desconvocou no domingo a greve iniciada a 12 de Março do ano passado, depois de milhares de grevistas terem regressado ao trabalho por sua iniciativa.

Mineiros cantando e tocando e empunhando bandeiras do sindicato regressaram anteontem ao trabalho. As mulheres saudaram-nos com cravos vermelhos e, em algumas localidades, os sinos tocaram.

Todavia, no Yorkshire, 11 minas continuam paradas devido à acção de piquetes de greve de mineiros de Kent, que decidiram continuar em greve até à readmissão de companheiros despedidos.

Mas os trabalhadores de quatro daquelas minas já admitiram que regressarão de qualquer forma ao trabalho depois de o sindicato ter determinado que os piquetes de greve eram ilegais.

A Junta do Carvão diz que já readmitiu quase 10 por cento dos 700 mineiros despedidos, mas que não dará novamente trabalho a homens culpados de «actos de violência ou vandalismo».

Na Escócia, onde os dirigentes sindicais decidiram continuar a greve até que seja concedida uma amnistia aos que alegadamente infringiram a lei, mais de

712 mineiros regressaram ao trabalho. A Junta diz que 56 por cento dos 12 500 mineiros escoceses já estão a trabalhar.

A direcção do sindicato escocês reúne-se hoje para reconsiderar a decisão de prosseguir com a paralisação.

No Parlamento, a primeira-ministra Margaret Thatcher excluiu a hipótese de uma amnistia para os mineiros despedidos, dizendo que «não pode haver amnistia para os que praticaram crimes graves».

Escutas

O Governo britânico foi hoje ilibado de acusações, segundo as quais teria autorizado os serviços secretos da Grã-Bretanha (M-15) a realizar escutas telefónicas — informaram fontes parlamentares.

«Nem o actual Governo, nem os que o antecederam desde 1970 concederam alguma autorização contrária à lei para efectuar escutas telefónicas», declarou o presidente da comissão de segurança do Parlamento britânico, Lorde Bridge.

Lorde Bridge foi encarregado, a semana passada, pela primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, de proceder a investigações sobre alegadas escutas telefónicas ilegais realizadas pelo M-15, na sequência de denúncias feitas recentemente por ex-funcionários daquele organismo.

Num programa gravado para Televisão, intitulado «os segredos oficiais do M-15», e cuja transmissão foi proibida há duas semanas, ex-funcionários acusam o Governo britânico de ter autorizado escutas telefónicas de membros do movimento pacifista «Campanha para o Desarmamento Nuclear», de sindicalistas, advogados e jornalistas.

Aguardadas com for

Eleições n

O futuro dos dois principais grupos políticos da Alemanha Federal poderá ser definitivamente afectado depois das eleições de domingo em Berlim Ocidental e no Sarre.

Para a coligação de centro-direita do chanceler Helmut Kohl é a própria sobrevivência dos seus parceiros liberais (FDP) que está em jogo.

O desafio dos sociais-democratas (SPD), na oposição no Sarre será lançado por um enérgico orador que tem incitado a Alemanha Federal a abandonar a estrutura militar da NATO e a banir do seu solo as armas nucleares: Oskar Lafontaine.

Se Lafontaine, de 41 anos, presidente da Câmara de Saarbrücken, for bem sucedido, poderá avançar no sentido de uma campanha de transformação do seu partido.

Actualmente, os democratas cristãos (CDS) de Kohl partilham o poder com os liberais tanto em Berlim Ocidental como no Sarre, na mesma proporção que o Governo Federal.

Mas as sondagens à opinião pública prevêem que os liberais venham a ter dificuldades em obter os 5 por cento de votos necessários para manter os seus lugares nas assembleias locais. Se não conseguirem, os seus dias como partido significativo estarão contados, no entender da maioria

Manifestaçã

Habitantes árabes da Cisjordânia e do sector de Gaza manifestaram-se nas ruas contra a ocupação israelita, exigindo liberdade para os patriotas árabes e pelo fim das represálias contra o povo subjugado.

Soldados e polícia reprimiram as manifestações, tendo-se verificado confrontos em Beit Lahm, Beit Jal, Khal Khul e Balat. O recolher obrigatório foi decretado e iniciadas opeações de perseguição e prisões.

Face a esta situação, o governador militar israel declarou que Telavive, prosseguirá a sua actual política para com a população árabe.

Libano

O governo libanês declarou «zona militar» todos os portos do

NAUTICAMPO / 85

INFORMAMOS OS N/ESTIMADOS CLIENTES E PÚBLICO EM GERAL QUE NÃO PARTICIPAMOS NO PRÓXIMO CERTAME A REALIZAR EM BREVE. ACRESCENTAMOS QUE DURANTE O MÊS DE MARÇO PRATICAMOS OS HABITUAIS

descontos especiais na MERCADORIA A SABER: atrelados-tenda, atrelados de carga, tendas (familiares, canadianas e cozinhas), mochilas, sacos de dormir, material para jardins e acessórios diversos.

ESTAMOS ABERTOS ESPECIALMENTE ATÉ ÀS 18H00 NOS DIAS 16/17/23/24

MARISOLO —

Soc. Comercial de Artigos de Desporto e Campismo, Lda.
Av. da República n.º 38-A/LOJA ESQUERDA —
2775 — PAREDE Tel.: 2 47 07 38

JWT

EXPANDE A SUA ACTIVIDADE EM PORTUGAL

O Conselho de Administração do Grupo JWT, aprovou recentemente a aquisição de Abrinício, Publicidade e Marketing, Lda. uma das mais importantes Agências, operando no mercado nacional.

A J. Walter Thompson Publicidade, Lda., que iniciou a sua actividade em Lisboa, em 1981, sob a direcção de João Paulo Castel-Branco, desenvolveu-se numa sólida e profissional Agência de 26 pessoas, tendo atingido, em 1984, a cifra de 271 milhões de escudos em volume de negócios.

Desde o primeiro encontro entre os representantes da JWT e Abrinício, ficou patente que ambas as Agências defendiam a mesma filosofia e vontade de alcançarem a supremacia criativa. Tal como a JWT, a Abrinício é uma Agência de alto gabarito profissional com cujos Clientes não existe, praticamente, qualquer conflito concorrencial.

Robert W. Ouseley, Direc-

tor e Vice-Presidente da JWT Italia, foi nomeado para dirigir a nova e reforçada JWT Portuguesa, como Presidente Executivo.

O Sr. Ouseley, que está com a JWT há mais de 20 anos, foi responsável pelo serviço de Clientes na JWT de Milão, tendo sido, igualmente, no decurso da sua carreira, o responsável pela JWT de Roma.

J. P. Castel-Branco, que começou a sua carreira com a JWT, em 1969, em Copenhague e, posteriormente, na JWT de Barcelona, ficará na nova Empresa, como Director, responsável pelos recursos criativos.

Com esta operação a JWT torna-se uma das mais fortes candidatas aos primeiros lugares na ordenação das Agências, fornecendo aos seus Clientes, presentes e futuros, a qualidade de serviço completo, que tem prestigiado a JWT em todo o mundo.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1985.



MARIA DO CÉU
CEREJEIRA SIMÕES
DINIZ

Sinceros agradecimentos

João Simões Diniz, Dr. Idalécio Diniz e Maria Luísa Diniz, respectivamente, marido e sócios, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que tiveram a amabilidade de assistir ao funeral da sua ente querida.

guerra aque

Iraque ataca Abadan

O governo de Bagdad anunciou hoje um ataque contra a cidade de Abadan, em retaliação pelo bombardeamento da localidade iraquiana de Bassora perpetrado hoje por forças iranianas.

O Irão afirmou que o ataque contra Bassora, o segundo em 36 horas, foi para vingar o bombardeamento iraquiano da cidade de Dezful, hoje de madrugada.

O informador de Bagdad advertiu o Iraque possui armas mais destruidoras do que o Irão e aconselhou os iranianos a persuadirem os seus governantes a deixarem de atacar cidades iraquianas «caso contrário sofrerão mais»

Por contrabando de armas para a Nova Caledónia Franceses presos na Austrália

Quatro franceses foram ontem acusados, na Austrália, de conspiração com o objectivo de enviar ilegalmente armas e munições, no valor de mais de 30 mil dólares.

Os quatro franceses foram presos depois de uma rusga efectuada terça-feira por polícias e agentes de segurança australianos, numa residência em Yatala, cerca de 70 quilómetros a sul de Brisbane.

As forças de segurança desmantelaram um esconderijo de armas, espingardas automáticas e munições.

As acusações contra os quatro franceses, pronunciadas ontem por um tribunal de Brisbane, envolvem penas máximas de dez anos de cadeia. Os detidos foram acusados de participação em actividades hostis contra o governo territorial francês na Nova Caledónia.

O acusador público Ian Bates disse que os quatro réus confessaram que as armas destinavam-se a combater activistas kanaks (melanésios), que lutam pela independência da Nova Caledónia.

Cerca de vinte pessoas morreram nos últimos quatro meses naquele território francês no Pacífico, vítimas de violência étnica entre militantes kanaks e colonos brancos.

Os quatro detidos, residentes em França e em Noumea, tentavam enviar para a capital da Nova Caledónia as armas e munições em tambores presos ao casco de um luxuoso iate.

A polícia australiana investigava desde Janeiro último um grupo de homens na Nova Caledónia que comprou armas e munições nos estados de New South Wales e Queensland.

forte expectativa no domingo na RFA e em França

dos comentadores.

A ala direita do CDU e o seu partido-irmão da Baviera, a União Cristã Social (CSU), ressentem-se há muito no papel dos liberais.

Mas os moderados do CDU encaram os liberais como um equilíbrio útil para a direita do seu partido e duvidam que os democratas cristãos conseguissem uma maioria no Governo de Bona sem eles.

A perspectiva de uma vitória de Lafontaine dá origem a sentimentos diversos entre os sociais-democratas.

Lafontaine tem boas hipóteses de formar o primeiro governo estadual social-democrata no sul do país, o que daria motivos de alegria ao SPD depois de uma série de derrotas.

Mas os seus apelos à retirada da Alemanha Federal da estrutura militar da NATO, a proibição de forças nucleares norte-americanas em solo alemão e a adopção de uma política económica de não crescimento têm feito dele uma figura controversa.

«Uma vitória nossa no Sarre daria um impulso a nível nacional às ideias que eu represento dentro do SPD», disse Lafontaine numa entrevista à Reuter.

A perspectiva alarma muitos moderados, especialmente se o SPD conseguir resultados tão maus como os esperados em Berlim Ocidental, onde o antigo

ministro da Defesa, Hans Apel, está em grande desvantagem nas sondagens. Apel é líder da facção pró-NATO dentro do SPD.

França

Dezoito milhões de franceses irão às urnas no próximo domingo para a primeira volta das eleições cantonais, que constituirá uma amostragem da correlação de forças políticas existentes no país.

Os eleitores deverão optar no próximo dia 10 entre os 10 220 candidatos aos cargos de conselheiros-gerais departamentais para os 2044 cantões da França.

O departamento, unidade territorial criada durante a revolução francesa e que veio substituir as antigas províncias, era originalmente autónomo. A partir do centralismo napoleónico ficou submetido à autoridade, personificada pelo prefeito.

A Constituição de 1946 estabeleceu um equilíbrio real do poder entre o prefeito e o presidente do Conselho Geral Departamental, mas as suas disposições nunca se aplicaram na prática.

As medidas descentralizadas que o actual Governo socialista adoptou em 1982, converteram o presidente do Conselho Geral na primeira autoridade do

**TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA
DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
DE LISBOA — 1.º JUÍZO**

ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 18 de Março de 1985, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a TAIT — Transportes Lisboa, S.A.R.L., com sede na Rua Diogo Couto-1-7.º Ft.ª Lisboa, no processo executivo 5602/84 instaurado por dívida à Contribuição Industrial.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do 7.º andar Ft.ª do prédio sito na R. Diogo Couto, 1, a que se atribui o valor presumível de 2 000 000\$00.

Verba n.º 2 — 1 máquina fotocopiadora Rank Xerox 2300 c/ o n.º 210-2400 89 de fabrico inglês em bom estado de conservação a que se atribui o valor de 300 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 5 de Março de 1985

O JUIZ DE DIREITO,
Manuel Luís Macaísta Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alves

"D.L." — 7/3/85 — 1.ª Pub.

 Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

MAGNETROM

Comércio e Indústria de Aparelhagem Eléctrica, SARL
Sede: Rua Fialho de Almeida, n.º 36-A — LISBOA

CONVOCATÓRIA

São convocados os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 29 de Março de 1985, pelas 21.30 horas, nas instalações dos Serviços Administrativos, Rua Fialho de Almeida, n.º 5-2.º Dt.º, para:

- 1.º — Apresentação, discussão e deliberação do Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas, referente ao exercício de 1984.
- 2.º — Apresentação, discussão e deliberação do Relatório do Conselho Fiscal.
- 3.º — Deliberação sobre as remunerações dos Corpos Gerentes.
- 4.º — Eleição dos Corpos Administrativos para o triénio de Março de 1985 a Março de 1988.

Lisboa, 5 de Março de 1985

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Eng. Henrique Fernando Onofre Moreira

ção na Cisjordânia contra a ocupação

Libano para pôr fim ao que classificou de «actividades ilegais» das milícias que os controlam.

Os portos libaneses, uma das principais fontes de receita do Líbano até agora controlados pelas milícias, passarão a ser controlados pelo Exército, declarou o primeiro-ministro, Rachid Karamé.

«Estudos económicos recentes compararam as receitas obtidas nos últimos anos e registaram uma descrescimento progressivo que, juntamente com a diminuição da produção e da desvalorização da moeda, conduziu a economia do Líbano ao período mais crítico da sua «História», acrescentou.

Em Beirute, entretanto, a explosão de uma bomba num café do bairro ocidental muçulmano, causou pelo menos seis mortos e dez feridos.

As primeiras informações da

Polícia indicam que a carga explosiva, que destruiu praticamente o estabelecimento, era constituída por dez quilos de TNT.

O atentado registou-se numa zona muito próxima da linha que dividia os dois sectores da capital, agora sob controlo do exército libanês.

A polícia declarou que há vários soldados entre as vítimas.

Ninguém reivindicou ainda a responsabilidade por este atentado.

Hussein-Mubarak

O rei Hussein da Jordânia secundou ontem o apelo do presidente egípcio, Hosni Mubarak, para que os Estados Unidos iniciem um diálogo com uma delegação jordano-palestina para

preparar o reinício dos esforços de paz para o Médio Oriente.

Mas o monarca jordano manteve a sua posição de que seria necessária uma eventual conferência internacional sobre a paz na Médio Oriente, dizendo: «não podemos avançar sem a comunidade internacional».

Mubarak salientou a importância do diálogo norte-americano-palestino com um princípio, declarando que não importa que seja seguido por negociações de paz directas árabe-israelitas ou por uma conferência internacional em que tomem parte as superpotências e os partidos interessados.

Hussein e Mubarak falavam numa conferência de imprensa conjunta realizada no fim de três horas de conversações, na estância de Hurgada no Mar Vermelho, 400 quilómetros a sul da cidade de Suez.

PELA 1.ª VEZ

NO " RALLYE DE PORTUGAL "

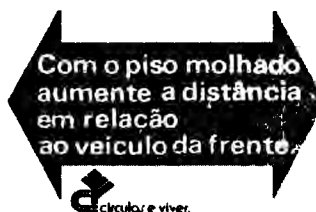
DACIA

— UMA EQUIPA ROMENA —

REPRESENTADA POR:

 **BATISTA RUSSO, S.A.R.L.**

LISBOA — PORTO — LEIRIA — SETÚBAL — FARO

 Com o piso molhado aumenta a distância em relação ao veículo da frente.

**2 RODAS
2 vezes
mais atenção!**





TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 18 de Março de 1985, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp 5-4.º vão à praça os bens abaixo

descritos penhorados à Fábrica de Tintas da Torre, S.A.R.L. com sede na Rua das Janelas Verdes-3, no processo executivo n.º 135/84, instaurado por dívida à Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — 92 ficheiros metálicos em bom estado no valor de 50 000\$000
Verba n.º 2 — 2 secretárias metálicas c/ o campo em fôrma c/ as respectivas cadeiras rotativas em bom estado no valor de 30 000\$000.
Verba n.º 3 — O direito ao arrenda-

mento e trespasse do prédio sito na Rua das Janelas Verdes-3 a 7 Lisboa a que foi atribuído o valor de 20 000 000\$000.
São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 5 de Março de 1985

O JUIZ DE DIREITO,
Manuel Luis Macaísta Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos
"D.L." — 7/3/85 — 1.º Pub.

EXPRESSOS RN

EXPRESSO «SORRAIA»

ALTERAÇÃO
DE HORÁRIOS

HORÁRIO

A	LISBOA	B
13h45	SAMORA CORREIA	06h30
14h30	RENAVENTE	06h15
14h40	SALV. DE MAGOS	06h05
14h47	CORUCHE	06h55
15h15	COUÇO	06h30
	MORA	
	MONTARGIL	
	PONTE SOR	

A — Não se efectua aos Sábados, Domingos, Feriados e 3.ª Feira de Carnaval.
B — Só se efectua às 2.ªs-feiras, se coincidir com Feriado efectua-se na 3.ª-feira.



A partir de 4/2/1985

RN

RODOVIARIA
NACIONAL

PARA LISBOA — Telefones: 72 58 07 —
MAIS 72 58 32 — 72 58 54
INFORMAÇÕES: (Dias úteis das 08h00 às 20h00)

LOPES, SANTOS e LISBOA, LIMITADA

NOTARIADO PORTUGUÊS VIGÉSIMO PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA LÍDIA PEREIRA NUNES DE MENEZES

Eu abaixo assinada, ajudante do Cartório, certifico para efeitos de publicação que por escritura de onze de Abril de mil novecentos e oitenta e quatro, lavrada a folhas oitenta e quatro e seguintes do Livro de notas Vinte e Um A, deste Cartório, Victor Manuel Jacinto Lopes e Carlos dos Anjos Lisboa, cederam, respectivamente, a José Maria Ferreira e Luís Filipe Coutinho Simões a quota de cem mil escudos que cada um possuía na sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, na Rua do Crucifixo, número sessenta e oito, quinto, lado esquerdo, tendo os cedentes renunciado à gerência que exerciam na dita sociedade e ainda autorizado que os seus apellidos «Lopes» e «Lisboa» continuem a figurar na firma social da referida sociedade.

Pela mesma escritura, Luís Filipe Coutinho Simões, José Mário Ferreira e José Muíños dos Santos, como únicos sócios que ficaram sendo da mencionada sociedade, aumentaram o capital social da mesma de trezentos mil escudos para seiscientos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e subscrito da seguinte forma: Luís Filipe Coutinho Simões com um reforço de cem mil escudos; José Mário Ferreira com um reforço de cem mil escudos e José Muíños dos Santos, também com um reforço de cem mil escudos. Que em consequência do referido aumento alteram parcialmente o pacto social da mesma no que concerne ao seu artigo quarto, alterando ainda o artigo sétimo respeitante à gerência e artigo primeiro respeitante à mudança de sede, que passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO QUARTO: O capital social integralmente realizado em dinheiro é da quantia de seiscientos mil escudos, divididos em três quotas de duzentos mil escudos, uma de cada sócio.

ARTIGO SÉTIMO: A administração e gerência da sociedade com ou sem retribuição, conforme vier a ser deliberado em Assembleia Geral ficam a cargo dos sócios Luís Filipe Coutinho Simões, José Mário Ferreira e José Muíños dos Santos que desde já ficam nomeados gerentes, sendo suficientes duas assinaturas para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos, nomeadamente para adquirir bens móveis e imóveis para a sociedade.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os gerentes não poderão assinar letras de favor, fianças, abonações ou quaisquer outros actos estranhos ao objecto social. Em

ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «Lopes, Santos e Lisboa, Limitada», val ter a sua sede e estabelecimento na Rua Ivens, número vinte e seis, terceiro direito, em Lisboa.

É certidão de teor parcial e está conforme ao original no qual nada há que modifique, condicione ou altere a parte transcrita.

Lisboa, cinco de Março de mil novecentos e oitenta e cinco.

A 3.ª AJUDANTE
Maria Daniela A. M. Figueira

DL 7/3/1985



Caminhos de Ferro
Portugueses

ASSOCIAÇÃO DOS LARES FERROVIÁRIOS INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA CONVOCATÓRIA

Para os fins designados nos termos da alínea m) do Art.º 20.º do nosso Estatuto, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Lares Ferroviários, na sua Sede, Calçada do Duque, 20 — Edifício da Cantina de Lisboa — R — 1.º piso, 1200 LISBOA, pelas 1400 horas do dia 15 do corrente mês, com a seguinte:

ORDEM DO DIA

- Discutir e votar o Relatório e Contas de Gerência do ano de 1984 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal
- Apresentação do Orçamento Ordinário para 1985
- Informações
- Alteração da quota mínima

Se na hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios, a Assembleia funcionará e deliberará, com qualquer número de associados presentes, uma hora depois, isto é, às 1500 horas, no mesmo dia e local e com a mesma Ordem do Dia.

Lisboa, aos 7 de Março de 1985

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Eng.º José de Oliveira Tavares Alves Monteiro

10.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR AFONSO DE AZEVEDO E MELO, Juiz de Direito do 10.º Juízo Cível, 1.ª Secção, da comarca de Lisboa. FAZ SABER que no dia 21 de Março de 1985, pelas 11 horas, neste Tribunal, nos autos de carta precatória n.º 6/85, vinda do Tribunal Judicial de Leiria, e extraída da execução sumária n.º 130, da 2.ª Secção, 1.º Juízo, que o exequente Manuel Tomás Videira move contra o executado JORGE CANAS ARCANJO, residente na Rua D. Estefânia, n.º 121-A, em Lisboa, há-de ser posto em praça, pela 2.ª vez, para se arrematar por metade do valor indicado no processo, UMA MÁQUINA DE CAFÉ da marca LA PAVONI, de dois grupos, automática, de cor vermelha.

Lisboa, 1 de Março de 1985

O JUIZ DE DIREITO
Afonso de Azevedo e Melo
O ESCRIVÃO ADJUNTO
Teófilo A. F. Alvorado

DL 7/3/1985

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.ª Secção — 3.º Juízo Divórcio n.º 4739

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando a Ré Maria Benta Fernandes Patata da Cunha, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua das Gáveas, 42, 3.º, em Lisboa, para no prazo de vinte dias depois de decorrido o prazo dos éditos, contestar, querendo, a acção de Divórcio Litigioso que lhe move o Autor — Domingos Dias Martins, residente na morada acima indicada.

O pedido de divórcio é com os fundamentos dos art.ºs 1779.º e 1781.º do Código Civil e o respectivo duplicado encontra-se à disposição da citanda nesta Secção e Juízo.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1985

O Juiz de Direito,

a) Joaquim Fonseca Henriques de Matos

O Escrivão Adjunto

a) Álvaro José Guerreiro de Araújo

"D.L." — 7/3/85 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

Na 2.ª Secção, do 2.º Juízo, do Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras, correm termos uns Autos de Acção de Processo Sumário, registados sob o n.º 188/84 que o Autor, Fernando Madeira, residente em Queijas, move aos Réus JOHN STEVEN MCFARLAND, ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua C-1, lote 270/F, 1.º andar, em Queijas, freguesia de Carnaxide, Concelho e Comarca de Oeiras, e outros, é o dito réu citado para contestar, no prazo de DEZ DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do presente anúncio sob a cominação de vir a ser condenado no pedido, se não contestar.

Oeiras, 26 de Fevereiro de 1985

O JUIZ DE DIREITO
(Mário Manuel Pereira)
A ESCRITURARIA
(Marta Helena Monteiro)

DL 7/3/85 — 2.ª Pub

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que pelo Tribunal do Trabalho de Sintra, Primeira Secção, correm seus termos uns autos de contrato individual de trabalho registados sob o n.º 70/82, sob a forma Sumária, movida pela Autora Maria de Lurdes Fernandes Luís Lourenço, residente no Bloco 1, Lote C-3, Porteira, Urbaniz. Rincos — Rio de Moura, contra o Réu Jorge Manuel Elvas M. Marques e outros, que teve a sua última residência conhecida no Bloco 1, Lote C-3, 5.º Esq., Urbaniz. Rincos — Rio de Moura, meios é o Réu citado, para no prazo de oito dias, ainda que seja a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação dos autos, apresentar a sua defesa, sob pena de ser imediatamente condenado solidariamente com os outros réus no pedido formulado pela Autora, conforme discriminação constante da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secção e que poderá ser entregue ao citando se assim o solicitar.

O JUIZ DE DIREITO
Álvaro Poppe Lopes Cardoso
O ESCRIVÃO ADJUNTO INTERINO
Carreira Amareló

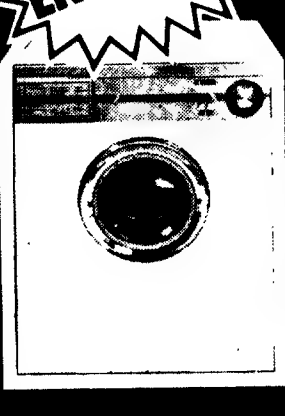
DL 7/3/85 — 1.ª Pub.

PAGUE ATÉ 18 MESES

OU SEM
ENTRADA

OU SEM
ENCARGOS

COMPRA
A PRONTO PAGAMENTO
PAGUE A PREÇO
DE CUSTO



SUPERNEVE

C. VALERIO & J. DAVID • ELECTRODOMÉSTICOS
R. CONDE REDONDO, 53-D • TELS. 533996/558707 • 1100 LISBOA

DESPORTO

Moçambique: sombra e sol de um país imenso (4)

Quem estende a primeira mão?

Neves de Sousa

nosso enviado especial
com o apoio das LAM
(Linhas Aéreas de Moçambique)

Numa daquelas cálidas noites africanas, no interregno entre chuvas monumentais, fomos ao Hotel Vitória que, no Maputo, é assim uma espécie de ponto de encontro entre os homens fortes do Clube de Desportos de Maxaquene, as LAM (Linhas Aéreas de Moçambique) e os convidados que, por intermédio mútuo, visitam a capital moçambicana.

O eng.º Carlos Morgado mais Francisco Ó da Silva, anfitriões de primeira, ofereceram ali um autêntico festim em honra de Eusébio da Silva Ferreira, o tal rapaz que discursava melhor nos estádios: e ali, também por gentileza do belíssimo camarada que é Carlos Pinhão, fui obrigado a botar falas em nome da pequena comitiva que pisava o fidalgo solo moçambicano.

No «Restaurante Vitória» trabalha o sujeito que (não sei se) fixaram em foto publicada se chama João, «Jão» assim mesmo, mora na «Cantina da China» (na Avenida Ângela, ao pé da Foto Ambalane) e já serviu presidentes que ultrapassam os dedos de uma mão. Francisco Ó da Silva e o eng.º Heitor Martins iam falando da sua confiança no futuro moçambicano: o que se diz lá fora não traduz o que se passa aqui. Sérgio Santimano, nosso companheiro fotógrafo da Agência de Informações Moçambicana (AIM) descobria-se em cuidados para com os colegas que iam de longe: e mandava um abraço para o «nosso» Hernando Domingues, que ele sabe ser freguês quotidiano das palavras cruzadas mas ótimo disparador de objectiva. O conselheiro (dr. António Valente) tratava-nos também com gentileza superior. Só (infelizmente) nunca pudemos descobrir o rosto do dr. Paularo das Neves, por certo excelente embaixador português em Moçambique, com quem nunca tivemos o grato prazer de um encontro. Contemos como as coisas se passaram, para que fique bem clara a desconexão entre visitas e residentes.

Uma manhã, na portaria do Hotel Polana, tocou o telefone para o jornalista Augusto de Carvalho, antigo director do «Expresso» que está agora como

responsável-mor da «Notícias de Portugal» na capital moçambicana. Tínhamos estado, como acontecia todos os dias, em larga e amena cavaqueira: só que o Augusto fora a caminho da «France», para tentar compor um automóvel e, depois, procurar residência condigna para receber a mulher (que vai trabalhar no Banco de Moçambique) e os filhos. Logo, às oito da madrugada (como diria o bom amigo Raul Solnado) quem pegou no telefone fui eu. Do lado de lá do fio estava a simpática secretária do senhor embaixador, que depois de deixar o recado para o Augusto de Carvalho escutou a solicitação de uma recepção para Eusébio e os cinco jornalistas que tinham feito a viagem ao Maputo. E, sem nunca nos colocar na mesma linha do dr. Paularo das Neves, conseguiu que ficasse marcada uma recepção para o dia seguinte, na Rua Mantimane, 12, cinco esquinas depois do Polana, que vira à esquerda. Tivemos o cuidado de fazer o reconhecimento do percurso e, de comum acordo, deliberamos que ficaria mal não ir cumprimentar o senhor embaixador que nos dava a honra de receber em própria casa.

Tudo certo, tudo bem acordado, ninguém iria faltar. Só que, precisamente à hora do almoço do dia em que iríamos a casa do dr. Paularo das Neves, chegou um emissário do presidente Sa-

mora Machel informando que seríamos recebidos, pelas quatro da tarde, no Palácio da Ponta Vermelha. A cerimónia acabou, nós voltámos ao Polana encharcados até aos ossos (ser atendido por Samora Machel obriga a gravata e fatinho a capricho) e, quando pedimos as chaves dos quartos para um mínimo essencial de higiene, já tinham passado duas horas do calendário marcado pelo nosso embaixador.

Telefonámos para a Embaixada com a ideia de pedir desculpa: ninguém atendeu. Solicitámos a amigos comuns que explicassem o pequeno imbróglio, mandámos mais recados: por desgraça nossa, o dr. Paularo das Neves, que poucos cooperantes conhecem, não mais esteve para os cinco jornalistas portugueses que nem sequer iam mendigar o que quer que fosse e até estavam com um rapaz chamado Eusébio da Silva Ferreira, agora distinguido com «passaporte diplomático» pelo presidente da República Popular de Moçambique. Certo e sabido: qualquer dia encontramo-nos no Fundão.

Eusébio abraçado

Adiante, João («Cantina da China»), sujeito importante:

— Craveiro Lopes gostava de vinho branco gelado. Américo Thomaz falava com a gente olhando para o chão. Marcelo Caetano ria muito e até ia de calções para a piscina.

O amigo João não entende quase nada de desporto para além de considerar o Maxaquene o melhor clube do mundo e Eusébio o menino-milúdo que via em Mafalala. Mas, o tema era mesmo o futebol:

— Eu já era do Sporting. Tem aí algum emblema?

No festival de homenagem aos campeões nacionais que vestem a camisola do Maxaquene, foi uma espécie de comum delírio, mal Eusébio subiu ao palco. E eu recordei aqui as palavras, certa-

mente não alinhavadas anteriormente, em que Samora disse:

— **Disseram que não podias voltar aqui, que serias preso mal tocassem a terra que te viu nascer. Olha em teu redor.**

Nessa altura, no Palácio da Ponta Vermelha, o silêncio coava-se no ar. Pavões (lindos, de cores infinitamente belas) corriam em procura de amor. Serviam-nos champanhe, o presidente preferia vinho branco (vá lá o reclamo: das Caves Aliança), todos ríamos, «o velho» continuava improvisando já passava uma hora e todos os assessores permaneciam impávidos: nunca se sabe quando Samora trava a palavra. Já o disse: é um actor exímio que dispensa ponto. E, desculpem, no naipe de jornalistas terá sido este vosso amigo o único que, trabalhando com os três melhores e mais prestigiados empresários de teatro ligeiro, conheceu melhor as armas (e as defesas) de muitas vedetas com pés de barro...

No Maputo prepara-se a visita particular que Ramalho Eanes vai fazer ao seu amigo Samora Machel. Estava planeada para estes dias, mas a situação na capital moçambicana continua instável: na semana que ali nos encontramos, duas noites a luz fugiu: aqueles que o governo cita sempre como **bandidos armados** deitam abaixo postes de electricidade e, pronto: cidade às escuras. Difícil se torna agora consertar o poste deitado abaixo, porque antigamente as cargas explosivas eram colocadas na base e, de helicóptero, tornava-se possível (mais ou menos rapidamente) descobrir o ponto quebrado. Mas, outro sistema está agora a ser utilizado pelos tais «bandidos armados»: pegam o explosivo no topo de cimento e a inclinação do poste retalhado é tão pequena que demora horas a dar nas vistas. Por outro lado, também colocam minas nas estradas: e o truque para ir avançando também obrigou a evoluir, pois neste momento as tropas regulares atiram

fora a fomalha do caminho marnadas de vacas e só depois delas terem ganho um avanço razoável é que os militares seguem o trilho desbravado de surpresas.

De qualquer modo, podemos garantir, há uma grande confiança da maioria da população moçambicana em torno do seu «velho», de Samora Machel. E, se Cahora Bassa é um fortim quase inexpugnável (apenas atingido por meios aéreos, defendido cá em baixo com unhas e dentes) Moçambique pensa em continuar avançando para uma prosperidade a que se julga com direito: e, na encruzilhada entre vários problemas (guerrilha interna, cortes de comunicações quase generalizados, fraco poder de aceitação da sua moeda nos mercados internacionais, carências de alimentos para as populações e cheias periódicas dos seus principais rios) é forçoso, sobretudo, descobrir **quadros europeus** (preferencialmente em Portugal) que possam ir ajudar a erguer Maputo e outras cidades da África Austral. Para já, continuam (devagar, mas vão andando) as obras na Barragem do Corumana (no rio Sabié, principal afluente do Incomati, a perto de 105 quilómetros do Maputo) e a Barragem dos Pequenos Libombos, que procurará melhorar o fraco caudal que vai afluir ao Rio Umbelúzi (que vive em quase permanente estado de estiagem) e não consegue abastecer convenientemente a antiga Lourenço Marques.

— **Espero que na próxima viagem de Eanes ele dê uma boa ajuda para que portugueses venham rapidamente. Precisamos de mão-de-obra qualificada: e vocês (carambal) são os nossos preferidos.**

Não valerá a pena identificar quem assim falava: meio Povo de Maputo quase tem lágrimas nos olhos quando se fala nos amigos que moram a 12 mil quilómetros de distância.

Neves de Sousa

Hóquei em patins: taças europeias

Árbitros foram nomeados

Os árbitros portugueses, Carlos Trindade e Aníbal Santos, estreiam-se em Abril como juizes internacionais de hóquei em patins em jogos das Taças CERS e Campeões Europeus.

Aníbal Santos vai arbitrar o encontro entre a equipa espanhola do Tordera e o Cronenberg, na República Federal da Alemanha, a contar para a segunda «mão» da Taça dos Campeões Europeus, a 20 de Abril, e Carlos Trindade será o juiz da partida entre os espanhóis do Cerdanyola e os franceses do Villeneuve para a Taça CERS, a 13 do mesmo mês.

Os árbitros nomeados para dirigir os jogos da Taça CERS, em que participam equipas portuguesas, são os seguintes: Fontenay (França)-Juventude de Viana; George Pattenden (Inglaterra); Benfica-Lodi (Itália); Jean Ehrent (França) e Sanjoanense-Moenchengladbach (RFA); McGann (Inglaterra).

MICROSEPIO

Andebol: nacional

O Sporting venceu o Benfica por 27-19, no encontro em atraso da 10.ª jornada da Divisão de Honra, em andebol. Os «leões» reduziram a diferença pontual que os separava dos líderes, mas este desfecho não afectou o apuramento, já definido, das quatro equipas para a fase final—Benfica, Sporting, Belenenses e FC Porto.

Paris-Nice

Os seis primeiros da 3.ª etapa da prova ciclista Paris-Nice, disputada entre Chatillon-Sur-Chalar e St. Etienne num total de 176 quilómetros, foram os seguintes: 1.º Eddy Planckaert, Bélgica, 4h 46m 19s; 2.º Sean Kelly, Irlanda, mt; 3.º Nico Verhoeven, Holanda, mt; 4.º Francis Castaing, França, mt; 5.º Martin Earley, Irlanda, mt; 6.º Stephen Roche, Irlanda, mt.

Geral após a etapa: 1.º Allan Peiper, Austrália, 15h 21m 11s; 2.º Laurent Fignon, França, a 10 segundos; 3.º Stephen Roche, Irlanda, a 13,

Jorge Figueiredo abanadona Cascais

Jorge Figueiredo demitiu-se de presidente da junta directiva do Dramático de Cascais — disse o próprio à agência NP.

A decisão de Jorge Figueiredo prende-se com a resolução da assembleia geral de terça-feira, que rejeitou por maioria esmagadora (56-9) a alteração dos estatutos. Com este abandono a assembleia geral decidiu criar uma comissão encarregada de convocar eleições, o mais tardar, até dia 31.

Jorge Figueiredo pretendia com a alteração dos estatutos a formação de uma direcção com cinco elementos (presidente e quatro vogais) e a admissão de sócios de ouro e de prata que pagariam 25 e 5 contos por ano e teriam direito a 25 e 5 votos nas assembleias. **Sem mim, o Cascais tem poucas possibilidades de sobreviver**, porque não aguentará os compromissos assumidos, especialmente com a equipa de hóquei, previu Figueiredo.

Toaninha: todo o Norte na corrida

O futebolista Tonanha não será jogador do Salgueiros na próxima temporada garantiu o presidente do clube salgueirista José Silva.

Em declarações à agência «NP», o presidente do Salgueiros afirmou que o clube já decidiu deixar sair Tonanha no final da temporada apesar de o jogador ter contrato por mais uma época.

É ponto assente que Tonanha sairá. Não queremos cortar as pernas ao futebolista, mas não deixaremos, no entanto, de acautelar os interesses do clube», salientou.

José Silva revelou que o FC Porto e o Boavista são os clubes com mais probabilidades de

contratar Tonanha, mas, acrescentou o Braga e o Guimarães também já entraram na corrida.

Tonanha já assinou um contrato-promessa com o Boavista, mas o jogador fez questão de frisar que **isso não quer dizer que não vá para outro clube.**

O presidente do Salgueiros disse esperar que tudo fique resolvido, «o mais tardar na próxima semana» e realçou o cavalheirismo das direcções do FC Porto e do Boavista.

João Carlos Vergel, conhecido por Tonanha no mundo do futebol, nasceu a 28 de Junho de 1959 em Americana, Brasil, tendo ingressado no futebol português em 1981 no União de Leiria.

Atletismo: selecção de corta-mato

Emigrante entre os eleitos

O emigrante português Lúcio Pereira, da equipa francesa do Neully Plaisance, é a grande novidade na selecção portuguesa seniores masculina para os campeonatos mundiais e corta-mato a disputar em Lisboa no dia 24.

O benfiquista João Campos, que venceu em Paris os 3.000 metros dos primeiros jogos mundiais de atletismo, em recinto coberto, foi indicado como primeiro suplente da selecção.

Dos atletas indicados pela federação para formarem a selecção sénior masculina, fazem par-

te cinco corredores do Sporting, quatro do Benfica e um do Salgueiros, incluindo os suplentes.

A equipa feminina inclui as quatro atletas portuguesas mais credenciadas, sendo três do Braga, um do Porto, Benfica e Centro de Atletismo do Porto e a suplente do Várzea. Dos sete atletas da equipa de juniores, dois pertencem ao Sporting e os restantes a outros cinco clubes.

A pontuação para classificação por equipas no mundial é atribuída pelos seis primeiros em seniores masculinos, e quatro melho-

res tempos em senhoras e juniores.

SENIORES MASCULINOS:

António Leitão, (Benfica), Carlos Lopes (Sporting), Cidália Caetano (Benfica), David Tavares (Salgueiros), Ezequiel Canário (Sporting), Fernando Couto (Benfica), Fernando Mamede (Sporting), Lúcio Pereira (Neully Plaisance) e Rafael Marques (Sporting).

Suplentes: João Campos (Benfica) e Hélder de Jesus (Sporting).

SENIORES FEMININOS: Albertina Machado (Sporting Bra-

Xadrez: torneio zonal feminino

Portuguesas: modesta participação

A campeã nacional de xadrez empatou na última jornada do torneio zonal disputado em Albacete, Espanha, classificando-se em quinto lugar e a vice-campeã nacional perdeu a última partida ficando classificada no último posto, entre oito

xadrezistas, seis das quais espanholas.

Na última jornada Isabel Pereira Santos, número um portuguesa, empatou com a espanhola Nieves Garcia enquanto Aida Ferreira perdeu com Luísa Cuevas.

O torneio terminou com quatro xadrezistas espanholas no primeiro lugar, não estando ainda definido o modo como será apurada a vencedora, que irá disputar o torneio interzonal. O primeiro posto foi partilhado por Luísa Cuevas, Pepita Ferrer,

Nieves Garcia e Garcia Padron, todas com 4,5 pontos e a campeã portuguesa totalizou 3,5 pontos, a que correspondeu o quinto lugar, seguida de Rosaria Diacono (3 pontos) Ana Maria Deghenghi (2) e Aida Ferreira (1,5).

«SOCIEDADE TRANSFORMADORA DE PAPEIS, LIMITADA»

Sede: em Lisboa, na Estrada da Torre, n.º 75-F

SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo da Notária Licenciada,
Maria do Carmo Antunes dos Santos

CERTIFICO

Para efeitos de publicação, que por escritura de catorze de Fevereiro do ano corrente, exarada de folhas noventa e sete a noventa e nove, do livro número oitenta e sete-F, das notas deste Cartório, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «SOCIEDADE TRANSFORMADORA DE PAPEIS, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Estrada da Torre, número setenta e cinco-F, com referência ao seu artigo terceiro que passou a ter a seguinte redacção:

constantes da escrita social, é de trezentos e setenta mil escudos, dividido em duas quotas uma do valor nominal de cento e oitenta e cinco mil escudos, pertencente ao sócio Rogério dos Santos Serra; e outra, de cento e oitenta e cinco mil escudos, pertencendo ao sócio João Manuel Rebelo Pina.

Vai conforme.

Lisboa, vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e cinco

O Escriturário-Superior
Silvina Mora Coelho

«D.L.» — 7/3/1985

**TEATRO DA TRINDADE
INATEL**

Apresenta

Hoje, às 21.30 horas

O Grupo de Teatro da Sociedade Musical União do Beato

com a peça

O MAR

de Miguel Torga

Amanhã, à mesma hora, este Grupo com as peças:

A HORA DE TODOS

de Francisco Ventura

UMA ANEDOTA

de Marcelino Mesquita

Bilhetes à venda ao preço único de 50\$00

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SÓ ATÉ DIA 24

DE 3ª A SÁBADO: 21,30

SÁBADO E DOMINGO: 16 H.

**FARSA DRAMÁTICA DE
GOMES DE AMORIM**

**3.º
MÊS**



encenação Carlos Avilez

com
RUI DE CARVALHO • FERNANDA BORSATTI OU VARELA SILVA •
FERNANDA ALVES • CATARINA AVELAR • MARIA AMÉLIA MATTA •
CARLOS DANIEL • MANUEL COELHO • RUY DE MATOS • ALBERTO
VILAR • BARROSO LOPES • CARLOS FONSECA • ANTONIO
BANHA • MÁRIO PEREIRA • JOÃO FERNANDES • NUNO FRANCO •
IRENE ISIDRO • LURDES NORBERTO • LURDES LIMA • ANTONIO
ANJOS • VÍTOR RIBEIRO • JOÃO DE CARVALHO • GUILHERME
FILPE • LUÍS BANDEIRA • PAULA MORA • CARLOS DUARTE •
CARLOS PIMENTA • PAULO LAGES • ANTONIO RAMA • MIGUEL
MENESES • IVO VAZ • LÚCIA MARIA.

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS

SALA EXPERIMENTAL

Por exigência do público
continua em cena até domingo

«APOLOGIA DE SÓCRATES»
de Platão

Encenação e interpretação: DOMINGOS SEMEDO
da Companhia «Les Trois Coups de Lausanne»

De 3ª a Sábado às 21.45 — Sábado e Domingo às 17.30

Para si, leitor do «DL»

«Ana e os Lobos» abre ciclo

Depois de algumas bem sucedidas antestreias e da homenagem a Truffaut, chegou a altura de lhe propormos «Cinema — outro»: assim designamos o ciclo que organizamos de parceria com o «ABC — Cineclube de Lisboa» e que começa já amanhã com «Ana e os Lobos», de Carlos Saura.

Os leitores do «DL» são, como é evidente, os destinatários privilegiados desta iniciativa que terá lugar no Estúdio 444, às sextas-feiras, pelas 18.45 h, no decorrer do presente mês de Março.

«Cinema — outro» porquê? Porque ousamos organizar um ciclo em que agrupamos filmes que não vêm dos grandes centros produtores e maioritariamente fornecedores do nosso mercado: Estados Unidos, França, Alemanha Federal, Itália, Grã-Bretanha estão ausentes. Pensamos que há mais mundo e mais cinema que urge divulgar, apoiar, conhecer. Pensamos que o nosso olhar não pode ficar preso ao polígono com vértices em Hollywood, Paris, Pinewood, Cinecittá, Bona, polígono que detém o dinheiro, os institutos, os canais de distribuição e até a maioria da programação da Cinemateca ou da Gulbenkian. Pensamos que é preciso pulverizar o imaginário e aceder ao outro cinema que tantos países fazem — e bem.

Pouco vistos, mal amados pelas largas multidões, os filmes que lhe vamos propor tiveram — sem excepção — magro êxito quando se estrearam, injustamente pensamos nós. Daí esta iniciativa, que não virará — é claro — a roda do destino mas que, julgamos, ajudará um pouco a que o outro cinema não seja tão sumariamente triturado quanto é hábito. Não é pecado não mudar as coisas, pecado é nem sequer fazer força.

«Ana e os Lobos», de Saura

A Espanha aqui tão perto e que sabemos nós do seu cinema? Pouco, muito pouco.

O caso de «Ana e os Lobos», de Carlos Saura, é exemplar: estreado em 1975 teve uma carreira fugaz e não mais foi reposto; há filmes sem segunda hipótese. E, no entanto, não correndo o risco de exagerar e de o adjectivar acima dos seus méritos, é uma fita bem mais interessante que a larguíssima maioria

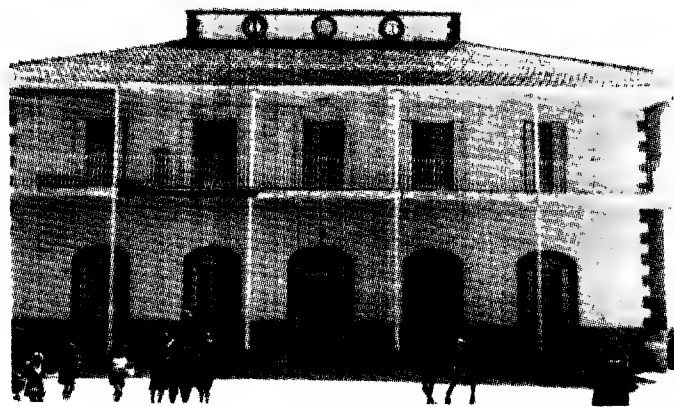
dos filmes que passam pelos nossos ecrãs.

O universo dos filmes de Carlos Saura, mundo de símbolos e fetiches, é a imagem reflectida da própria Espanha franquista. Mais, é o mundo interior, o inconsciente colectivo espanhol, as raízes de uma vivência que mergulha a suas raízes na trilogia repressão-religião-sexo, o espectro secular daquele país.

Se é possível dizer de Carlos Saura que, nos anos 60, filmava sempre a mesma realidade (há mesmo quem diga que a sua obra não era mais do que sucessivas variações sobre um tema único) isso pode significar a unidade de uma obra ou a obsessiva fixação em fantasmas perenes. Que fantasmas?

Com filmes implacavelmente violentos, Saura ia abordando, filme após filme, uma realidade profundamente marcada pela castração de uma guerra civil (de que só em «A Prima Angélica» se fala explicitamente) de um mundo onde a violência se gera diária, feroz.

Em «Ana e os Lobos» o que se pode contestar é o facto de os símbolos serem demasiado evidentes. Numa casa senhorial, isolada e fantástica, microcosmos da Espanha, uma família incarna as ideias-chave. A mãe, sofrendo de hidropisia, ser monstruoso que já não governa mas paira, vivendo de um passado doente produtor de monstros; os três filhos, Fernando, o mistíssimo religioso aliado a uma perversa obsessão, José, a autoridade militarista, censural, absoluta, Juan, o sexo como única fixação. Há também Luchy, mulher de Juan, a resignação da mulher espanhola, as três crianças vivendo já um quotidiano onde a força e a morte são presentes, as três criadas objecto de exploração, sujeito das



A velha casa senhorial, microcosmos da Espanha franquista

iras da velha senhora, pacientes fontes de escape sexual; Ana, a jovem preceptora, de posse de todas as coisas que faltam naquela família, reveladora das hipocrisias e dos traumas, será fatalmente alguém a assimilar, a corromper, e na impossibilidade, a destruir.

Cabe aqui dizer que o cinema de Saura é, ainda, um cinema sobrecarregado de objectos-fetiches. Os seus cenários são de um fantástico barroco, multiplicam-se num excesso que faz lembrar em certa medida Buñuel.

Há, por outro lado, uma acumulação de sinais, um discurso pleonástico que por vezes se torna de uma evidência atroz, como se Saura pretendesse

mais a explicitação dos seus símbolos do que a construção subtil de referências.

Nisso o cinema de resistência que se fez em Espanha teve ao menos essa virtude (o que se não passou em Portugal): a de dissecar até à medula o clima, o quotidiano espanhol pouco se importando com a memória do cinema que, aqui, preocupou tanto os realizadores.

«Ana e os Lobos» exhibe-se, assim, amanhã, às 18.45 h, no Estúdio 444, a abrir o ciclo Cinema — Outro. Para o leitor aceder à sessão, nas condições favoráveis que — como é hábito — lhe reservamos, o esquema é o do costume: recorte o cupão que hoje e amanhã publicamos e siga as instruções nele expressas.

J.L.R.



ABC-CINECLUBE DE LISBOA



Estúdio 444
Dia 8
18.45h

**«ANA E OS LOBOS»
DE CARLOS SAURA**

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 60\$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)



GRANDE PRÉMIO
DO CINEMA
DE CRIACAO
CANNES

Nostalgia

um filme de Andrei Tarkovski
obra-prima *****



DOMIZIANA GIORDANO • OLEG JANKOVSKIJ • DELIA BOCCARDO



ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.15 h

FILME DE
QUALIDADE
M/16 anos

**«IRPA — INDÚSTRIA
REBOBINADORA DE
PAPEIS, LIMITADA»**

Sede — em Lisboa, na Rua do Sol
ao Rato, n.º 59-A

**SEXTO CARTÓRIO
NOTARIAL DE LISBOA**

A cargo da Notária Licenciada,
Maria do Carmo Antunes dos Santos

CERTIFICO

Para efeitos de publicação, que por escritura de catorze de Fevereiro do ano em curso, exarada de folhas noventa e quatro verso a noventa e seis do livro número oitenta e sete-F, das notas deste Cartório, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «IRPA — Indústria Rebobinadora de Papeis, Limitada», com sede em Lisboa, na Rua do Sol ao Rato, número cinquenta e nove-A, com referência ao seu artigo terceiro, que passou a ter a seguinte redacção.

TERCEIRO — O capital social integralmente realizado em dinheiro e nos diversos bens constantes da escrita social, é de cem mil escudos, dividido em duas quotas, uma, do valor nominal de cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Rogério dos Santos Serra; e outra, do valor de cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio João Man V

Lisboa, vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Escriturário-Superior
Silvina Mora Coelho

«D.L.» — 7/3/1985

**ENSINE
O SEU FILHO**

Ensine o seu filho a ler e a escrever com este livro de gramática

EDICAO RODRIGUES PORTUGUESA



Arte a granel, Durruti e poder

Confesso que fiquei exausta e também um pouco farta. Tão depressa não me apanham noutra aventura daquelas... juro! Pois até agora ainda não descobri, em mim, o mínimo sintoma de masoquismo. As tantas, ao fim de percorrer dois dos três pisos do gigantesco recinto, onde decorria a feira internacional da arte contemporânea, quarta edição da Arco 85, de Madrid, que durou cinco dias, já me arrastava penosamente como os peregrinos que vão a Fátima em cumprimento de promessa.

Mas como saíra de Lisboa a esse pretexto, improvável seria uma eventual e, francamente, apetecível desistência. E aguentei-me com estoicismo, vendo tudo do princípio ao fim. De uma maneira geral, com algumas excepções, o que vi não me entusiasmou. Na verdade, sempre desconfiei que as artes plásticas se prestam muito a batota, que mais do que qualquer outras fazem parte do fenómeno consumista. Que mais do que nunca navegam ao sabor da onda.

«Quanto vale?», pergunto a uma senhora de aspecto inequivocamente convencional, dedo apontado para um quadro de Miguel Barceló. «Dois milhões e meio de pesetas», respondeu secamente. Provavelmente, por ter percebido que eu não me propunha comprar a obra. Elucidada, retiro-me fingindo um certo desdém. É que este tipo de damas, funcionárias de «boutiques» (perdão: de galerias), bulem-me com os nervos.

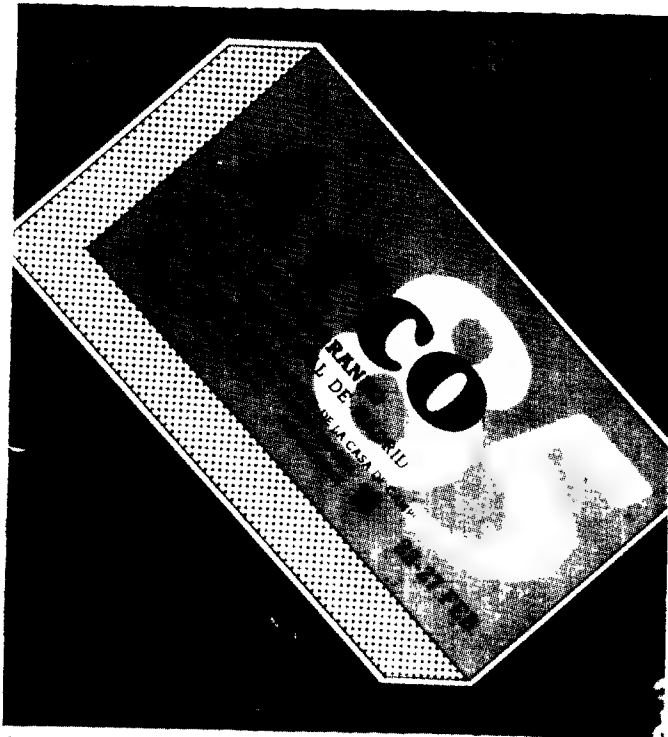
Que Barceló era uma vedeta já o sabia. Que fizera uma carreira rápida, atingindo uma cotação fabulosa, não constituía nenhuma revelação. Só ainda não percebi porquê. Com isto não pretendo emitir juízos sobre o seu valor. Talvez seja mesmo genial, talvez mereça aplausos. Ouso, no entanto, dizer que na sua meteórica ascensão pesa, com certeza, o factor «marketing».

Detenho-me num pavilhão com etiqueta italiana apenas porque nele identifico, calmamente sentada, uma figura que me é simpática. Rafael Alberti: poeta, resistente. Ou, simplesmente: poeta. Olhos azuis, cabeleira branca a bater nos ombros — a imagem perfeita da serenidade. Igualzinho às fotografias. Assinava uma homenagem a Picasso, feita de escrita e desenho. Picasso em guerra, Picasso galo, Picasso em paz, Picasso tigre... isto e aquilo. Na pele de felinos, em situações fortes. Em resumo: Picasso, sugestivamente, rebelde.

Picasso

Naquela avalanche de contemporaneidade, Picasso demorou-me. Foi o único de quem me enamorei verdadeiramente. Escusado acrescentar mais. Nunca esqueci, aliás, este comentário seu: **leva-se muitos anos a aprender a ser jovem.** No meio de tanto vanguardismo, de tanta pseudo-juventude, achei que Picasso era novíssimo. Que depois dele, praticamente nada. O que a seguir veio confundiu-se, assemelha-se, seja produzido em Nova Iorque, Milão, Madrid ou Lisboa.

Neste contexto, refugi-me na indiferença para não congelar por



A mercadoria era a arte...

*Vocês não percebem
Aquilo que fazemos
Pois olhem caros amigos
Que nós ainda menos*

(Francis Picabia, in Bulletin Dada, n.º 6, Paris 1920)

dentro. E então, Tapiés? Sim, é ótimo. Luis Gordillo, um andaluz de Sevilha, nada mal. E muitas outras cintilações que na Arco se encontravam com propostas e linguagens dirigidas para a busca da originalidade. Em última instância: interessantes. Sem nunca, contudo, causaram impressões tremendas, arrasadoras.

De acordo com os jornais espanhóis, esta Arco-85 foi de todas as feiras, até hoje realizadas, a mais concorrida. Estimavam os visitantes em mais de cem mil. Diversos países marcaram presença, sendo novidade a comparação norte-americana com dez galerias, a maioria delas provenientes de Nova Iorque. Na sua qualidade de anfitriã, a Espanha marcava pontos com uma representação de oitenta galerias. Nós, vizinho do lado, modestamente, concorriamos com cinco, o que já me parece satisfatório.

Embora o aparato da Arco-85 fosse impressionante (em artistas, obras, catálogos, conferências, negociantes, video... tudo concentrado e abundante), em matéria de arte, Madrid oferecia paralelamente ao prato substancial quatro exposições soberbas. No Parque do Retiro podia-se ver a mostra «Del Arte Povera a 1985» e, a curta distância dali, no Paseo de Recoletos, havia a possibilidade de apreciar Picabia, duzentas pinturas com o suporte literário de textos e revistas.

Evocando uma certa América, Rauschenberg, exposto na Fundação Juan March, desenhava nas telas, a branco e negro, a geometria do que viria, depois, a ser o pop. Outro nome, David Hockney, também dos Estados Unidos, na Caixa de Pensões,

exercia o seu fascínio, desta vez, pelo meio da fotografia.

Quanto aos portugueses apenas isto: no meio da vulgaridade reinante, na Arco 85, fizeram boa figura. Um conjunto que deveria ser menos monolítico nas propostas e talvez menos despreocupado com o conceito moda, mas... mas contudo agradável. E alguns até venderam, caso de João Vieira que, ao terceiro dia, já tinha três quadros adquiridos, ao que julgo por portugueses. Daqui se conclui que o orgulho lusitano, lá fora, funciona.

Ora, ainda sobre a Arco 85, onde me chateei que nem um peru, associo-me à exigência da revista «La Luna», a publicação cultural mais viva de Madrid. A propósito do significado das artes plásticas e do que elas representam no plano do negócio, não seria má ideia que a Arco passasse a chamar-se Grandes Amazons da Arte e que incluisse secções como **saídos, juventude e modelos extra.** Uma espécie de Preciados... Assim se explica que a **vanguarda seja o mercado.**

Moda

Com uma banca de legumes, em riscos de perda de viço, a rapaziada da «La Luna» tentava vender o seu produto na Arco 85. A revista, claro, devidamente pesada numa balança antiga. Sem querer lembrei-me do «Jornal de Letras» (não busquei a imagem, ela é que me buscou), tão respeitador, tão a respirar seriedade por todos os poros. Tão incapaz de provocar rasgões no nosso pardacento panorama cultural. De onde não es-

corre sangue nem suor, mas algo de inodoro, de incolor... de inofensivo.

Mas Madrid não é Lisboa. Em Madrid tudo mexe. Nos bares, sempre a abarrotar, está-se com alegria. Está-se naturalmente. Cá das duas uma: ou a pose, o exibicionismo do visual à moda de, ou uma postura acabrunhada, com o ar martirizado de quem se carrega um fardo que é a vida. O que acontece com este País? Santo Deus, porque não se descontrai? Ou então, enraiveça-se de uma vez por todas e ranja os dentes, em jeito de ameaça e a seguir... morda. Deixe de se armar em vítima como a mulher-a-dias do filme «O que fiz eu para merecer isto?», do jovem cineasta espanhol Pedro Almodóvar.

Crime

Ao fim e ao cabo, a mulher da fita, num gesto inesperado, consequência de muita frustração acumulada, comete um acto excessivo e irremediável. Sempre mantendo o ar desgraçado mata o marido que era o protótipo do machista ibérico, com o osso descarnado do presunto. Embora inestético, o objecto crime foi eficaz tal como a perna de carneiro congelada de Hitchcock que também matou. Diga-se: que a ponta da navalha ou a bala conferiram à situação outra nobreza mas, paciência, em tempo de guerra não se escolhem armas. Há que recorrer ao que, no momento, está ao alcance da mão.

Um pouco vítimas também se manifestaram os anarco-sindicalistas que num velho prédio da Praça Tirso de Molina, com a bandeira da CNT (Confederação Nacional de Trabalhadores) hasteada, reúnem-se todos os dias ao fim da tarde. Presos à utopia, com o mito de Durruti pendurado nos espíritos, sentem-se vivos e, provavelmente, actantes. Com doze sindicatos não podem competir com as Comissões Obreiras e a UGT que, segundo dizem, pertencem às instituições e gozam, por isso, dos favores do sistema. Eles, não. Consideram-se limpos e puros, longe de jogos e manobras, cujo desfecho é inevitavelmente o compromisso. E mais grave, a traição...

Mas os anarco-sindicalistas, que não se proclamam chefes nem representantes de nada e desprezam quem assim se comporta, realizam volta e meia plenários e assembleias em que criticam, duramente, o governo de Felipe Gonzalez. «É de direita... não resolve nada». Aludem, justificando esta afirmação, aos milhões de desempregados, à miséria visível nas ruas, à redução das liberdades a pretexto do terrorismo criador da desordem social. «Ainda recentemente a Polícia realizou no Bairro del Pilar uma operação... Entrou nas casas, fez buscas... o que lhe apetecia».

É como cá. O poder, qualquer poder (não tenho a mínima dúvida) usa e abusa do poder de que dispõe. Aliás é esta a sua lógica.

Lourdes Féria



A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

Hoje



Eládio Clímaco, Margarida Andrade e Fialho Gouveia, serão os apresentadores do 22.º Festival RTP da Canção-84, esta noite na RTP-1

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 Notícias

18.22 Tempo dos Mais Novos

19.00 Teleregiões

19.20 Golo — resumos das principais competições futebolísticas.

20.00 Telejornal

20.27 Boletim Meteorológico

20.30 «Chuva na Areia» — 44.º episódio.

21.05 28 Anos de Evolução — da emoção dos homens à frieza das máquinas.

21.30 22.º Festival RTP da Canção — directamente do Coliseu dos Recreios, o Festival RTP da Canção, que tem por objectivo escolher, por votação dum júri nacional, a canção que representará a RTP no Concurso Eurovisão da Canção em Gotemburgo (Suécia).

00.30 Especial Rali — um programa de informação dedicado ao Rali de Portugal/Vinho do Porto.

00.40 Último Jornal



Exibe-se na RTP-2 o 44.º episódio da telenovela «A Sucessora»

19.32 Eurovisão — patinagem artística. Campeonato do Mundo, de Tóquio: patinagem livre (homens).

20.30 Directo/2 — pontes de Portugal.

21.20 «A Sucessora» — 44.º episódio.

22.00 Jornal da Noite

Amanhã



13.35: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «As Espantosas Aventuras de Morph»; 19.00: Teleregiões; 19.20: Gente Singular; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Panorama; 22.10: «A Revolta dos Mineiros»; 23.10: Último Jornal.

19.32: «Eurovisão — patinagem artística, Campeonato do Mundo, de Tóquio; 21.25: «A Sucessora»; 22.00: Jornal da Noite.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Festival RTP da Canção
1985
(21.30)



«A Sucessora»
(21.20)

CHUVA NA AREIA
(44.º Episódio)

O tenente Herculano procura encontrar-se com Guida para lhe oferecer uma boleia até à praia. Chegadas lá, Guida salta do carro e, sem se despedir, reúne-se aos amigos. Volta então atrás para lhe agradecer a boleia. Pouco tempo depois surge Caniço, muito bem vestido e numa «lambretta». Augusta e Amélia dirigem-se ao cabeleireiro para fazerem uma depilação. Amélia está muito reciosa, mas Augusta anima-a, com o seu bom humor. Cá fora, na praça, estão Anibal e Manganão que conversam sobre a lotaria. Subitamente, são surpreendidos pelos gritos estridentes de Amélia.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

terça a sábado às 21.30h
domingo matinee às 17h

SEXTAS-SABADOS
AS 23.30 H

de novo o CAFE Teatro

PARA ONDE IS?
5.º MÊS
DE GIL VICENTE

PÓ de PALCO

ULTIMAS SEMANAS

MÚSICA E DANÇA 3.º MÊS

SABADOS — 15.30 H — O BANDO — TRAGICOS E MARÍTIMOS

praça de espanha - tel. 72 08 18 - PÓR DA rádio comercial SUB.MC

POETAS MODERNISTAS

Compramos e pagamos excepcionalmente bem, livros ou Revistas dos Poetas: Fernando Pessoa, Sá Carneiro, Torga, Almada Negreiros, Régio, etc., incluindo a PRESENÇA.

Favor escrever: Biblarte — Rua de São Pedro de Alcântara, 71, Lisboa, ou Tel. 36 37 02.

Em O. HAO o Diário de Lisboa
vende-se na PAPELARIA FARRAÇA



roteiro cultural

Exposições

- Nos Cómicos, na Rua Tenente Raul Cascais, a S. Mamede, é hoje inaugurada uma exposição de **Juan Muñoz**.
- Uma exposição de escultura de **Pedro de Campos Rosado** é esta noite inaugurada na galeria Quadrum.
- Na Galeria de São Bento encontra-se patente ao público uma exposição de pintura de **Mário Rita**.
- Uma exposição de pintura de **Raul Taveira e Maria Isménia** pode ser vista no Palácio dos Coruchéus.
- Uma exposição de cerâmica figurativa de **Arlindo Rodrigues** encontra-se patente na Rua de Entrecampos, 66.
- «A Mulher» é o tema de uma exposição patente na Galeria de São Francisco e que reúne obras de **António Carmo, Boavida Amaro, Bual, Faria, Figueiredo Sobral, Francisco Relógio, Gil Teixeira Lopes, Hélder Baptista, Helena San Payo, João Duarte, João Oom, Laranjeira Santos, Lima de Freitas, Luís Filipe de Abreu, Luís Osório, Macedo da Luz, Maria Fernanda Amado, Martins Correia, Matilde Marçal, e Thomas de "ello**.
- Na galeria EMI/Valentim de Carvalho pode ser vista uma exposição de **Álvaro Lapa**.
- Uma exposição de **Valente Alves** é hoje inaugurada na galeria Arcano XXI.
- No Pátio Alfacinha é hoje inaugurada uma exposição da pintura de **Maria Antónia Santos**.
- Na Sociedade Nacional de Belas Artes continua patente a exposição «**Férmio 85**».
- «**Cartazes de Teatro da RDA**» é o tema da exposição patente no átrio da Câmara Municipal da Amadora.



Lia Gama canta hoje na Drogaria Ideal

- No teatro Garcia de Resende, em Évora, é hoje inaugurada uma exposição de pintura de **Lourdes Robalo**.

Cinema

- Às 18 e 30, na Cinemateca, realiza-se hoje mais um Encontro com o Cinema Português.
- No Teatro Gil Vicente, em Coimbra, é esta noite exibido o filme de **Peter Greenway**, «O Contrato».

Música

- O músico de «jazz» norte-americano **Mike Freeman** inicia hoje, no Hot Clube, a sua despedida.
- **Lia Gama** está esta noite na Drogaria Ideal, onde cantará êxitos de **Lusa Santanela, Mirita Casimiro e Irene Isidoro**.
- No Conservatório Nacional realiza-se esta tarde, às 17 horas, um recital de clarete, flauta e piano por **António Salote, Iwona Salote e Anna Tomasz Michalezyk**.

Teatro

- A peça «**Vidas Íntimas**» representada pela **Companhia de Teatro de Lisboa** continua em cena, até domingo, no Maria Matos.
- «**Santa Joana dos Mataduros**» de Bertold Brecht é hoje levada à cena pela **Barraca**.
- A **Selva Trupe**, continua a levar à cena, no teatro Campo Alegre, a peça «**Uma Família do Porto**».

Cinequanon quer ser indemnizada pelo IPC

O Estado não é «pessoa de bem?»

A Cinequanon apresentou queixa na Provedoria de Justiça e vai proceder judicialmente contra o Instituto Português de Cinema (IPC), por alegada violação de um contrato firmado entre as duas partes, informou a cooperativa de produção de filmes.

Na versão da Cinequanon, o IPC, ao tempo em que o dirigia Luís de Pina, e Lucas Pires era ministro da Cultura, comprometeu-se a financiar um novo filme da cooperativa se «Os abismos da meia-noite», película realizada por António Macedo, registasse «num período inferior a dois anos a contar da estreia», audiências superiores a cem mil espectadores.

O filme de Macedo levou às salas de cinema portuguesas mais de cem mil espectadores, e, em face disso, a Cinequanon preparou um novo filme, «A Nova Ilusão», baseado numa peça de teatro de António Macedo e a realizar por este.

Para a produção do novo filme, o IPC deveria contratualmente conceder uma verba próxima da atribuída a «Os abismos da meia-noite» (26 370 contos), o que não chegou a acontecer.

«Os serviços jurídicos do IPC, os mesmos que em 1982 redigiram o contrato, vêm agora, três anos depois, dizer que é ilegal», assinala António Macedo.

O realizador citou o presidente do IPC, Salgado Matos, como

tendo dito que, «enquanto jurista», entende que é ilegal a cláusula que contratualmente obriga o IPC a financiar a «Cinequanon» por «Os abismos da meia-noite» terem registado mais de cem mil espectadores.

Uma fonte do IPC, entretanto contactada pela ANOP, disse que a direcção do Instituto analisou o pedido de financiamento apresentado pela Cinequanon, «mas não encontrou fundamento legal para o deferir».

«Há de facto um contrato assinado em 1982, entre a anterior direcção do IPC e a Cinequanon. Simplesmente, o IPC considera que a cláusula do financiamento não tem fundamento legal», disse, ainda, o informador.

A Cinequanon, em comunicado à Imprensa, afirma que, não cumprindo o contrato, o ministro da Cultura, Coimbra Martins, e o presidente do IPC, Salgado Matos, causam «um avultado prejuízo económico» à cooperativa e a todos os trabalhadores envolvidos no projecto e põem em causa «o bom nome do Estado como pessoa de bem».

«Será que, quando mudam as pessoas e os regimes, pergunta a cooperativa, o Estado deixa de se sentir obrigado perante si próprio e perante os cidadãos?»

A cooperativa considera-se defraudada «num montante que poderá ascender a 26 milhões de escudos» por esta «violação contratual».

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

AGRADECIMENTO

ARMINDA ANA BAPTISTA FERREIRA

Marido e família vêm por este meio agradecer a todos que de alguma forma ajudaram neste momento difícil e que a acompanharam à sua última morada.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** esta a venda no Quiosque da Praça Patrião Lopes

COTACÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTACÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	71940	77940	
ALEMANHA FED (marco)	53680	54990	
AÚSTRIA (xelim)	7860	7860	
BÉLGICA (franco)	28508	28708	
BRASIL (cruzeiro)	8030	8060	
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	131930	133930	
(notas de 5 a 1000)	131980	133980	
DINAMARCA (coroa)	15600	15940	
ESPAÑA (peseta)	9223	18043	
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	184555	186555	
(notas de 5 a 1000)	185005	187005	
FINLÂNDIA (marca)	26800	26830	
FRANÇA (franco)	17860	18830	
HOLANDA (florim)	47550	48850	
IRLÂNDIA (libra)	168225	172225	
ITALIA (lira)	8078	8088	
JAPÃO (iene)	6773	6713	
NORUEGA (coroa)	18885	18835	
NORUEGA (libra)	19825	19825	
SUÍÇA (franco)	19800	19800	
SUÍÇA (coroa)	63805	64815	
VENEZUELA (bolivar)	11975	12975	

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: Informação regional; 18.05: A galta dos sete tolos; 19.00: Informação e música; 20.00: Música; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Festival RTP de Canção/85; 22.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Solos de instrumentos; 16.45: Trechos de óperas, de Donizetti; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.30: Música de todos os quadrantes; 17.55: Hoje ainda pode ouvir...; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 19.00: Música, de Johannes Brahms; 19.15: Sonatas, para violino, de Vivaldi; 19.30: Acerca da voz da cidade; 20.15: Transmissão directa do Teatro de São Carlos da ópera «Atila», de Verdi; 00.00: Solos instrumentais; 00.35: Saga, op. 9, poema sinfónico, de Sibelius; 00.50: Pode ouvir no Programa 2, a partir das 8 horas; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (263, 290 e 397m)
14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Som de retorno; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Dois pontos; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Meia tarde; 16.00: Rua Capelo; 16.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos coleccionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; 16.00: A cor do som; 18.00: Entrecampos; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 373

HORIZONTAIS:

- 1 Pronome indefinido. Burro.
- 2 Despertasse. Zombar.
- 3 Grande árvore da Índia. Estudante.
- 4 Arsénio (s.q.). Transpirarei.
- 5 Morada. Relatar.
- 6 Sufixo que designa estado. Mitologia. Naquela lugar.
- 7 Apelido. Virgem e mártir nascida em Palermo. Autores.
- 8 Campestres.
- 9 Remais para trás. Espádua.
- 10 Sobe com esforço. Ovarios dos peixes.
- 11 M. sem romano. Par.

VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Moimenta da Beira. Possul.
- 2 Preveniram. Sentidas condências.
- 3 Clariade. Trezentos em romano.
- 4 Autores. Região da Palestina, entre a Galileia e a Judeia.
- 5 Pronome possessivo. Semelhante.
- 6 Registar.
- 7 Mulher tãful e afectada. Bigorna de aço sem hastes.
- 8 Nesse lugar. Rei de Basã, morto por ordem de Moisés.
- 9 Debruara. Coça.
- 10 Tempo do verbo ir. Rio do Estado de Amazonas. Serra do Brasil.
- 11 Bramíriamos.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 213

HORIZONTAIS:

- 1 Vento de Cristo. Celebres em anos.
- 2 Grande morcego de Minas Gerais. Género de palmeiras do Brasil.
- 3 Nota musical. Marca (fig).
- 4 Enfeiteiros.
- 5 Niquel (s.q.). Rente. Rio de Portugal.
- 6 Letra grega. Transbordam.
- 7 Tranquilidade. Artigo definido (ant). Solitário.
- 8 Rénio (s.q.). Povo antigo.
- 9 Cabelos brancos. Rã (pop).
- 10 Cortesã na Grécia antiga. Medida de superfície.
- 11 Rezaram. Transpirar.

VERTICAIS:

- 1 Nome de um companheiro de Eneias e de Diomedes. Cauda (do cavalo) (Bras).
- 2 Género de palmípedas que compreende o pato almiscarado da América do Sul. Prefixo que designa ar.
- 3 Rol.
- 4 Pequeno quarto de vestir. Espera resposta.
- 5 Prefixo de privação. Consertara.
- 6 Navios. Estavam.
- 7 Amónio (s.q.). Rénio (s.q.).
- 8 Gente de baixa categoria.
- 9 Deusa do casamento e da família, irmã e esposa de Osiris e mãe de Horus. Ouro (s.q.).
- 10 Prefixo de negação. Nivela.
- 11 Transpirávamos. Érbio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 372

HORIZONTAIS:

- 1 A. CARNE. DE.
- 2 Idoso. Liem.
- 3 Rescaldo.
- 4 Antas. Óscar.
- 5 Ita. Ur. Até
- 6 Sesta Amal.
- 7 Om. Doera.
- 8 Lançado.
- 9 Odiara. Maça.
- 10 Argila Ar
- 11 Laos Leoa

VERTICAIS:

- 1 Airais. LOBO.
- 2 DENTE. Ad.
- 3 Costas. Nial.
- 4 Asca. Tocara.
- 5 Roas. Amargo.
- 6 Dais
- 7 Eldorado.
- 8 Ios. Ro. Mal.
- 9 DE. Caneca.
- 10 Empatar. CÃO
- 11 Relatara.

Provérbio: A CARNE DE LOBO, DENTE DE CÃO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 212

HORIZONTAIS:

- 1 Xénon. Xarau.
- 2 Avisadas Am
- 3 Na. No. las.
- 4 Atacara.
- 5 Vi. Amara.
- 6 Elio. Si. Osa.
- 7 Ás. Ga.
- 8 Zo. Atacais
- 9 Seródios
- 10 Cu. Lmos. Ah!
- 11 Oiros. Cró

VERTICAIS:

- 1 Xangue. Zuco.
- 2 Eva. Lai. Uil
- 3 Ni. Avisos.
- 4 Os. Tio. Eio.
- 5 Naná. Paris.
- 6 Docas. Tom.
- 7 Xá. Amigados.
- 8 Asira. Acis.
- 9 Aaro. Ao.
- 10 Aas. Isar
- 11 Um. Orais. Hó.



cartaz de cinemas e teatros

ÁVILA 539930
Av. Duque de Ávila, 92A

Às 14.45, 18, 19.10, 21.45 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
6.ª Semana

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
COELHINHOS NA CAMA

BABILÓNIA
Av. Elias Garcia, 362-D

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 21 a.

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

CASTIL 530194
R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
ESCANDALOSO

CINE BLOCO 55682
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
VINGANÇA NO ARIZONA

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ESPADA DA VINGANÇA

CINE 222 579460
Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.
ESTRADA DE FOGO

CINESTÚDIO LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
PROJECTO BRAINSTORM

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
1984

2000 2100055
Av. B. Voluntários Irs, 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O PRISIONEIRO DO UNIVERSO PERDIDO

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEVERLY HILLS COP, O CAÇAPOLÍCIAS

ESTÚDIO 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30
- M. 12 a.
METROPOLIS

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16, 17.45, 19.30, 21.30 e 24
- M. 12 a.
BROADWAY

SALA 2

Às 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a.
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
ESCANDALOSO

LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

Às 21.30m, 16 a.
O MARGINAL

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
DOM CAMILLO

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
AMOR EM PERIGO
3.ª Semana

ODEON 326283
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
AS SERPENTES MALDITAS DO KUNG-FU

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O ÚLTIMO FÓLEGO



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de FRITZ LANG por GIORGIO MORODER. Em exibição no ESTÚDIO 444.

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOITES DE NEW YORK

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 16 a.
AOS NOSSOS AMORES
Às 23.30 - M. 18 a.
BULLIT

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
JANELA INDISCRETA
Às 23.30 - M. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO

SALA 3
Às 14.10, 16.45, 19 e 21.15
- M. 6 a.
DESTRABADO DO TÁXI AMARELO
Às 23.30 - M. 18 a.
O OFÍCIO DE MATAR

SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ULTRA-SECRETO
Às 23.30 - M. 18 a.
AMOR ENTRE MULHERES

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
TOP SECRET, ULTRA-SECRETO
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
ASSASSINO NO TELHADO

ROMA TEL. 727778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Estreia às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
PASSAGEM PARA A ÍNDIA

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 16 a.
EUREKA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.15
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
Preço único 125\$00

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM 706666
E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 12 a.
A ESTRADA DO FOGO

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreras, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O HOMEM DOS DOIS CÉREBROS

XENON 368480
Av. da Liberdade, 1

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 DA MANHÃ

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - «Revolta no Pacífico», às 1.30 (6 anos)

ALFA-3 - «O Caça-Polícias», às 21.45 (12 anos)

ALFA-CLUBE - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)

TERMINAL - «História do Soldado», às 21.30 (12 anos)

ZODÍACO - «Zelig», às 21.30 (18 anos)

FONTE NOVA - Sala 1 - «O Último Fôlego», às 21.15 (16 anos)

FONTE NOVA - Sala 2 - «O Mistério de Gorky Park», às 21.45 (12 anos)

FONTE NOVA - Sala 3 - «Em Busca da Esmeralda Perdida», às 21.30 (6 anos)

MUNDIAL - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO - «Taboo, o Incesto», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLÍMPIA - «Garota Apetecida», sessões permanentes (18 anos)

RESTELO - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «Tubarão», às 21.30 (18 anos)

CITY-CINE - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)

LONDRES - «Amadeus», às 21.30 (12 anos)

PROMOTORA - «Desforra do Vietname», às 21.30 (13 anos)

TIVOLI - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

PROMOTORA - «Um Homem a Mais», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGES - «Stadium» - «O Terror do Far-West», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Casino» - «Os Tarados do Rio Louco», às 21.15 (12 anos)

CASCAIS - «Impala» - «Armadilha Mortal», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - «Oxford» - «Os Tarados do Rio Louco», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - «Incrível» - «Orca, a Fúria dos Mares», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Academia» - «Guerra de Espiões», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Cine-Estúdio» - «O Inspetor Martelada», às 21.15 (6 anos)

COSTA DE CAPARICA - «Oceano» - «Sala 1» - «Outra Forma de Amar», às 21.30 (16 anos)

COSTA DE CAPARICA - «Oceano» - «Sala 2» - «O Jogo dos Abutres», às 21.45 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - «Cine-Estúdio Flores» - «Malandrões Caseiros», às 21.30 (16 anos)

SINTRA - «Carlos Manuel» - «O Bom, o Mau e o Vilão», às 21.30 (18 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

COLISEU - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

RIVOLI - «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (Todos)

BEBÉ - «O Agente da Broadway, Danny Rose», às 21.45 (12 anos)

ÁGUA - «O Instrutor de Kung Fu», às 21.45 (13 anos)

FOCO - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

PASSOS MANUEL - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «A Raivada Herói», às 21.30 (16 anos)

BATALHA - «O Marginal», às 21.45 (16 anos)

SÃO JOÃO - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)

CHARLOT - «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (12 anos)

NUNO ALVARES - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

TRINDADE - «A Mulher Pública», às 21.45 (16 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)

JULIO DINIS - «As Freiras de Santo Arcangelo», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE - «Sala A» - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)

LUMIÈRE-Sala L - «A Luz da Paixão», às 21.45 (18 anos)

CHAPLIN - «A brigada do Vício», às 21.30 (18 anos)

TERÇO - «Os Ladrões da Montanha Sagrada», às 21.30 (16 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176);

ALVALADE: Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 8911780); **BAIRRO ALTO**: Azevedo

Imã & Velga, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BENFICA** - **CEMITÉRIO**: Simões, C. do Tojal, 102-A (T. 749649);

CAMPO D'OURIQUE - **PRAZERES**: Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671687); **CAMPOLIDE** - **SETE RIOS**: Nova, R. de Campolide, 297-C (T. 687475);

ESTAFÂNIA: Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR**: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063);

teatros

Lisboa

BARRACA - «Santa Joana dos Mataduros», às 21.30 (13 anos)

CAFÉ CONCERTO - «Proibido», às 19.00 (18 anos)

VASCO SANTANA - «Último Acto», 21.30 (13 anos)

BAIRRO ALTO - «O Parque», às 21.00 (13 anos)

CASA DA COMÉDIA - «Eva Perón», às 21.30 (13 anos)

COMUNA - «Para Onde Is?», às 21.30 (13 anos)

D. MARIA II - «Figados de Tigre», às 21.30 (12 anos)

MARIA MATOS - «Vidas Íntimas», às 21.45 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - «Não Batam Mais no Tezinho», às 21.30 e 22.45 (16 anos)

TEATRO ABERTO - «Ubu Português», 2002, Odisseia no Terreiro do Paço», às 21.30 (13 anos)

VARIADADES - «Boeing, Boeing», às 21.45 (12 anos)

VILLARET - «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Uma Família do Porto», às 21.45 (13 anos)

REALEJO - «Com Papas e Bolos se Enganam os Toiros», às 21.30 (13 anos)

MARQUÊS DE POMBAL - **PICÓAS**: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS**: SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696);

PICHELERA: Marlux, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SAPADORES**: Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANDÃO** - **AMADORA**: Correia, Urbanização Alfarelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122);

ODIVELAS: Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A. do Faício, 3-A (T. 992912);

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO**: Coutinho, Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS** - **RUA MARIA ANDRADE**: Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS**: Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20-22 (T. 544995);

EN-CARNAÇÃO: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS**: Capuchos, R. Luciano Cordero, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES**: S. A. E. Silva Filhos, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 881010); **MERCADO DO CHILE**: Alcaide, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA**: Dimar, R. Conde de Monsanto, 17-B (T. 842533); **RATO**: Soares, Av



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ GONIAO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 386740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
3.14 4.4 m 9.02 0.5 m
15.39 4.2 m 21.15 0.6 m
Dia 8
3.54 4.5 m 9.42 0.5 m
16.19 4.3 m 21.55 0.6 m

TEMPERATURAS DO AR AS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	6°
BRAGANÇA	1°
VILA REAL	3°
PORTO	6°
COIMBRA	4°
CABO CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	8°
ÉVORA	6°
BEJA	5°
FARO	8°
SAGRES	9°
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	15°

Bispo do Funchal fala de «forças do mal»...

RDP/Madeira silencia bordadeiras do Machico

A União das Bordadeiras de Machico tem já em mãos a cópia da decisão do Supremo Tribunal Administrativo de Lisboa que suspende a executoriedade do despejo da Cooperativa de um edifício que ocupava há dois anos e que lhe foi facultado pelo padre Martins Júnior quando este era presidente da Comissão Administrativa de Machico. Ontem, os seus dirigentes explicaram isso à RDP/Madeira, mas esta silenciou o facto.

Apesar de poder exibir o documento, cuja primeira parte é dactilografada e a segunda manuscrita, com «letra chata e miudinha», disse-nos esta manhã uma fonte local, tudo continua na mesma e o Governo Regional a alegar que se trata de património da região. Inicialmente, recorde-se, o GR de Alberto João Jardim argumentava que as instalações passaram para o Instituto do Artesanato Madeirense...

A Cooperativa das Bordadeiras convocaram uma reunião com representantes da Comunicação Social destinada a expli-

car as razões que lhe assistem - na sua opinião - sobre este caso, comparecendo apenas a RDP/Madeira. Elementos desta gravaram as afirmações feitas durante a conferência, mas a RDP/Madeira silenciou-as. Pelo menos, até esta manhã não havia ido para o ar nada do que aí foi dito. A imprensa da Madeira continua a envolver o que se passa no Machico e na Ribeira Seca sob um manto de diáfana subordinação a quem manda na Madeira. Nem a calorosa intervenção do padre Martins Júnior, na terça-feira à tarde, como deputado da UDP na Assembleia Regional, denunciando tal silêncio, alterou o comportamento da Comunicação Social da Madeira...

De resto, na Ribeira Seca também continua tudo na mesma: a PSP guarda a igreja, as chaves desapareceram, o templo continua encerrado e o padre Martins «corrido» pelo Bispo do Funchal. A PSP incumbiu-se de cumprir a ordem do Bispo e de fechar a igreja ao

culto. Os cristãos da Ribeira Seca esperam que o Bispo D. Teodoro de Faria não force nem a situação nem a igreja.

D. Francisco Santana morreu há três anos

O bispo do Funchal tomou ontem, pela primeira vez nos últimos dez dias, posição sobre os acontecimentos na Igreja da Ribeira Seca e a expulsão do padre Martins, sem referir explicitamente o seu nome.

D. Teodoro de Faria afirmou concretamente que a Igreja não pode permitir que «lobos entrem no redil disfarçados de cordeiros para enganar, destruir ou perverter o povo de Deus». A Igreja de Deus nesta diocese sempre tem encontrado resistência e, por vezes, guerra da parte das forças do mal - acrescentou.

D. Teodoro de Faria, ao falar durante a cerimónia de comemoração do terceiro aniversário da morte do antigo bispo do Funchal, D. Francisco Santana, frisou que a Igreja na Madeira «tem

conhecido a oposição e luta de alguns membros que, preparados para a sua defesa e crescimento, se tornaram seus algozes».

Referindo-se à acção do antigo prelado, salientou que D. Francisco Santana combateu «a politização que invadiu uma parte dos seus colaboradores. Os efeitos graves dessa tormenta deixaram vestígios que ainda hoje fazem sofrer esta Igreja e perturbam a ordem e a paz» - considerou.

Urticária entra na escola de Machico

A Escola Preparatória «Tristão Vaz Teixeira», em Machico, vai manter-se em funcionamento, apesar do surto epidémico que afectou já cerca de 90 alunos - disse um elemento do Conselho Directivo daquele estabelecimento.

Fonte médica disse entretanto à NP que os alunos acometidos por sintomas de urticária, relacionados com intoxicações ali-

mentar, têm ocorrido desde segunda-feira ao Centro de Saúde do Machico.

O director regional de Saúde Pública, adiantou, por seu turno, que o que se está a passar não constitui motivo para alarme, tratando-se, provavelmente, de algum alimento, estragado, que os alunos ingeriram.

O agente da intoxicação alimentar ainda não foi detectado, estando-se presentemente a proceder à colheita de produtos para a análise, disse a mesma fonte.

Entretanto, três casos de aparente intoxicação ocorreram, também, na Escola Secundária de Machico, entre alunos que normalmente não vão comer à cantina da «Tristão Vaz Teixeira». Isso levou ontem algumas pessoas a admitir que a origem do surto epidémico da Escola Preparatória seja outra, e não o peixe comido 2.ª feira pelos alunos. A hipótese de água de Machico não estar completamente em condições está a ser encarada por alguns habitantes da vila.

Eanes debate funcionamento do Conselho de Estado

Análise da situação política actual e do funcionamento do Conselho de Estado, foram temas dos encontros que o Presidente da República manteve ontem, separadamente, com os seus conselheiros, Melo Antunes e Henrique de Barros.

No final do seu encontro de uma hora com Eanes, o tenente-coronel Melo Antunes escusou-se a revelar os temas concretos debatidos, limitando-se a informar que a audiência abordara «mais questões de política geral do que do funcionamento propriamente dito do Conselho de Estado».

Henrique de Barros disse, por sua vez, que «foi discutido o funcionamento do Conselho de Estado» e a intensificação desse funcionamento. Considerou o encontro «estritamente confidencial e particular», nada mais acrescentando. O encontro durou cerca de uma hora também.

O PR começou terça-feira a ouvir os membros do Conselho de Estado com quem não mantém contactos institucionais regulares.

Atahualpa Yupanqui

«Mistério» argentino em Lisboa

«São três os mistérios argentinos: a pampa, a floresta e a montanha». A noite começava com a revelação de um «segredo». Depois, e ao longo de duas horas, foi a iniciação: Atahualpa Yupanqui e a sua viola trouxeram ontem à Aula Magna da Reitoria a lembrança de uma cultura milenária, a presença atenta do contador de histórias. Tem 77 anos, o poeta e trovador índio. Voltou duas vezes ao palco, respondendo ao apelo do público que enchia a sala e terminou a noite reclamando aos jornalistas que o rodeavam o seu direito ao silêncio.

O silêncio como a solidão são, aliás, dois temas sempre presentes nas canções e palavras de Atahualpa.

«As vezes penso como deveria estar um homem que se decidiu compor por um canto para a sua própria sombra» e se tal não reflectirá «um grande respeito por esse mistério que é a solidão», disse ontem apresentado uma canção de um poeta popular argentino. Mais tarde, era a sua vez



Tem 77 anos o trovador índio que ontem esteve na Aula Magna

de afirmar: «Tenho raiva ao silêncio/pelo muito que vivi...»

Mas Atahualpa falou também do homem desterrado e das «pequenas travessuras» dos índios de Banguela, na fronteira da Argentina com a Bolívia, onde o canto só surge quando se inicia a caminhada aos cumes da cordi-

lheira andina. Ele chega aí primeiro que o homem e o frio trans-formação em gelo... Os brancos dizem que são cumes cobertos de neve, mas os índios sabem que «são montes de gritos petrificados» e quando chegam ao alto, guardam, junto do seu coração, um pouco dessa neve para que, com o calor do corpo, «o grito petrificado volte de novo a ser uma quadra».

Atahualpa Yupanqui é um amante de quadras populares. Segundo ele, um poeta não deveria assinar nunca as suas quadras, mas deixá-las esquecidas em qualquer ponto onde elas possam ser descobertas pelo povo e cantadas por ele: «glória de ser anónimo», quando com isso se «perde a fama, mas se ganha a eternidade». Eternidade também para a música. «A vida passa. Só tu não passas, música imortal»; era a homenagem do cantor à composição mais antiga da Argentina descoberta há três séculos num convento. Foi ela a primeira música da noite. A despedida, essa, foi dedicada ao poeta chileno Pablo Neruda, pela «ternura que nos deixaste...»

Argentino, radicado em Paris, Atahualpa Yupanqui está pela primeira vez em Portugal. Lisboa foi a primeira escala, o Porto será, no dia 9, a segunda. Os seus discos não estão editados entre nós, mas conta como se viu, com um público português. Um público homogéneo onde predominam os trintões e que ontem comprovou que um homem e uma viola ainda podem despertar a magia.

C.V.

Contrabando de gado põe câmara contra câmara

A Câmara Municipal de Montalegre acusou o Município de Boticas de nada fazer para auxiliar a Polícia Judiciária nas diligências para pôr termo ao contrabando de gado no distrito.

Em comunicado, a autarquia de Montalegre esclarece que

«alguns traficantes em juízo são do concelho de Boticas» e que o desmantelamento da rede foi reclamado pela população de Montalegre «como demonstram as posições públicas assumidas pelas juntas de freguesia e pela Assembleia Municipal, por unanimidade, em diversas ocasiões.



CASA VIOLA

Dia 4: Lotaria da Páscoa
90 000 contos, por 7 800\$00
7 500 contos, por 650\$00

A Sorte que «TOCA»

Lisboa - Braga - Estoril - Viseu
Correio para: R. Assunção, 67 1100 LISBOA

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 61 407 - 60 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 18 809 - 12 000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 22 830 - 6 000 CONTOS

Todos os três Prémios Grandes 1.º, 2.º e 3.º foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

APROXIMAÇÕES AO 2.º PRÉMIO

61 406 - 864.000\$00
61 408 - 864.000\$00

PRÉMIOS DE 300.000\$00

64; 1 936; 5 474; 7 750; 3 170; 5 549; 7 762; 4 437; 8 741;
3 327; 14 788; 11 811; 17 271; 17 468; 21 473; 21 300; 28 714; 28 760;
35 471; 35 340; 28 888; 45 438; 40 304; 48 140; 61 341; 20 300; 53 747;
54 433; 55 291; 58 188; 61 218; 61 941; 62 056; 63 667; 64 139; 64 773;
64 861; 70 870; 71 877; 72 740; 74 441; e 79 329.

PRÉMIOS DOS 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

30.000\$00: 194; 278; 407; 436; 448; 508; 732; 809; 830; 856 e 902.
15.000\$00: 04; 34; 81 e 92.

6.300\$00 - 7 (terminação)

PRÉMIOS DE 24.000\$00 (CENTENAS)

18 801 a 18 900; 22 801 a 22 900 e 61 401 a 61 500.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 9 / 9 / 85

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL.

Lisboa, 7 / 3 / 85

«Angústia em Pequim»

reflexão sensível de uma portuguesa em tempo chinês

Ana Paula Portugal

«(...) as ostras, reza a tradição, só criam pérolas quando a lua é cheia.»

Maria Ondina Braga «Angustia em Pequim»

ANGÚSTIA em Pequim» é o título atribuído a uma série de contos (sentidos textos onde a autora, Maria Ondina Braga, nos relata às suas experiências de Pequim com aquela sábia compreensão do ser-se homem/mulher por ela revelada em «A Revolta das Palavras», «O Homem da Ilha» e «A China Fica ao Lado». Edição recente da Ulmeiro.

Que dizer destas histórias que me fazem evocar alguns dos artigos, memórias de Maria Regina Louro sobre a sua viagem à China?

Em primeiro lugar que nela se encontra o pulsar da enorme sensibilidade da sua narradora. Passo a citar um excerto daquele que entendo ser o mais conseguido conto deste livro (a minha selecção baseia-se no facto de nele reconhecer o interesse pela pessoa humana que outros dos seus livros encontrara). Recordo, por

exemplo, «O Tio Joaquim» e «A Verdade» (o meu eleito de entre os contos concebidos pela autora) de «A Revolta das Palavras». Recordo «A Lição de Inglês» de «O Homem da Ilha». Assim: «A doença, o apartamento da sociedade, o desejo de ter prestígio, e a coragem, e a fatalidade.» Parecido com o seu, o meu caso, acredita? «Shen Rong acena que sim devagarinho: adivinhara logo, um pressentimento. Tenho alguma obra traduzida em russo? Só lê chinês e russo. Laços que se apertam, numa pausa maior, e os fumos do chá-de-jasmim. Entre mim e ela, o obsequioso intérprete é como se não existisse.» («Shen Rong: Coragem e Simplicidade»).

Em segundo lugar, porque nestas histórias, embora de um modo renovado, revejo o fulgurante corpo, expressão que sempre de Maria Ondina Braga apreciei escutar.

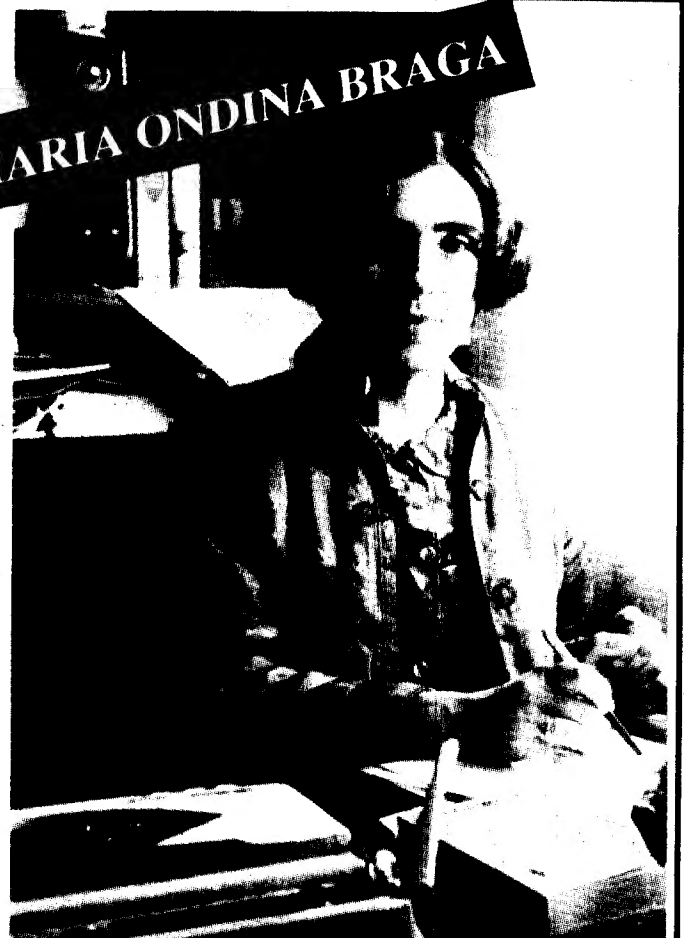
Assim, é deleitada com a exaltação da autora que me familiarizo com a China

e dentro dela com Pequim. «Vir para lidar com chineses assim empenhados na nossa língua e literatura custa-me a crer, de fantástico. Manhã cedo, mal acordo: onde estou? As aulas. Depressa, as aulas. Os corredores soturnos da Faculdade, os sorrisos francos. Um dos professores, um camonista, sabe de memória não só cantos inteiros dos Lusíadas como contos de Miguel Torga e sermões do Padre António Vieira. Em Pequim, na capital da China! Tal poder-se no conto «Pequim uma Ilha». Ou ainda: «Acordo às cinco da manhã. Uma luz acinzentada para lá das árvores do parque defronte da janela. Extática, grave claridade. O silêncio estremecido pelo pipilar dos pardais. São nogueiras, as árvores, e verdes e frescas, mau grado a estiagem, os verdes frutos carnudos como pequenos peros. Mais tarde, no caminho da cantina, hão-de roçar-me pelos ombros as nozes da Primavera. Muitas noguei-

ras em Pequim: pelos jardins, a debruçar as estradas dos subúrbios. Entrecasca de noz, remédio precioso na China. No meu tempo, em Braga, usava-se contra a dor de cólica.» («Pequim-ção e Água Quente»).

Acerca deste texto, extremamente belo quanto à sua forma, aconselhável seria compará-lo com outro (procurar no livro «A Revolta das Palavras» o conto «A Professora de Piano») que faço questão de citar: «Acompanhámo-la ao cemitério, todavia. Era pelo Outono e termíamos nos vestidinhos de **voile** branco. O seu rosto, apenas entrevisto, parecia outra vez delicado e belo, à luz dos círios, na capela escura. E chorámos tanto que tivemos de lavar à noite os olhos inchados com chá da China.»

Em terceiro lugar, nestes contos há uma componente autobiográfica que me fascina pela terna finitude da pessoa neles espectralizada. Arco-íris em céu-que-neva ou partícula de luz em coração friorento é



a sua alma, considero eu depois de ter lido «Angústia em Pequim».

Uma mulher vulnerável e sensível partilha conosco, ao longo das suas histórias, a sua estada em Pequim. E fá-lo com a simplicidade de um malmequer que voluntariamente se despoja das suas pétalas, somente com a intenção de mais objectivamente oferecer aos outros o conhecimento que de si tem no seu existir contemplativo do mundo que lhe é exterior e que o penetra. «Comovente um moço assim ilustrado e

puro. O seu pálido rosto oval, o olhar recatado. E não é que, neste instante, morro de tristeza? E vejo-me, nem quero crer, a chorar.» Um murmúrio a voz de Zhang Zheng Chu: Estou a cansá-la, professora? — diz-nos Maria Ondina Braga em «Chá-de-Jasmim». Ou: «E eu só com vontade de dizer à doutora Mã que já nada me pode valer, que, à semelhança do primeiro ser humano, vim ao mundo com a marca da desordem.» («Apuncultura»)

Continua na pag. 2

Escrevo para o teu corpo

António Ramos Rosa

ESCREVO para os teus olhos errantes, para o teu corpo nupcial. Sou um incerto insecto num vaivém de sílabas nuas, espessas. Reconheço-te no vinho e na pedra. Amo o teu grito de árvore, amo o repouso das tuas veias escritas.

NO tumulto do solo vejo os anéis do musgo, as bocas circulares, as artérias brancas, as estridências verdes, voluptuosas estâncias, obscuridades côncavas, sedosas pausas.

É o barco da terra, o campo da espessura incandescente, o fundo completo da ausência respirada, a sombra que incendeia, a redonda e nocturna transparência.

Entre o riso e a morte

Serafim Ferreira

1. Sabemos como a nossa literatura de ficção, sobretudo a partir da década de 60, tem procurado criar o seu novo e diferente «estatuto de cidadania», servindo-se dos seus próprios meios e recriando outros horizontes estéticos, embora com semelhanças que poderemos rever noutras literaturas, na dimensão de uma experiência pessoal e vivida, encarada como análise ou despojamento de valores culturais e estéticos tradicionalmente aceites. Ora, se na nossa moderníssima literatura de ficção existe um belo e tão conseguido exemplo de tal **despojamento** literário, ar-

rancado em páginas que nos revelam a capacidade criadora de Nuno Bragança, esse exemplo é dado, de forma superior, pelo romance *A Noite e o Riso* — um tríptico divertido e irónico, mas essencialmente revelador de uma consciência lúcida e aberta dentro de si, penetrando na dimensão profunda do ser, sem falsos preconceitos de um vulgar «psicologismo aplicado». De facto, o estilo subtil e inacabado (a imaginação do leitor é posta à prova para detectar, talvez noutros planos, o que nem sempre se diz de modo claro e aberto), aparentemente sem requintes literários, tes-



NUNO BRAGANÇA

temunha um «exercício formal» que se impõe por uma **desenvoltura** imagística e real, por uma vivência que nos fala realmente do que é vivo, penetra no que de essencial pode atingir a sensibilidade e inteligência do leitor. Os três «painéis» deste tríptico literário falam-nos de tempos diferentes: a infância, a maturidade, a descoberta do próprio «acto de escrever». Porque o homem cresce, vive e redescobre-se no espelho dos outros, a **escrita** é o acto supremo da sua verdadeira «descoberta»: «Só a escrever alcançarei a mansidão de quem possui a terra» (pág. 101).

2. Todavia, *A Noite e o Riso* é um romance que nos fala sobretudo de um **tempo de amor**, que cria ou recria a história à medida que avança

Continua na pag. 2

Nota por escrito

A vida de um escritor não se conta por dias, nem sequer por anos. Por séculos, sim. Refiro-me, é bem de ver, aos que não perseguem peixe miúdo, antes caçam o cheme nas grandes profundidades.

Em geral, se a glória dura tanto, o proveito quase nunca vem a tempo de ser colhido. As coisas têm sido assim. Esperemos que venham um dia a atenuar-se. E a desaparecer. Como dizia José Gomes Ferreira, o optimismo dá cá uma comodidade!

Não cuido de optimismos em termos de fuga. Ele é, em mim, produto de experiência.

Contava-me um professor do Ensino Secundário que, feito inquérito à turma sobre personalidades que eles gostariam de conhecer pessoalmente, verificou que alguns escritores eram nomeados. Prometeu contactar-los. «Oxalá aceitem — comentava — para que os moços percarn a ideia de que os artistas são seres do outro mundo...»

Há poucas semanas, o escritor Baptista Bastos esteve durante duas horas com os alunos da Escola Secundária Patrício Prazeres. O curioso da questão estava em que o encontro era para durar apenas uma hora. Os alunos foram unânimes em declarar que nunca mais iriam esquecer aquele encontro.

A televisão transmitiu durante algumas semanas uma rubrica, O CLUBE DE LEITURA, que, ao nível da propaganda do livro, foi o trabalho mais valioso que se tem feito ultimamente na televisão. Pelo clube passaram vários escritores que se dedicam à literatura para crianças e para jovens. Eram encontros vivos com gente viva. Era uma experiência riquíssima não só para os participantes directos, mas também para todos os espectadores. Cada «clube de leitura» local se transformou, por obra e graça da televisão, num imenso clube nacional. «Um clube de nós todos» como se costuma dizer em gíria de futebol.

Sim. A glória dos artistas constrói-se ao longo dos séculos. Mas está muito nas nossas mãos dar-lhes muitos dias de felicidade plena; está nas nossas mãos conhecê-los e amá-los enquanto são — e não só depois de terem sido...

Humildemente, aqui ficam as minhas homenagens aos educadores, aos professores das escolas perdidas por esse país que enriquecem as crianças com uma moeda que o tempo não fará se não valorizar: a presença dos artistas, construtores da vida.

M.C.

MARIA
ONDINA
BRAGA



Angústia em Pequim

Continuação da pag. 1

Em quarto lugar porque me agrada ser iniciada, por uma portuguesa, numa Pequim de «Mercados ou um Poeta que Não Morreu», «Deuses e Homens» e «O Soldado que se Atrassou». Isto é: numa China repleta de mitos e onde a fantástico-herança-cultural

emerge numa vivência presente, toda ela marcada pela abnegação de um povo que se quer projectar num amanhã menos limitativo...

Desde cedo os livros de Maria Ondina Braga me acompanharam e, por isso, foi com atenção expectante que devorei «Angústia em Pequim». Livro que me permite afirmar: — «A Maria Ondina Braga merece a predilecção que pela sua escrita, desde a adolescência, tiveste.»

Postas as coisas nestes termos, só me resta retirar-me com uma vénia e com a advertência de que tudo sobre o que disse acerca deste livro não passa de uma pálida imagem daquilo que ele é.

talvez um grito

AS ossadas de um vagão apodrecido num apeadeiro fora de serviço. Um céu cinzento, como que devorado pelo fumo de fábricas. Os pés tropeçam em carris enferrujados que surgem abruptamente, como armadilhas, sob as ervas e o lixo. O peso das pernas aumenta a cada passo, dificultando a corrida, impedindo-a quase. Atrás, o galope surdo de vultos negros e hediondos. Os passos das criaturas misturam-se com o tumulto sufocante do seu coração.

Atinge de súbito o jardim da Penha de França. Apoiase por momentos à nespereira que serviu de mausoléu ao velho Sultão. O banco revestido de azulejos, o muro de cimento, os canteiros e, ao fundo, as capoeiras, tudo está ali, numa imutável e esfingica serenidade. Depois a sombra da porta da sala materializa-se sob os seus dedos, num mergulho inesperado na penumbra de rostos velados e sussurrantes, de velas tremeluzentes, com o odor enjoativo, adocicado da morte a atingi-lo brutalmente, em cheio, como um dardo de tragédia e angústia. A tia aspergindo os ramos e as coroas de flores com um borrifador de plástico, volta-se e olha-o repreendendo-o mudamente, num abanar característico da sua pequena cabeça de pardal, pelo ar desalinhado, pelas botas poeirentas, pela fralda da camisa a aparecer sob a camisola, talvez pelos cabelos despenteados e pelo rosto suado. A mãe, afundada no sofá de couro, rodeada pelas sombras negras das carpideiras, ergue o véu e limpa uma lágrima, fitando-o numa censura resignada. Do caixão, trespassando o lenço branco, os olhos do pai dirigem-lhe também, com uma mansidão veemente, um raiho cuja razão não apreende.

Eles chegam.

Ouve-os percorrer o corredor. As suas sombras, o seu hálito de mastins furiosos, antecede os dentes e as garras que o vão dilacerar. Tenta gritar. Abre a boca, procura arrancar um grito às trevas do seu inominável terror, mas nenhum som quebra o vidro fosco que parece envolver aquela gente. Ninguém se dá conta dos seus esforços. Ninguém o pode ajudar.

A frágil cortina que o separa dos seres horríveis é rasgada. O ruído metálico da fechadura e das pesadas chaves ba-

tendo contra a porta chapeada, despertaram-no do sono sobressaltado. Porém, desta vez a realidade não vem interromper o pesadelo, mas sim continuá-lo. O carcereiro entrara já na cela e acendera a luz. Sentou-se na cama e olhou, ainda estremunhado, a figura escura e compacta do homem.

— Vista-se depressa.

Habitado já a não fazer perguntas inúteis, saltou da cama. O homem insistiu:

— Não demore, eu espero no corredor.

Saiu, deixando a porta entreaberta.

O preso desembaraçou-se rapidamente das roupas, atirando-as para cima da cadeira. Correu ao lavabo e abriu a tomeira do duche. A água jorrou gelada a princípio, mas começou pouco depois a chegar morna. Esfregou o corpo com força. Ouvindo o cilindro eléctrico a funcionar e o ruído da água, o guarda prisional entrou de novo. Gritou:

— Eu não lhe tinha dito para se despachar? Quem foi que o autorizou a tomar banho? Veja lá se também quer engraxar os sapatos.

Sem responder, fechou a tomeira e, para esconjurar o frio invernal, limpou-se enérgica e rapidamente à camisola interior. Enfiou a roupa sobre o corpo ainda húmido. Passou o pente pelo cabelo molhado, tentando utilizar como espelho a base cromada do autoclismo. O rosto rapado e deformado pela superfície convexa e baça, pareceu-lhe o de um personagem estranho, sinistro. Vestiu o sobretudo.

O carcereiro acompanhou-o até ao fim do extenso corredor, com celas de ambos os lados. Quando o homem bateu com as chaves na porta gradeada para chamar a atenção do colega que estava de serviço ao patamar da escadaria central, tentou ver-lhe as horas no relógio de pulso. Passavam alguns minutos da meia-noite.

O do patamar, pistola-metralhadora sob o sobaco direito, veio abrir a porta e trouxe-o depois até ao átrio, ao piso térreo. Dois agentes conversavam com os guardas do piquete. O oficial-de-dia estendeu-lhes uma guia. Um deles assinou.

A mercadoria estava entregue.

Carlos Loures/Edições Salamandra)

NUNO B

Continuação da pag. 1

a sua construção romanesca e onde as personagens revelam uma memória viva e desperta, atenta a todos os pormenores, sujeita aos contrastes e incomodidades da vida, do tempo, dos outros, se aproxima, afinal, de um sentimento de amargura bem nítido e evidente. A análise crua e impiedosa a que o narrador se submete (e nela submete o próprio leitor) conduz por caminhos inesperados todo o clima e ambiência expressiva deste romance. E, sendo grito de libertação pessoal, sarcasmo permanente de um **julgar-se** a todo o instante, este livro de Nuno Bragança revelou um escritor de primeira grandeza, em plena maturidade criadora. E, sobretudo, provou à evidência que **escrever mal** (no sentido turvo e sempre exigido pelos «puristas» da linguagem) é ainda,

Silê

Pedro

Ouve
o silêncio
do tecto
branco

O ruído
do caruncho,
da noite
do soalho...



BRAGANÇA

Entre o riso e a morte

na actual literatura, a melhor e única saída para um escritor que «tudo quer dizer» e nada deixa escondido nos «subterrâneos» da consciência.

Ora, o «tempo de amor» de que todo esse romance nos fala, mergulha na certeza da percepção dos valores morais do tempo em que vivemos, mesmo na indecifrável nocturnidade de planos seguidos no fio narrativo. E a «desenvoltura» ou a clara linguagem utilizada faz aceitar ou repudiar imediatamente a condição de por aí nos sentimos atingidos e vivermos talvez idênticas situações. O «tempo de amor» de que nos fala *A Noite e o Riso* evidencia esse despojamento sem preconceitos, lúcido e amargurado, que não receia olhar o espelho e ver nele reflectido tudo o que se viveu, penitenciar-se ou

confessar-se diante do caminho percorrido e as figuras que ficaram vivas na memória: é um «tempo de amor» bem do nosso tempo, no despojar ainda de sentimentos e emoções trazidas nos ventos sobressaltados e esperançosos de Maio-68, arrancado das entranhas pela força e verdade de uma voz que «fala alto», se atreve a seguir por caminhos paralelos de outros grandes escritores, como Miller, Beckett, Céline ou Genet, esses «santos e mártires» deste tempo e contemporâneos há muito do futuro. E, apesar da narrativa fragmentada ou por se observarem pouco ligados por vezes os elementos do discurso literário que compõem os «painéis» deste belíssimo romance, *A Noite e o Riso*, volvidos alguns anos sobre o seu aparecimento, na memória que nos ficou de em princípios de 70 ser realmente uma sedutora surpresa literária em Portugal, testemunha que a moderna

literatura está viva e atenta às novas coordenadas estéticas, abarca essa «totalidade» do que em arte é sempre essencial e significativo.

3. Os livros posteriores de Nuno Bragança, com destaque para *Directa*, retomaram talvez o fio narrativo por caminhos de um empenhamento claramente ideológico e denunciador de uma consciência de algum modo em crise. Não por se ter «desviado» do percurso aberto pela *Noite e o Riso*, mas sobretudo porque os ventos sopraram noutro sentido e rasgaram novas portas e janelas voltadas para o mundo. E por aí talvez se tenha desfeito (se acaso realmente **se desfez**) esse sonho de reabilitação pelos segredos da «escrita». Se o romance de estreia se pode **ainda ler** como uma escrita de «clandestinidade» em tempos de fascismo, *Directa* ou *Square Tolstoi* surgem depois como

a atitude, julgamos nós, de quem se contesta primeiro a si mesmo e critica ou contesta o que à sua volta se passa. Mas não é já idêntico esse «tempo de amor» nem o despojamento da atitude se toma como forma de luta ou de compromisso pessoal. Antes é o modo de abrir os olhos à realidade política e social emergente de Abril 74, intervir nela e pôr em causa alguns valores que em consciência se recusa. E esquecer talvez que a **escrita** é ainda a única forma possível de salvação.

por isso, entre esses dois romances e o recente livro de contos *Estação*, há um trajecto feito de dissabores e desencantos, de que Nuno Bragança foi dando conta em crónicas ou nas poucas entrevistas que dele conhecemos. E a ideia de um certo «desgaste» permanecia como imagem de uma consciência perturbada ou desiludida por ver alterados valores em que acreditara, poder



deter-se, em definitivo, entre o risco e a morte. O riso como lúcida atitude crítica, penetrante e implacável, a sombra da morte como despedida final de frustração e desencanto. Apenas isso? Não sabemos se o livro acabou de publicar e outro romance que deixou

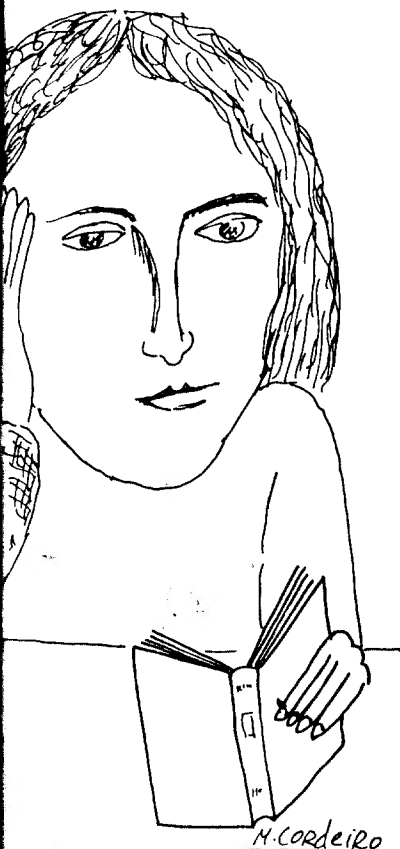
bemos. Mas o que nos fica da obra do autor de *A Noite e o Riso* é, sem dúvida, o «re-cado» (de que em literatura, como no resto, o que sempre conta é a obra e o seu **ex-emplo** mais imediato: nunca o contrário disso. E, nesta hora de despedida, com um concluído, o que nos resta de Nuno Bragança é a atitude moral e cultural de quem partiu antes de tempo desta vida e deixou assim **inacabado** todo um discurso literário tão prometedor desde o seu livro de estreia. E, neste tempo **ainda** de algumas lutas e não já o «tempo de amor» de *A Noite e o Riso*, termos clara consciência de que reter esse romance, deter a nossa atenção nas perspectivas que então abriu, será (ainda) a forma de melhor entender o que se nos afigura como o seu «testamento» pessoal e literário. E isso nos basta para não esquecer Nuno Bragança como presença de sempre na actual literatura portuguesa.

ênicio

edro Alvim

Morre
vivo
e pontual

como
calendário
na cal.



Fulminâncias

Carlos Leite

1.

Mansamente as raparigas saíram para a rua.
Chegarão de madrugada correndo mais?

2.

O que por aqui passa
não passa, é
o resíduo da tua passagem
por aqui.

3.

Renunciarias
à simples vitabilidade
porque ela desgosta os
outros
e não faz amigos?

Negra uma nuvem
no estômago enovela-te
o destino.

4.

Quanto custa esse teu
tranquilo lugar
puro gráfico fácil e
calmo dos sentimentos
sem passado nem futuro.



As bibliografias

Diego Afonso

Cinco, dez, trinta páginas. Uma boa bibliografia contenta tanto como ler um livro. Aliás o número dos que «não lêem mas conhecem» aumenta de dia para dia. Sabem inclusive a editora, o ano de edição e as tiragens anteriores: são os danados da bibliografia.

As universidades preferem a bibliografia à leitura de livros. — Quem o diz é Jorge Luís Borges no prefácio a uma antologia de poemas organizados pela editorial Emecé.

«La literatura suele escribirse en función de la historia de la literatura, senaladamente, en los Estados Unidos y en Francia, que abundam en cénaculos, en escuelas, en percursos, en manifestos, en litigios, en generaciones, en fechas y polémicas de prioridad.»

As sebtas eram signo de um saber arrogante, postulando o real mas não o inteligível. Hoje a bibliografia empresta ao estudante essa frágil arrogância de possuir a verdade possuindo as fontes de conhecimento. Na medida em que os corpos de livros delimitados são vastos e são simultaneamente aqueles onde as acções mais importantes se desenrolam o estudante fica com a impressão psicológica de familiaridade com o objecto de estudo. Dai até pensar que domina em absoluto autores e temas vai um passo.

A expectativa bibliográfica crítica



ESTANTE INFANTIL

ANA E O ARCO-ÍRIS

Maria João Reynaud, escreveu
 Alexandra Vasilikian, ilustrou

EDIÇÕES AFRONTAMENTO

TÍTULO — Ana e o Arco-Íris
 AUTOR — Maria João Reynaud
 ILUSTRADOR — Alexandra Vasilikian
 EDITOR — Edições Afrontamento

NÃO, não vou falar do que neste livro se escreveu e do que neste livro se desenhou e pintou. Vou ficar com ele entre as mãos, olhá-lo, folheá-lo, senti-lo como um ser vivo em si mesmo, objecto a quem basta ser bonito para ter asas...

Não se chega a compreender muito bem se quem principiou foi Maria João Reynaud ou Alexandra Vasilikian, de tal modo a forma de dizer e o seu ambiente se encontram ajustados. Sendo porém verdade que, por vezes, os olhos se esquecem das ilustrações e, por outras vezes, os olhos se esquecem dos textos. São, ao mesmo tempo, valores autónomos e complementares.

Uma leitura como ANA E O ARCO-ÍRIS levanta certamente problemas ao nível daquilo que se possa entender como possibilidade de entendimento das crianças. Quer dizer: estará uma criança apta a colher esta meditação sobre a experiência, sobre a vida, sobre o sofrimento, sobre a responsabilidade de escrever-viver? Não será ela tocada, em alguma medida, por um certo tom de desencanto, de alheamento, de cântico a qualquer coisa que se parece com a evasão?

Creio que não. Maria João Reynaud soube criar um ambiente de sonho-com-problemas, dentro. Problemas que são a tristeza das escolas feias, das flores que se desejam e se não têm, do fruto que apetece e se recusa, das coisas boas que fogem quando as mãos se aproximam, dos desejos que pairam sobre a vida e não encontram terra onde descer. E depois a ânsia de fugir, de não querer saber, de desligar, de engolir a droga libertadora...

Mas a vida é outra coisa. A vida é não desistir de desejar nem de lutar. O sonho tem de assumir a sua forma mais perfeita: o sonho colectivo. Oíçamos:

«Então o barco começou a deslizar, deixando para trás o Arco-Íris, que lentamente se diluiu no azul do Céu ou do Mar. Nesse momento, Ana compreendeu que a sua solidão era sem princípio nem fim, como o próprio Azul que a rodeava... (...) Ana abriu os olhos estremunhada, mas com agilidade de pássaro pequeno logo saltou da cama — e com uma nova pergunta nos lábios: «Para que todo o Azul, se não tiver com quem o partilhar?»

Esta é a chave do código: a interrogação a que os pequenos leitores terão de responder. Começando nessa altura a ser adultos.

Mário Castrim

As letras em dia

Roby Amorim, através de Edições Salamandra, acaba de publicar um interessantíssimo «Elucidário de Conhecimentos quase Inúteis», com base no dizer de Garcia de Orta «Saber dizer o que é». A laia de prólogo, diz Roby Amorim: «Como um operário da palavra, que é o meu utensílio, a minha pá, a minha enxada, procurei sempre identificar-me com a sua lógica interna como um motorista deve saber que regras determinam o funcionamento dos cavalos-vapor, da marmitta de Papin aos mecanismos computarizados, dos foguetões à energia nuclear do engenheiro Von Braun.

«Seria fascinante saber-se por que se designa um certo animal como cão, uma peça de mobiliário por cadeira, uma determinada árvore por pinheiro. Seria preciso percorrer todo o passado das palavras até ao velhíssimo pai Adão, que teve o direito de nomear as coisas. Nomear é, de resto, possuir essas mesmas coisas. Quando se grita: «O Joaquim!», o Joaquim pára na rua possuído pela nossa nomeação.

«Mas grave é tentar descobrir o autêntico nome de Deus, o que seria equivalente a possuir-lhe os segredos ocultos, a conseguir o conhecimento total. É uma situação tão séria que o E=mc² de Einstein (que se aproxima do conhecimento total) serviu para criar a bomba atómica, da mesma maneira que a construção da Torre de Babel se acabou pela destruição de um possível entendimento entre os homens.

«Este livro não pretende ser um tratado de semântica — que se deixa para os peritos — mas sim uma orquestração sobre a simbologia da palavra, embora lhe sobre um pouco de didactismo menos intencional.

«Que é uma palavra, até mesmo, que é um letra? Porque, na verdade, se pode ir ainda mais longe. «As letras, segundo o zohar (um medieval tratado de Cabala) revelam, pela sua forma, um ensinamento. São o símbolo de todo o universo.» De acordo com a mesma fonte «comparecem diante do Senhor para reivindicarem a honra de começar a criação do mundo». — Em suma, um livro que merece atenção, este agora saído da pena de Roby Amorim.

Estes apartamentos fazem as delícias do bibliógrafo possessor. Gavetas, arrumações, prateleiras... nada melhor que o catalogar com um nome daquilo que corre o risco de se nos escapar.

Hoje em dia, aliás, o bom docente universitário mede-se pelo número de páginas cravadas de indicações de livros fornecidos aos alunos no princípio do ano: cinco, dez, trinta quantas mais melhor.

Nas ciências humanas o carácter instrumental da bibliografia desvanecese e em seu lugar fica uma obsessão patológica de estudantes desejosos de fixarem os limites da sua aprendizagem pela antevisão do que é verosímil para o professor.

Na medida em que se gera a crença na constituição de um território de informações fechado, isomorfo e delimitado a bibliografia transforma-se num fetiche. A unidade física dos livros e das suas dinastias acaba por importar mais que as unidades discursivas. Com facilidade se esquece até a rede onde o livro está preso, remetendo irremediavelmente para outros livros e outros textos segundo uma cadeia que conduz a um infinito regresso:

(É que cada livro citado precisaria ter só para si uma bibliografia, e esta, por seu turno, uma bibliografia da bibliografia, e por aí adiante até ao infinito, não havendo portanto nada mais bizarro que a pretensão da exaustão em corpos documentais determinados).

Ler um livro será idealmente uma actividade com um desenvolvimento bem mais próximo das *Mil e uma noites*, onde cada história é interrompida e dá lugar a outra história, do que propriamente da leitura das páginas amarelas.

ca é pois o inverso da maieutica socrática. Uma procede pela crença ingénua na possibilidade do conhecimento. Outra elimina sucessivamente as crenças para se instalar entre os núcleos cognitivos possíveis.

Depois de contactar com a paisagem bibliográfica, o estudante lança-se para a leitura importante-se mais com a extensão e menos com a compreensão.

Fotocópias e livros de bolso facilitam esta empresa; aos danados da bibliografia nada escapa. O pensamento exerce-se permanentemente sobre um já dito, ignorando em qualquer discurso a presença significativa do que ele não diz, essa «falha que mina do interior tudo o que se diz.»

Tomando o possível pelo necessário, e não sendo muitas vezes contrariado pelo professor ou pelos colegas, o universitário tende a crisar todo o real.

Em cada fenómeno vê o indicativo da estrutura ou o exemplo de uma categoria abstracta. Não reflecte em algo com o estatuto de acontecimento/população de acontecimentos, preferindo rebater isso sobre uma plataforma de informações genéricas.

O acaso e o singular eclipsam-se sobre um «bulldozer» de abstracções com grande poder explanatório (aparente). Assim, sem saber, se passa para um trabalho que de historiador nada tem.

«A principios del siglo XVII, Francis Bacon sugirió que la historia no debería limitarse a la crónica de casas reales, de vicisitudes políticas y de guerras, y que podría también abarcar las ciencias y las artes. Ese consejo ha sido acatado; el abuso de la historia es uno de los males de nuestro tiempo.»